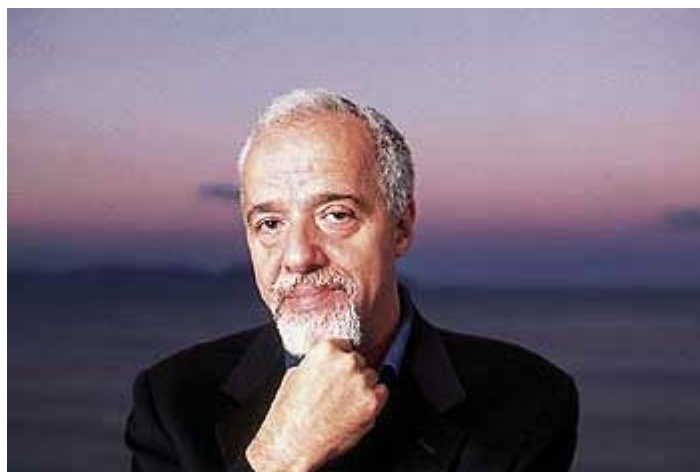
Paulo Coelho

Histórias para pais, filhos, e netos

Edição especial da página www.paulocoelho.com.br , venda proibida

Aquêle que entre vós for o menor de todos,
êsse é que é o grande

Lucas, 9-48

Nota do autor

Quando o grande místico sufi Hasan estava morrendo, um dos seus discípulos perguntou:

- Mestre, quem foi o teu mestre?

- Eu tive centenas de mestres – foi a resposta.- Se tivesse que dizer o nome de todos eles, levaria meses, talvez anos, e mesmo assim ainda terminaria esquecendo alguns.

- Entretanto, não houve algum deles que marcou mais que outros?

Hassan pensou por um minuto, e disse:

- Na verdade, existiram três pessoas que me ensinaram coisas muito importantes.

"O primeiro foi um ladrão. Certa vez eu estava perdido no deserto, e só consegui chegar em casa muito tarde da noite. Havia deixado minha chave com o vizinho, mas não tinha coragem de acorda-lo aquela hora. Finalmente encontrei um homem, pedi ajuda, e ele abriu a fechadura num piscar de olhos.

"Fiquei muito impressionado, e implorei que me ensinasse a fazer aquilo. Ele me disse que vivia de roubar as outras pessoas, mas eu estava tão agradecido que convidei-o para dormir em minha casa.

"Ele ficou comigo por um mês. Toda noite saía e comentava: "Estou indo trabalhar; continue sua meditação e reze bastante." Quando voltava, eu perguntava sempre se tinha conseguido alguma coisa. Ele invariavelmente me respondia: "Não consegui nada esta noite. Mas, se Deus quiser, amanhã tentarei de novo."

"Era um homem contente, e nunca o vi ficar desesperado com a falta de resultados. Durante grande parte da minha vida, quando eu meditava e meditava sem que nada acontecesse, sem conseguir meu contacto com Deus, eu me lembrava das palavras do ladrão – "não consegui nada esta noite, mas, se Deus quiser, amanhã tentarei de novo". Isso me deu forças para seguir adiante.

- Quem foi a segunda pessoa?

- Foi um cachorro. Eu estava indo em direção ao rio, para beber um pouco de água, quando o cachorro apareceu. Ele também estava com sede. Mas, quando chegou perto da água, viu outro cachorro ali – que não era mais que sua própria imagem refletida.

"Ficou com medo, afastou-se, latiu, fez tudo para que afastar o outro cachorro. Nada aconteceu, é claro. Finalmente, porque sua sede era imensa, resolveu enfrentar a situação e atirou-se dentro do rio; neste momento a imagem sumiu.

Hassan deu uma pausa, e continuou:

- Finalmente, meu terceiro mestre foi uma criança. Ela caminhava em direção à mesquita, com uma vela acesa na mão. Eu perguntei: "Você mesmo acendeu esta vela?" O garoto disse que sim. Como fico preocupado com crianças brincando com chamas, insisti: "Menino, houve um momento em que esta vela esteve apagada. Voce poderia me dizer de onde veio o fogo que a ilumina?"

"O garoto riu, apagou a vela, e me perguntou de volta: "E o senhor, pode me dizer para onde foi o fogo que estava aqui?"

"Neste momento eu entendi o quão estúpido sempre tinha sido. Quem acende a chama da sabedoria? Para onde ela vai? Compreendi que, igual aquela vela, o homem carrega por certos momentos no seu coração o fogo sagrado, mas nunca sabe onde ele foi aceso. A partir daí, comecei a comungar com tudo que me cercava – nuvens, arvores, rios e florestas, homens e mulheres. Tive milhares de mestres a minha vida inteira. Passei a confiar que a chama sempre estaria brilhando quando dela precisasse; fui um discípulo da vida, e ainda continuo sendo. Consegui aprender a aprender com as coisas mais simples e mais inesperadas, como as histórias que os pais contam para os seus filhos.

Este belo conto, pertencente à tradição mística do Islã, mostra que uma das formas mais tradicionais que o homem encontrou de passar o conhecimento de sua geração, foi através de histórias e relatos.

A história é o que existe de mais puro na literatura, porque permite interpretações que vão além do tempo em que foram concebidas. Elas são alegres, divertidas, dramáticas, mas sobretudo transmitem o conhecimento deuma maneira agradável. Enquanto escrevia a grande maioria dos textos deste livro, imaginava quem os concebeu, quem os contou para seus filhos e netos, como foram capazes de sobreviver ao tempo, viajar pelo espaço, e percorrer muitos continentes e oceanos.

Sempre que é possível identificar uma fonte – como a do conto acima – eu o faço. Mas a quase totalidade dos textos pertence aos arquivos secretos do coração do homem; o nome do autor se perdeu, embora sua mensagem continue presente . Existe também alguns contos que tem versoes diferentes em diferentes culturas, e neste caso eu optei pela mais conhecida.

"Histórias de pais, filhos e netos" deve muito aos leitores da coluna que escrevo em diversos jornais do Brasil e exterior; foram eles que me incentivaram a reunir o material sob a forma de livro, ao qual acrescentei algum material ainda inédito. Também resolvi incluir trechos que escrevi sobre certas experiencias pessoais, que gostaria de dividir com os outros.

Vamos, então, passear pelas tradições e lendas de diversos continentes, embalados pelas três palavras mágicas que escutamos na infância, e nunca mais esquecemos:

Era uma vez...

A verdadeira habilidade

O yogue Raman era um verdadeiro mestre na arte do arco e flecha. Certa manhã, ele convidou seu discípulo mais querido para assistir uma demonstração do seu talento. O discípulo já vira aquilo mais de cem vezes, mas - mesmo assim - resolveu obedecer o mestre.

Foram para o bosque ao lado do mosteiro: ao chegarem diante de um belo carvalho, Raman pegou uma das flores que trazia em seu colar, e a colocou um dos ramos da árvore.

Em seguida, abriu seu alforje, e retirou três objetos: seu magnífico arco de madeira preciosa, uma flecha, e um lenço branco, bordado com desenhos em lilás.

O yogue então posicionou-se a uma distância de cem passos do local onde havia colocado a flor. De frente para o seu alvo, e pediu que seu discípulo o vendasse com o lenço bordado.

O discípulo fez o que o mestre ordenara.

"Quantas vezes você já me viu praticar o nobre a antigo esporte do arco e flecha?" – perguntou.

"Todos os dias", respondeu o discípulo. "E sempre o vi acertar na rosa, a uma distância de trezentos passos".

Com seus olhos cobertos pelo lenço, o yogue Raman firmou os seus pés na terra, distendeu o arco com toda a sua energia – apontando na direção da rosa colocada num dos ramos do carvalho – e disparou.

A flecha cortou o ar, provocando um ruído agudo, mas nem sequer atingiu a árvore, errando o alvo por uma distância constrangedora.

"Acertei? "disse Raman, retirando o lenço que cobria seus olhos.

"O senhor errou – e por uma grande margem" respondeu o discípulo. "Achei que ia mostrar-me o poder do pensamento, e sua capacidade de fazer mágicas."

"Eu lhe dei a lição mais importante sobre o poder do pensamento", respondeu Raman. " Quando desejar uma coisa, concentre-se apenas nela: *ninguém jamais será capaz de atingir um alvo que não consegue ver*."

Como ser lembrado

No mosteiro de Sceta, o abade Lucas reuniu os frades para o sermão.

- Que vocês jamais sejam lembrados - disse ele.

- Mas como? - respondeu um dos irmãos. - Sera' que nosso exemplo não pode ajudar quem está precisando?

- No tempo em que todo mundo era justo, ninguém prestava atenção nas pessoas exemplares - respondeu o abade. - Todos davam o melhor de si, sem pretender, com isso, cumprir seu dever com o irmão. Amavam ao seu próximo porque entendiam que isto era parte da vida, e não estavam fazendo nada de especial em respeitar com uma lei da natureza. Dividiam seus bens para não terem que ficar acumulando mais do que podiam carregar, já que as viagens duravam a vida inteira. Viviam juntos em liberdade, dando e recebendo, sem nada a cobrar ou culpar nos outros. Porisso seus feitos não foram contados, e eles não deixaram nenhuma história.

" Quem dera, pudéssemos conseguir a mesma coisa no presente: fazer do bem uma coisa tão comum, que não haja qualquer necessidade de exaltar aqueles que o praticaram."

Reconstruindo o mundo

O pai estava tentando ler o jornal, mas o filho pequeno não parava de perturba-lo. Já cansado com aquilo, arrancou uma folha – que mostrava o mapa do mundo – cortou-a em varios pedaços, e entregou-a ao filho.

- Pronto, aí tem algo para você fazer. Eu acabo de lhe dar um mapa do mundo, e quero ver se você consegue monta-lo exatemente como é.

Voltou a ler seu jornal, sabendo que aquilo ia manter o menino ocupado pelo resto do dia. Quinze minutos depois, porém, o garoto voltou com o mapa.

- Sua mãe andou lhe ensinando geografia? – perguntou o pai, aturdido.

- Nem sei o que é isso – respondeu o menino. – Acontece que, do outro lado da folha, estava o retrato de um homem. E, uma vez que eu consegui reconstruir o homem, eu também reconstruí o mundo.

Pensando na morte

Zilu perguntou a Confúcio (filósofo chinês, que viveu no século VI A.C).:

- Posso perguntar-lhe o que pensa sobre a morte?

Poder, você pode – respondeu Confúcio. – Mas se ainda não compreende a vida, por que deseja saber tanto sobre a morte? Deixe para refletir sobre ela quando a vida já tiver acabado.

Pagando o preço devido

Nuxivan havia reunido seus amigos para jantar, e estava cozinhando um suculento pedaço de carne. De repente, percebeu que o sal havia terminado.

Nixivan chamou o seu filho:

- Vai até a aldeia, e compre o sal. Mas pague um preço justo por ele: nem mais caro, nem mais barato.

O filho ficou surpreso:

- Compreendo que não deva pagar mais caro, papai. Mas, se puder barganhar um pouco, por que não economizar algum dinheiro?

- Numa cidade grande, isto é aconselhável. Mas, numa cidade pequena como a nossa, toda a aldeia perecerá.

Quando os convidados, que tinham assistido a conversa, quiseram saber porque não se devia comprar o sal mais barato, Nixivan respondeu:

- Quem vender o sal abaixo do preço, deve estar agindo assim porque precisa desesperadamente de dinheiro. Quem se aproveitar desta situação, estará mostrando desrespeito pelo suor e pela luta de um homem que trabalhou para produzir algo.

- Mas isso é muito pouco para que uma aldeia seja destruída.

- Também, no início do mundo, a injustiça era pequena. Mas cada um que veio depois terminou acrescentando algo, sempre achando que não tinha muita importância, e vejam onde terminamos chegando hoje.

A falta de um tijolo

Durante uma viagem, recebi um fax de minha secretária.

"Ficou faltando um tijolo de vidro para a reforma da cozinha", dizia ela. "Envio o projeto original, e o jeito que o pedreiro dará para compensar a falta."

De um lado, havia o desenho que minha mulher fizera: fileiras harmoniosas, com abertura para a ventilação. Do outro lado, o projeto que resolvia a falta do tijolo: um verdadeiro quebra-cabeças, onde os quadrados de vidro se misturavam sem qualquer estética.

"Comprem o tijolo que falta", escreveu minha mulher. Assim foi feito, e o desenho original foi mantido.

Naquela tarde, fiquei pensando muito tempo no ocorrido; quantas vezes, pela falta de um simples tijolo, deturpamos completamente o projeto original de nossas vidas.

Epictetus reflete sobre o encontro

Epictetus (A.D. 55 – A.D. 135) nasceu escravo, e se tornou um dos grandes filósofos de Roma. Foi expulso da cidade no ano 94, e criou – no exílio – uma maneira de ensinar a seus discípulos. A seguir, trecho de sua "Arte de Viver":

"Duas coisas podem acontecer quando nos encontramos com algúem: ou nos tornamos amigos, ou tentamos convencer esta pessoa a aceitar nossas convicções. O mesmo acontece quando a brasa encontra um outro pedaço de carvão: ou compartilha seu fogo com ele, ou é sufocada por seu tamanho, e termina se extinguindo.

" Como, geralmente, somo inseguros num primeiro contacto, tentamos a indiferença, a arrogância, ou a excessiva humildade. O resultado é que deixamos de ser quem somos, e as coisas passam a se dirigir para um estranho mundo que não nos pertence.

"Para evitar que isto aconteça, permita que seus bons sentimentos sejam logo notados. A arrogância geralmente é uma máscara banal da covardia, mas termina impedindo que coisas importantes floresçam na sua vida. "

Um conto de Kahlil Gibran

Eu estava andando nos jardins de um asilo de loucos, quando encontrei um jovem rapaz, lendo um livro de filosofia.

Por seu jeito, e pela saúde que mostrava, não combinava muito com os outros internos.

Sentei-me ao seu lado, e perguntei:

- O que você está fazendo aqui?

Ele me olhou surpreso. Mas, vendo que eu não era um dos médicos, respondeu:

- É muito simples. Meu pai, um brilhante advogado, queria que eu fosse como ele. Meu tio, que tinha um grande entreposto comercial, gostaria que eu seguisse seu exemplo. Minha mãe desejava que eu fosse a imagem de seu adorado pai. Minha irmã sempre me citava o seu marido como exemplo de um homem bem-sucedido. Meu irmão procurava treinar-me para se um excelente atleta como ele.

"E o mesmo acontecia com meus professores na escola, o mestre de piano, o tutor de inglês – todos estavam convencidos e determinados que eram o melhor exemplo a seguir. Ninguém me olhava como se deve olhar um homem – mas como se olha no espelho.

"Desta maneira, eu resolvi internar-me neste asilo. Pelo menos, aqui eu posso ser eu mesmo".

O encontro com o rei

Um rei persa perguntou a Saadi de Shiraz:

- Nas tuas caminhadas pelas cidades de meu país, costumas pensar em mim, e nas minhas obras?

- Ó rei, eu penso em ti, sempre que me esqueço de Deus – foi a resposta do sábio.

O único culpado

O sábio rei Weng pediu para visitar a prisão de seu palácio. E começou a escutar as queixas dos presos.

- Sou inocente - dizia um acusado de homicídio. - Vim para cá porque quis assustar minha mulher, e sem querer a matei.

- Me acusaram de suborno - dizia outro. - Mas tudo que fiz foi aceitar um presente que me ofereciam.

Todos os presos clamaram inocência ao rei Weng. Até que um deles, um rapaz de pouco mais de vinte anos, disse:

- Sou culpado. Feri meu irmão numa briga e mereço o castigo. Este lugar me faz refletir sobre o mal que causei.

- Expulsem este criminoso da prisão imediatamente! - gritou o rei Weng. - Com tantos inocentes aqui, ele terminará por corrompe-los!

Como ajudar o país

Zizhang procurou Confúcio por toda a China. O país vivia um momento de grande convulsão social, e ele temia derramamento de sangue.

Encontrou o mestre junto de uma figueira, meditando.

- Mestre, precisamos urgente de sua presença no governo - disse Zizhang. - Estamos à beira do caos.

Confúcio continuou meditando.

- Mestre, ensinaste que não podemos nos omitir - continuou Zizhang. - Disseste que somos responsáveis pelo mundo.

- Estou rezando pelo país, - respondeu Confúcio. - Depois irei ajudar um homem na esquina. Fazendo o que está ao nosso alcance, beneficiamos a todos. Tentando apenas ter idéias para salvar o mundo, não ajudamos nem a nós mesmos. Existe mil maneiras de se fazer política; não é preciso ser parte do governo.

Onde o macaco coloca a mão

- É estranha esta expressão popular: *"macaco velho não bota a mão em cumbuca"*- comentei com um amigo

- Mas tem sua lógica – respondeu ele. - Na Índia, os caçadores abrem um pequeno buraco num coco, colocam uma banana dentro, e enterram-no. O macaco se aproxima, pega a banana, mas não consegue tira-la - porque sua mão fechada não passa pela abertura. Ao invés largar a fruta, o macaco fica lutando contra o impossível, até ser agarrado.

O mesmo se passa em nossas vidas. A necessidade de ter determinada coisa – as vezes algo pequeno e inútil - faz com que terminemos prisioneiros dela.

Escolhendo o destino

Há muitos anos atrás, vivia um homem que era capaz de amar e perdoar a todos que encontrava em seu caminho. Por causa disso, Deus enviou um anjo para conversar com ele.

- Deus pediu que eu viesse visitá-lo, e lhe dizer que Ele quer recompensa-lo por sua bondade – disse o anjo. - Qualquer graça que desejar, lhe será concedida. Você gostaria de ter o dom de curar?

- De maneira nenhuma – respondeu o homem. – Prefiro que o próprio Deus selecione aqueles que devem ser curados.

- E que tal, trazer os pecadores para o caminho da Verdade?

- Isso é uma tarefa de anjos como você. Eu não quero ser venerado por ninguém, e ficar servindo de exemplo o tempo todo.

- Eu não posso voltar para o céu sem ter lhe concedido um milagre. Se não escolher, será obrigado a aceitar um.

O homem refletiu um pouco, e terminou respondendo:

- Então, eu desejo que o Bem seja feito por meu intermédio, mas sem que ninguém perceba – nem eu mesmo, que poderei pecar por vaidade.

E o anjo fez com que a sombra daquele homem tivesse o poder de cura, mas só quando o sol estivesse batendo em seu rosto. Desta maneira, por onde passasse, os doentes eram curados, a terra voltava a ser fértil, e as pessoas tristes recuperavam a alegria.

O homem caminhou muitos anos pela Terra, sem jamais se dar conta dos milagres que realizava, porque – quando estava de frente para o sol, a sombra estava sempre nas suas costas. Desta maneira, pode viver e morrer sem ter consciência da própria santidade.

Frustrado na busca

O místico Ramakrishna começou a dedicar-se à vida espiritual desde a idade de dezesseis anos. No começo, chorava amargamente por não conseguir nenhum resultado - apesar de sua dedicação ao trabalho no templo.

Quando já era famoso, um amigo lhe perguntou sobre esta etapa de sua existência. Ramakrishna respondeu.

-Se um ladrão passasse a noite em uma sala, com apenas uma parece fina separando-o de um quarto cheio de ouro, ele conseguiria dormir? Ficaria acordado a noite inteira, arquitetando planos. Quando eu era jovem, desejava Deus mais ardentemente do que o ladrão desejaria aquele ouro, e me custou muito a aprender a maior virtude da busca espiritual: a paciência.”

Khrisna escutará a oração

A viúva de uma pobre aldeia em Bengala não tinha dinheiro para pagar o ônibus para seu filho, de modo que o garoto, quando foi matriculado num colégio, iria ter que atravessar, sozinho, uma floresta. Para tranquiliza-lo, ela disse:

- Não tenha medo da floresta, meu filho. Peça ao seu Deus Krishna para acompanha-lo. Ele escutará sua oração.

O garoto fez o que a mãe dizia, Krishna apareceu, e passou a leva-lo todos os dias à escola.

Quando chegou o dia do aniversário do professor, o menino pediu a mãe algum dinheiro para levar um presente.

- Não temos dinheiro, filho. Peça ao seu irmão Krishna para arranjar um presente.

No dia seguinte, o menino contou seu problema a Krishna. Este lhe deu uma jarra cheia de leite.

Animado, o menino entregou a jarra ao professor. Mas, como os outros presentes eram mais bonitos, o mestre não deu a menor atenção.

- Leva esta jarra para a cozinha – disse o professor para um assistente. –

O assistente fez o que lhe fora mandado. Ao tentar esvaziar a jarra, porém, notou que ela tornava a encher-se sozinha. Imediatamente, foi comunicar o fato ao professor que, aturdido, perguntou ao menino:

- Onde arranjou esta jarra, e qual é o truque que a mantém cheia?

- Quem me deu foi Krishna, o Deus da floresta.

O mestre, os alunos, o ajudante, todos riram.

- Não há deuses na floresta, isto é superstição! – disse o mestre. – Se ele existe, vamos lá fora para vê-lo!

O grupo inteiro saiu. O menino começou a chamar por Krishna, mas este não aparecia. Desesperado, ele fez uma última tentativa:

- Irmão Krishna, meu mestre quer vê-lo. Por favor, apareça!

Neste momento, escutou-se da floresta uma voz, que ecoou pela cidade e foi ouvida por todos:

- Como é que ele deseja me ver, meu filho? Ele nem sequer acredita que eu existo!

A arte de ouvir

O sábio Saadi de Shiraz caminhava por uma rua com seu discípulo, quando viu um homem tentando fazer com que sua mula andasse. Como o animal recusava-se a sair do lugar, o homem começou a insulta-lo com as piores palavras que conhecia.

- Não sejas tolo – disse Saad de Shiraz. – O asno jamais aprenderá tua linguagem. O melhor será que te acalmes, e aprendas a linguagem dele.

E afastando-se, comentou com o discípulo:

- Antes de entrar numa briga com um asno, pensa bem na cena que acabaste de ver.

A corneta que afastava tigres

Um homem chegou numa aldeia com uma corneta misteriosa, de onde pendiam panos vermelhos e amarelos, contas de cristal e ossos de animais.

- Esta é uma corneta que afasta tigres – disse o homem. – A partir de hoje, por uma modesta quantia diária, eu a tocarei todos as manhãs, e vocês nunca serão devorados por estes terríveis animais.

Os habitantes da aldeia, aterrorizados com a ameaça de ataque de um animal selvagem, concordaram em pagar o que o recém-chegado pediu.

Assim se passaram muitos anos, o dono da corneta ficou rico, e construiu um belo castelo para si mesmo. Certa manhã, um rapaz que passava pelo local, perguntou a quem pertencia aquele castelo. Ao saber da história, resolveu ir até lá conversar com o homem.

- Ouvi dizer que o senhor tem uma corneta que afasta tigres – disse o rapaz. – Acontece, porém, que não existem tigres em nosso país.

Na mesma hora, o homem convocou todos os habitantes da aldeia, e pediu ao rapaz que repetisse o que dissera.

- vocês escutaram bem o que ele disse? – gritou o homem, assim que o rapaz terminou. – Esta é a prova irrefutável do poder da minha corneta!

O silêncio da noite

Num deserto da África, caminhavam o mestre sufi e seu discípulo. Quando a noite caiu, os dois montaram a tenda, e deitaram-se para descansar.

- Que silêncio! – comentou o discípulo

- Nunca diga: “que silêncio!” – respondeu o mestre. – Diga sempre: “eu não estou conseguindo escutar a natureza.”

Matisse e Renoir se encontram

Desde jovem, o pintor Henri Matisse costumava visitar semanalmente o grande Renoir em seu atelier. Quando Renoir foi atacado por artrite, Matisse passou a fazer visitas diárias, levando alimentos, pincéis, tintas, mas sempre procurando convencer o mestre de que estava trabalhando demais, e precisava descansar um pouco.

Certo dia, notando que cada pincelada fazia com que Renoir gemesse de dor, Matisse não se conteve:

“Grande mestre, sua obra já é vasta e importante. Por que continuar torturando-se desta maneira?”

“Muito simples”, Renoir respondeu. “A beleza permanece; a dor termina passando”.

O pão que caiu do lado errado

Nossa tendência é sempre acreditar que tudo que fazemos sempre tende a dar errado – já que achamos que somos incapazes de merecer uma benção. Eis uma interessante história a respeito:

Um homem tomava despreocupadamente seu café da manhã. De repente, o pão onde acabara de passar manteiga, caiu no chão.

Qual foi sua surpresa quando, ao olhar para baixo, viu que a parte onde tinha passado a manteiga estava virada para cima! O homem achou que tinha presenciado um milagre: animado, foi conversar com seus amigos sobre o ocorrido – e todos ficaram surpresos, porque o pão, quando cai no solo, sempre fica com a parte da manteiga virada para baixo, sujando tudo.

- Talvez você seja um santo – disse um. – E está recebendo um sinal de Deus.

A história logo correu a pequena aldeia, e todos se puseram a discutir animadamente o ocorrido: como é que, contrariando tudo o que se dizia, o pão daquele homem tinha caído no chão daquela maneira? Como ninguém conseguia encontrar uma resposta adequada, foram procurar um Mestre que morava nas redondezas, e contaram a história.

O Mestre pediu uma noite para rezar, refletir, pedir inspiração Divina. No dia seguinte, todos foram até ele, ansiosos pela resposta.

- É uma solução muito simples – disse o mestre. – Na verdade, o pão caiu no chão exatamente como devia cair; a manteiga é que havia sido passada no lado errado.

O matador de dragões

Zhuangzi, um célebre autor chinês, conta a história de Zhu Pingman, que foi procurar um mestre para aprender a melhor maneira de matar dragões.

O mestre treinou Pingman por dez anos seguidos, até que este conseguiu desenvolver – à perfeição – a técnica mais sofisticada de matar dragões.

A partir daí, Pingman passou o resto da vida procurando dragões, a fim de que pudesse mostrar a todos sua habilidade: para sua decepção, nunca encontrou nenhum.

O autor da história comenta: “todos nós nos preparamos para matar dragões, e terminamos sendo devorados pelas formigas dos detalhes, as quais nunca prestamos atenção”.

Sobre os mestres e professores

Em um dos textos de “Conversas Familiares”, Confúcio descreve um interessante diálogo a respeito do aprendizado:

Confúcio sentou-se para descansar, e logo os alunos começaram a fazer perguntas. Naquele dia, o Mestre estava bem disposto, e resolveu responder.

- O Sr. consegue explicar tudo o que sente. Por que não vai até o imperador e fala com ele?

- O imperador também faz belos discursos - disse Confúcio. – E belos discursos são apenas uma questão de técnica; eles não trazem em si a Virtude.

- Então envie o seu livro *Poemas.*

- Os trezentos poemas ali escritos podem ser resumidos numa só frase: *pense corretamente*. Este é o segredo.

- O que é pensar corretamente?

- É saber usar a mente e o coração, a disciplina e a emoção. Quando se deseja uma coisa, a vida nos guiará até lá, mas por caminhos que não esperamos. Muitas vezes, nos deixamos confundir, porque estes caminhos nos surpreendem – e então achamos que estamos indo na direção errada. Por isso eu disse: deixe-se levar pela emoção, mas tenha a disciplina de seguir adiante.

- O Sr. faz isso?

- Aos quinze anos, comecei a aprender. Aos trinta, passei a ter certeza do que desejava. Aos quarenta, as dúvidas voltaram. Aos cinquenta anos, descobri que o Céu tem um projeto para mim e para cada homem sobre a face da Terra. Aos sessenta, compreendi este projeto e encontrei a tranquilidade para segui-lo. Agora, aos setenta anos, posso escutar meu coração, sem que ele me faça sair do caminho.

- Então, o que o faz diferente dos outros homens que também aceitam a vontade do Céu?

- Eu procuro dividi-la com vocês. E quem consegue discutir uma verdade antiga com uma geração nova, deve usar sua capacidade ensinar. Esta é a minha única qualidade: ser um bom professor.

- O que é um bom professor?

- O que examina tudo o que ensina. As idéias antigas não podem escravizar o homem, porque elas se adaptam, e ganham novas formas. Então, tomemos a riqueza filosófica do passado, sem esquecer os desafios que o mundo presente nos propõe.

- O que é um bom aluno?

- Aquele que escuta o que eu digo, mas adapta meus ensinamentos à sua vida, e nunca os segue ao pé da letra. Aquele que não procura um emprego, mas um trabalho que o dignifica. Aquele que não busca ser notado, e sim fazer algo notável.

A ponte e a pinguela

Certo homem, depois de muitos anos de trabalho e meditação sobre a melhor maneira de atravessar o rio diante de sua casa, construiu uma pinguela sobre ele. Acontece que os habitantes da aldeia raramente ousavam atravessa-la, por causa de sua precariedade.

Um belo dia apareceu por ali um engenheiro. Junto com os habitantes, construíram uma ponte, o que deixou enfurecido construtor da pinguela. A partir daí, ele começou a dizer, para quem quisesse ouvir, que o engenheiro tinha desrespeitado o seu trabalho.

- Mas a pinguela ainda está lá! – respondiam os habitantes. – É um monumento aos seus anos de esforço e meditação.

- Ninguém a usa – o homem, nervoso, insistia.

- O senhor é um cidadão respeitado, e nós gostamos do senhor. Acontece que, se as pessoas acham a ponte mais bela e mais útil que a pinguela, o que podemos fazer?

- Ela está cruzando o meu rio!

- Mas senhor, apesar de todo o respeito que temos pelo seu trabalho, queríamos dizer que o rio não é seu. Ele pode ser atravessado a pé, por barco, a nado, de qualquer maneira que desejarmos; se as pessoas preferem cruzar a ponte, por que não respeitar o desejo delas?

"Finalmente, como podemos confiar em alguém que, ao invés de tentar melhorar a sua pinguela, passa o tempo todo criticando a ponte? "

(baseada numa história de Silvio Paulo Albino)

No caminho de uma feira de livros

Eu estava indo de New York para Chicago, rumo a feira de livros da American Booksellers Association. De repente, um rapaz fica em pé no corredor do avião:

- Preciso de doze voluntários - disse. - Cada um vai carregar uma rosa, quando aterrisarmos.

Várias pessoas levantaram a mão. Eu também levantei, mas não fui escolhido.

Mesmo assim, resolvi acompanhar o grupo. Descemos, o rapaz apontou para uma moça no saguão do aeroporto de O'Hare. Um a um, os passageiros foram entregando suas rosas para ela. No final, o rapaz pediu-a em casamento na frente de todos - e ela aceitou.

Um comissário de bordo comentou comigo:

- Desde que trabalho aqui, foi a coisa mais romântica que aconteceu neste aeroporto.

A essência do perdão

Um dos soldados de Napoleão cometeu um crime – a história não conta qual – e foi condenado à morte.

Na véspera do fuzilamento, a mãe do soldado foi implorar para que a vida de seu filho fosse poupada.

- Minha senhora, o que seu filho fez não merece clemência.

- Eu sei – disse a mãe. – Se merecesse, não seria verdadeiramente um perdão. Perdoar é a capacidade de ir além da vingança ou da justiça.

Ao ouvir estas palavras, Napoleão comutou a pena de morte em exílio.

O caminho do meio

O monge Lucas, acompanhado de um discípulo, atravessava uma aldeia. Um velho perguntou ao asceta:

- Santo homem, como me aproximo de Deus?

- Divirta-se. Louve o Criador com sua alegria - foi a resposta.

Os dois continuaram a caminhar. Neste momento, um jovem aproximou-se.

- O que faço para me aproximar de Deus?

- Não se divirta tanto - disse Lucas.

Quando o jovem partiu, o discípulo comentou:

- Parece que o senhor não sabe direito se devemos ou não devemos nos divertir.

- A busca espiritual e' uma ponte sem corrimão atravessando um abismo – respondeu Lucas. - Se alguém esta' muito perto do lado direito, eu digo 'para a esquerda!' Se aproximam-se do lado esquerdo, eu digo 'para a direita!'. Os extremos nos afastam do Caminho.

O gosto e a língua

Um mestre zen descansava com seu discípulo. A certa altura, tirou um melão do seu alforje, dividiu-o em dois, e ambos começaram a come-lo.

No meio da refeição, o discípulo comentou:

- Meu sábio mestre, sem que tudo que o senhor faz tem um sentido. Dividir este melão comigo talvez seja um sinal de que tem algo a me ensinar.

O mestre continuou a comer em silêncio.

- Pelo seu silêncio, entendo a pergunta oculta – insistiu o discípulo. – E deve ser a seguinte: o gosto que estou experimentando ao comer esta deliciosa fruta está em que lugar: no melão ou na minha língua?

O mestre não disse nada. O discípulo, entusiasmado, prosseguiu:

- E como tudo na vida tem um sentido, eu penso que estou perto da resposta a esta pergunta: o gosto é um ato de amor e interdependência entre os dois, porque sem o melão não haveria um objeto de prazer, e sem a língua...

- Basta! – disse o mestre. – Os mais tolos são aqueles que se julgam os mais inteligentes, e buscam uma interpretação para tudo! O melão é gostoso, isto é suficiente, e deixe-me come-lo em paz!

El Greco e a luz

Numa agradável tarde de primavera, um amigo foi visitar o pintor El Greco. Para sua surpresa, encontrou-o em seu atelier, com todas as cortinas fechadas.

Greco trabalhava num quadro que tinha como tema central a Virgem Maria, usando apenas uma vela para iluminar o ambiente. Surpreso, o amigo comentou:

- Sempre ouvi dizer que os pintores gostam do sol para escolher direito as cores que vão usar. Por que você não abre as cortinas?

- Agora não – respondeu El Greco. – Perturbaria o fogo brilhante da inspiração que está incendiando minha alma, e enchendo de luz tudo a minha volta.

COMO NIVELAR O MUNDO

Confúcio viajava com seus discípulos quando soube que, numa aldeia, vivia um menino muito inteligente. Confúcio foi até lá conversar com ele e, brincando, perguntou:

- Que tal se você me ajudasse a acabar com as desigualdades?

- Por que acabar com as desigualdades? – disse o menino. – Se achatarmos as montanhas, os pássaros não terão mais abrigo. Se acabarmos com a profundidade dos rios e dos mares, todos os peixes morrerão. Se o chefe da aldeia tiver a mesma autoridade que o louco, ninguém se entenderá direito. O mundo é muito vasto, deixa-lo com suas diferenças.

Os discípulos saíram dali impressionados com a sabedoria do menino. Quando já se encaminhavam para outra cidade, um deles comentou que todas as crianças deviam ser assim.

- Conheci muitas crianças que, ao invés de estar brincando e fazendo coisas de sua idade, procuravam entender o mundo – disse Confúcio. – E nenhuma destas crianças precoces conseguiu fazer algo importante mais tarde, porque jamais experimentaram a inocência e a sadia irresponsabilidade da infância.

A IMPORTANCIA DE SABER OS NOMES

Zilu perguntou a Confúcio:

- Se o rei Wen o chamasse para governar o país, qual seria a primeira providência?

- Aprender os nomes de meus assessores.

- Que bobagem! Isto e' a grande preocupação de um primeiro-ministro?

- Um homem nunca pode receber ajuda do que não conhece – respondeu Confúcio. - Se ele não entender a Natureza, não compreenderá Deus. Da mesma maneira, se não sabe quem está do seu lado, não terá amigos. Sem amigos, não pode estabelecer um plano.

“Sem um plano, não consegue dirigir ninguém. Sem direção, o país mergulha no escuro, e nem os dançarinos sabem decidir com que pé devem dar o próximo passo.

"Então, uma providência aparentemente banal – saber o nome de quem vai estar do seu lado – pode fazer uma diferença gigantesca. O mal do nosso tempo é que todo mundo quer consertar tudo de uma vez só, e ninguém se lembra de que precisa de muita gente para fazer isso."

A CIDADE E O EXÉRCITO

Conta a lenda que, indo em direção a Poitiers com seu exército, Joana D'Arc encontrou – no meio da estrada – um menino brincando com terra e galhos secos.

- O que você está fazendo? – perguntou Joana D'Arc.

- Não vê? – respondeu o menino. – Isto é uma cidade.

- Ótimo - disse ela. – Agora, por favor, saia do meio da estrada, que eu preciso passar com meus homens.

O menino levantou-se, irritado, e colocou-se diante dela.

- Uma cidade não se move. Um exército pode destruí-la, mas ela não sai do lugar.

Sorrindo com a determinação do garoto, Joana D'Arc ordenou que seu exército saísse da estrada e contornasse a "construção".

Não é um exemplo

O rabino Elimelekh havia feito uma bela pregação, e agora voltava para sua terra natal. Para homenageá-lo e mostrar gratidão, os fiéis resolveram seguir a carruagem de Elimelekh ate' que ela saísse da cidade.

Em dado momento, o rabino parou a carruagem, pediu que o cocheiro seguisse adiante sem ele, e passou a acompanhar o povo.

- Belo exemplo de humildade - disse um dos homens ao seu lado.

- Não existe qualquer humildade no meu gesto, mas um pouco de inteligência - respondeu Elimelekh. - Vocês aqui fora estão fazendo exercício, cantando, bebendo vinho, confraternizando uns com os outros, arranjando novos amigos, tudo por causa de um velho rabino que veio falar sobre a arte da vida. Então, deixemos minhas teorias seguirem naquela carruagem, porque eu quero participar da ação.

Rezando por todos

Um lavrador com a esposa doente, encomendou uma série de preces a um sacerdote budista. O sacerdote começou a rezar, pedindo que Deus curasse todos os enfermos.

- Um momento" - interrompeu o lavrador. - Eu pedi para que rezasse por minha esposa, e o senhor pede por todos os doentes.

- Estou rezando por ela.

- Mas pede por todos. Pode terminar beneficiando o meu vizinho, que está doente também. E eu não gosto dele!.

- Você não entende nada de curas - disse o monge, afastando-se. - Ao rezar por todos, estou unindo minhas preces às de milhões de pessoas que se encontram agora pedindo por seus doentes. Somadas, estas vozes chegam ate' Deus e beneficiam a todos. Divididas, elas perdem sua força, e não chegam a lugar nenhum.

Saadi de Shiraz e a oração

Saadi de Shiraz contava a seguinte história:

“ Quando eu era criança, costumava rezar com meu pai, meus tios e primos. Todas as noites nos reuníamos para escutar um trecho do Corão.

"Numa destas noites, enquanto meu tio lia uma passagem, reparei que a maior parte das pessoas dormia. Então comentei com papai: *' nenhum destes dorminhocos e' capaz de ficar atento às palavras do profeta. Jamais chegar*ão *ate' Deus!'*"

"E meu pai respondeu: *'meu filho querido, procura seu caminho com fé, e deixa cada um cuidar de si. Quem sabe, em seus sonhos, eles estão conversando com Deus. Eu preferia mil vezes que você estivesse dormindo como eles, a ter que escutar este seu julgamento duro, e esta sua condenação*."

O PAI DESOLADO

O rabino Abrahão vivera uma vida exemplar. Quando morreu, foi direto para o Paraíso, e os anjos deram-lhe boas-vindas com cânticos de louvor.

Mesmo assim, Abraão permanecia distante e aflito, mantendo a cabeça entre as mãos, e recusando-se a ser consolado. Finalmente, foi levado diante do Todo-Poderoso, e escutou uma voz, com infinita ternura, perguntar-lhe:

- Meu adorado servo, que amargura carregas em teu peito?

- Sou indigno das homenagens que estou recebendo – respondeu o rabino. – Embora eu fosse considerado um exemplo para o meu povo, devo ter feito algo de muito errado. Meu único filho, a quem dediquei o melhor de meus ensinamentos, tornou-se cristão!

- Não se preocupe com isso – disse a voz do Todo-Poderoso. – Eu também tive um único Filho, e ele fez a mesma coisa!

A MÃE DESOLADA

Conta Roberto Shiniashiky que uma mãe judia tentou educar seu filho da maneira mais tradicional possível. O rapaz, porém, tinha uma personalidade forte, e fazia apenas seguiu aquilo que o coração lhe indicava.

Quando morreu, assim como o rabino Abraão da história acima, ela foi direto para o céu - já que tinha sido um exemplo de dedicação na Terra. Ali chegando, contou às outras mães sua agonia com o filho – e descobriu que nenhuma delas estava satisfeita com os caminhos que seus descendentes haviam seguido.

Depois de dias de conversa – onde lamentavam não terem sido fortes o suficiente para controlar a família – o grupo viu Nossa Senhora passando.

- Aquela ali conseguiu educar seu filho! – disse uma das mães.

Imediatamente, todas se dirigiram até Nossa Senhora, e elogiaram a carreira de Jesus.

- Ele foi um sábio – disseram. – Cumpriu tudo que tinha lhe sido destinado, andou no caminho da verdade, não se desviou um só minuto, e até hoje é motivo de orgulho para sua família!

- Vocês têm toda razão – respondeu Nossa Senhora. – Mas, para falar a verdade, meu sonho era que ele fosse médico...

ONDE DEUS RESIDE

O grande rabino Yitzhak Meir, quando ainda estudava as tradições de seu povo, escutou um de seus amigos dizer, em tom de brincadeira:

- Eu lhe dou uma moeda se você conseguir me dizer onde Deus mora.

- E eu lhe darei duas moedas, se você me disser onde Deus não mora – respondeu Meir.

O MOMENTO DA AURORA

Um rabino reuniu seus alunos, e perguntou:

- Como é que sabemos o exato momento em que a noite acaba e o dia começa?

- Quando, a distância, somos capazes de distinguir uma ovelha de um cachorro - disse um menino.

O rabino não ficou contente com a resposta.

- Na verdade - disse outro aluno -sabemos que já é dia quando podemos distinguir, à distância, uma oliveira de uma figueira.

- Não é uma boa definição.

- Qual a resposta, então? - perguntaram os garotos.

E o rabino disse:

- Quando um estrangeiro se aproxima, e nós o confundimos com o nosso irmão, este é o momento em que a noite acabou e o dia começa.

CHOVE ADIANTE

Lutar contra certas coisas que só passam com o tempo é desperdiçar sua energia. Uma curtíssima história chinesa ilustra bem isso:

No meio do campo, começou a chover. As pessoas corriam em busca de abrigo, exceto um homem, que continuava a andar lentamente.

- Por que você não está correndo? - perguntou alguém.

- Porque também está chovendo na minha frente - foi a resposta.

NASRUDIN SEMPRE ESCOLHE ERRADO

Todos os dias Nasrudin ia esmolar na feira, e as pessoas adoravam vê-lo fazendo o papel de tolo, com o seguinte truque: mostravam duas moedas, uma valendo dez vezes mais que a outra. Nasrudin sempre escolhia a menor.

A história correu pelo condado. Dia após dia, grupos de homens e mulheres mostravam as duas moedas, e Nasrudin sempre ficava com a menor.

Até que apareceu um senhor generoso, cansado de ver Nasrudin sendo ridicularizado daquela maneira. Chamando-o num canto da praça, disse:

- Sempre que lhe oferecerem duas moedas, escolha a maior. Assim terá mais dinheiro, e não será considerado idiota pelos outros.

- O senhor parece ter razão - respondeu Nasrudin. - Mas se eu escolher a moeda maior, as pessoas vão deixar de me oferecer dinheiro, para provar que sou mais idiota que elas. O senhor não sabe quanto dinheiro já ganhei, usando este truque.

"Não ha' nada de errado em se passar por tolo, se na verdade o que você está fazendo é inteligente".

O QUE MAIS SE PREOCUPAVA

O autor Leo Buscaglia foi certa vez convidado a ser jurado de um concurso numa escola, cujo tema era: "a criança que mais se preocupa com os outros".

O vencedor foi um menino cujo vizinho – um senhor de mais de oitenta anos – acabara de ficar viúvo. Ao notar o velhinho no seu quintal,, em lágrimas, garoto pulou a cerca, sentou-se no seu colo, e ali ficou por muito tempo.

Quando voltou para sua casa, a mãe lhe perguntou o que dissera ao pobre homem.

- Nada – disse o menino. – Ele tinha perdido a sua mulher, e isso deve ter doído muito. Eu fui apenas ajuda-lo a chorar.

A RESPOSTA

Certa vez um homem interrogou o rabino Joshua ben Karechah:

- Por que Deus escolheu um espinhal para falar com Moisés?

O rabino respondeu:

- Se ele tivesse escolhido uma oliveira ou uma amoreira, você teria feito a mesma pergunta. Mas não posso deixa-lo sem uma resposta: por isso digo que Deus escolheu um mísero e pequeno espinhal para ensinar que não há nenhum lugar na terra onde Ele não esteja presente.

A JANELA E O ESPELHO

Um jovem muito rico foi ter com um rabi, e lhe pediu um conselho para orientar a vida. Este o conduziu até a janela e perguntou-lhe:

- O que vês através dos vidros?

- Vejo homens que vão e vêm, e um cego pedindo esmolas na rua.

Então o rabi mostrou-lhe um grande espelho e novamente o interrogou:

- Olha neste espelho e dize-me agora o que vês.

- Vejo-me a mim mesmo.

- E já não vês os outros! Repara que a janela e o espelho são ambos feitos da mesma matéria prima, o vidro; mas no espelho, porque há uma fina camada de prata colada a vidro, não vês nele mais do que a tua pessoa. Deves comparar-te a estas duas espécies de vidro. Pobre, vias os outros e tinhas compaixão por eles. Coberto de prata – rico – vês apenas a ti mesmo. Só valerás alguma coisa, quando tiveres coragem de arrancar o revestimento de prata que tapa os olhos, para poderes de novo ver e amar aos outros.

UM HOMEM DEITADO NO CHÃO

No dia 1 de julho, as 13:05 hs., havia um homem de aproximadamente cinquenta anos, deitado no calçadão de Copacabana. Eu passei por ele, lancei um rápido olhar, e continuei meu caminho em direção a uma barraca onde sempre costumo beber água de côco.

Como carioca, já cruzei, centenas (milhares?) de vezes por homens, mulheres ou crianças deitadas no chão. Como alguém que costuma viajar, já vi a mesma cena em praticamente todos os países onde estive – da rica Suécia à miserável Romenia. Vi pessoas deitadas no chão em todas as estações do ano: no inverno cortante de Madrid, Nova York ou Paris, onde ficam perto do ar quente que sai das estações de metrô. No sol escaldante do Líbano, entre os edifícios destruídos por anos de guerra. Pessoas deitadas no chão – bêbadas, desabrigadas, cansadas – não constituem novidade na vida de ninguém.

Tomei minha água de côco. Precisava voltar rápido, pois tinha uma entrevista com Juan Arias, do jornal espanhol *El País*. No meu caminho de volta, vi que o homem continuava ali, debaixo do sol – e todos que passavam agiam exatamente como eu: olhavam, e seguiam adiante.

Acontece que - embora eu não soubesse disso - minha alma já estava cansada de ver esta mesma cena, tantas vezes. Quando tornei a passar por aquele homem, algo mais forte do que me fez ajoelhar, e tentar levanta-lo.

Ele não reagia. Eu virei sua cabeça, e havia sangue perto de sua tempora. E agora? Era um ferimento sério? Limpei sua pele com a minha camiseta: não parecia nada grave.

Neste momento, o homem começou a murmurar qualquer coisa como *"pede para eles não me baterem."* Bem, ele estava vivo; agora eu precisava tira-lo do sol, e chamar a polícia.

Eu parei o primeiro homem que passou, e pedi que me ajudasse a arrasta-lo até a sombra entre o calçadão e a areia. Ele estava de terno, pasta, embrulhos, , mas deixou tudo de lado e veio me ajudar – sua alma também já devia estar cansada de ver aquela cena.

Uma vez colocado o homem na sombra, fui andando em direção à minha casa – sabia que havia uma cabine de PM, e poderia pedir ajuda ali. Mas antes de chegar até lá, cruzei com dois soldados.

- Tem um homem machucado, diante do numero tal – disse. – Coloquei-o na areia. Seria bom mandar uma ambulância.

Os policiais disseram que iam tomar providências. Pronto, eu havia cumprido meu dever. Escoteiro, sempre alerta. A boa ação do dia! O problema agora estava em outras mãos, elas que se responsabilizassem. E o jornalista espanhol estaria chegando em minha casa em alguns minutos.

Não tinha dado dez passos, e um estrangeiro me interrompeu. Falou em português confuso:

- Eu já tinha avisado a polícia sobre o homem na calçada. Eles disseram que, desde que não seja um ladrão, não é problema deles.

Eu não deixei que o homem terminasse de falar. Voltei até os guardas, convencido de que sabiam quem eu era, que escrevia em jornais, aparecia em televisão.

Voltei com a falsa impressão de que o sucesso, em alguns momentos, ajuda a resolver muitas coisas.

- O senhor é alguma autoridade? – perguntou um deles, notando que eu pedia ajuda de maneira mais incisiva.

Não tinham idéia de quem eu fosse.

- Não. Mas nós vamos a resolver este problema agora.

Eu estava mal vestido, camiseta manchada com o sangue do homem, bermudas cortadas de uma antiga calça jeans, suado. Eu era um homem comum, anônimo, sem qualquer autoridade além do meu cansaço de ver gente deitada no chão, durante dezenas de anos de minha vida, sem jamais ter feito absolutamente nada.

E isso mudou tudo. Tem um momento, que você está além de qualquer bloqueio ou medo. Tem um momento em que seus olhos ficam diferentes, e as pessoas entendem que você está falando sério. Os guardas foram comigo, e chamaram a ambulância.

Na volta para casa, recordei as três lições daquela caminhada. a] todo mundo pode parar uma ação quando ela ainda é puro romantismo. b] sempre há alguém para dizer: “agora que começaste, vá até o final.”

E finalmente: c] todo mundo é autoridade, quando está absolutamente convencido do que faz.

NHÁ CHICA DE BAEPENDI

O que é um milagre?

Existem definições de todos os tipos: algo que vai contra as leis da natureza, intercessões em momentos de crise profunda, coisas cientificamente impossíveis, etc.

Eu tenho minha própria definição: milagre é aquilo que enche o nosso coração de paz. As vezes se manifesta sob s forma de uma cura, de um desejo atendido, não importa – o resultado é que, quando o milagre acontece, sentimos uma profunda reverência pela graça que Deus nos concedeu.

Há vinte e tantos anos atrás, quando eu vivia meu período hippie, minha irmã me convidou para ser padrinho de sua primeira filha. Adorei o convite, fiquei contente que ela não me pediu para que cortasse os cabelos (naquela época, chegavam até a cintura), nem me exigiu um presente caro para a afilhada (eu não teria como comprar).

A filha nasceu, o primeiro ano se passou, e o batizado não acontecia nunca. Achei que minha irmã tinha mudado de idéia, fui perguntar o que havia acontecido, e ela respondeu: "você continua padrinho. Acontece que eu fiz uma promessa para Nhá Chica, e quero batiza-la em Baependi, porque ela me concedeu uma graça".

Não sabia onde era Baependi, e jamais tinha escutado falar de Nhá Chica. O período hippie passou, eu me tornei executivo de gravadora, minha irmã teve uma outra filha, e nada de batizado. Finalmente, em 1978, a decisão foi tomada, e as duas famílias – dela e de seu ex-marido – foram à Baependi. Ali eu descobri que a tal Nhá Chica, que não tinha dinheiro nem para seu próprio sustento, havia passado 30 anos construindo uma igreja e ajudando os pobres.

Eu vinha de um período muito turbulento em minha vida, e já não acreditava mais em Deus. Ou melhor dizendo, já não achava que procurar o mundo espiritual tinha muita importância: o que contava eram as coisas deste mundo, e os resultados que pudesse conseguir. Tinha abandonado meus sonhos loucos da juventude – entre os quais, ser escritor – e não pretendia voltar a ter ilusões. Estava ali naquela igreja para apenas cumprir um dever social; enquanto esperava a hora do batizado, comecei a passear pelos arredores, e terminei entrando na humilde casa de Nhá Chica, ao lado da igreja. Dois cômodos, e um pequeno altar, com algumas imagens de santos, e um vaso com duas rosas vermelhas e uma branca.

Num impulso, diferente de tudo o que eu pensava na época, fiz um pedido*: se, algum dia, eu conseguir ser o escritor que queria ser e já não quero mais, voltarei aqui quando tiver 50 anos, e trarei duas rosas vermelhas e uma branca.*

Apenas para me lembrar do batizado, comprei um retrato de Nhá Chica. Na volta para o Rio, o desastre: um ônibus pára subitamente na minha frente, eu desvio o carro numa fração de segundo, o meu cunhado também consegue desviar, o carro que vem atrás choca-se, há uma explosão, vários mortos. Estacionamos na beira da estrada, sem saber o que fazer. Eu procuro no bolso um cigarro, e vem o retrato de Nhá Chica. Silencioso em sua mensagem de proteção.

Ali começava minha jornada de volta aos sonhos, à busca espiritual, à literatura, e um dia eu me vi de novo no Bom Combate, aquele que você trava com o coração cheio de paz, porque é resultado de um milagre. Nunca me esqueci das três rosas. Finalmente, os cinquenta anos - que naquela época pareciam tão distantes - terminaram chegando.

E quase passam. Durante a Copa do Mundo, fui a Baependi pagar minha promessa. Algúem me viu chegando em Caxambú (onde pernoitei), e um jornalista veio me entrevistar. Quando eu contei o que estava fazendo ali, ele pediu:

- Fale sobre Nhá Chica. O corpo dela foi exumado esta semana, e o processo de beatificação está no Vaticano. As pessoas precisam dar seu testemunho.

- Não – disse eu. – É uma história muito íntima. Só falaria se recebesse um sinal.

E pensei comigo mesmo: “ O que seria um sinal? Só mesmo se alguém falasse em nome dela!”

No dia seguinte, peguei o carro, as flores, e fui a Baependi. Parei um pouco distante da igreja, lembrando executivo de gravadora que estivera ali tanto tempo antes, e as muitas coisas que tinham me conduzido de volta. Quando ia entrando na casa, uma mulher jovem saiu de uma loja de roupas:

- Vi que seu livro “Maktub” é dedicado a Nhá Chica – disse ela. – Garanto que ela ficou contente.

E não me pediu nada. Mas aquele era o sinal que eu estava esperando. E este é o depoimento público que eu precisava dar.

Utilizando os sinais

Um conhecido meu, por sua incapacidade de combinar o sonho com a realização, terminou com sérios problemas financeiros. E pior: envolveu outras pessoas, prejudicando gente que não queria ferir.

Sem poder pagar as dívidas que se acumulavam, chegou a pensar em suicídio. Caminhava por uma rua certa tarde, quando viu uma casa em ruínas. "Aquele prédio ali sou eu", pensou. Neste momento, sentiu um imenso desejo de reconstruir aquela casa.

Descobriu o dono, ofereceu-se para fazer uma reforma – e foi atendido, embora o proprietário não entendesse o que o meu amigo ia ganhar com aquilo. Juntos, conseguiram tijolos, madeira, cimento. Meu conhecido trabalhou com amor, sem saber porque ou para quem. Mas sentia que sua vida pessoal ia melhorando a medida que a reforma avançava.

No fim de um ano, a casa estava pronta. E seus problemas pessoais solucionados.

O MAHATMA VAI ÀS COMPRAS

Mahatma Gandhi, depois de ter conseguido a independência da Índia, fez uma visita à Inglaterra. Passeava com algumas pessoas pelas ruas de Londres, quando sua atenção foi atraída para a vitrine de uma famosa joalheria.

E ali ficou Gandhi, olhando as pedras preciosas e as jóias ricamente trabalhadas. O dono da joalheira imediatamente o reconheceu, e foi até a rua, saudá-lo:

- Muito me honra que o Mahatma esteja aqui, contemplando o nosso trabalho. Temos muitas coisas de imenso valor, beleza, arte, e gostaríamos de oferecer-lhe algo.

- Sim, estou admirado com tanta maravilha – respondeu Gandhi. – E mais ainda surpreso comigo, pois sabendo que podia ganhar um rico presente, ainda consigo viver e ser respeitado sem precisar usar jóias.

ENSINANDO O CAVALO A VOAR

Vamos dividir a palavra preocupação em duas: pré-ocupação. Ou seja, ocupar-se de algo antes que aconteça. Tentar resolver problemas que ainda não tiveram tempo de se manifestar. Imaginar que as coisas, quando chegam, sempre escolhem seu pior aspecto.

Há, é claro, muitas exceções. Uma delas é o herói desta pequena história:

Um velho rei da índia condenou um homem a forca. Assim que terminou o julgamento, o condenado pediu:

- Vossa Majestade é um homem sábio, e curioso com tudo que os seus súditos conseguem fazer. Respeita os gurus, os sábios, os encantadores de serpentes, os faquires. Pois bem: quando eu era criança, meu avô me transmitiu a técnica de fazer um cavalo branco voar. Não existe mais ninguém neste reino que saiba isto, de modo que minha vida deve ser poupada.

O rei imediatamente mandou trazer um cavalo branco.

- Preciso ficar dois anos com este animal – disse o condenado.

- você terá mais dois anos – respondeu o rei, a esta altura meio desconfiado. – Mas e este cavalo não aprender a voar, será enforcado.

O homem saiu dali com o cavalo, feliz da vida. Ao chegar em casa, encontrou toda a sua família em prantos.

- você está louco? – gritavam todos – Desde quando alguém desta casa sabe como fazer um cavalo voar?

- Não se preocupem – respondeu ele. – Primeiro, nunca alguém tentou ensinar um cavalo a voar, e pode ser que ele aprenda. Segundo, o rei está muito velho, e pode morrer neste dois anos. Terceiro, o animal também pode morrer, e eu conseguirei mais dois anos para treinar um novo cavalo. Isso sem contar a possibilidade de revoluções, golpes de estado, anistias gerais.

“Finalmente, se tudo continuar como está, eu ganhei dois anos de vida, onde posso fazer tudo o que tenho vontade: vocês acham pouco? “

COMO MANTER O INFERNO CHEIO

Conta uma lenda tradicional que, no momento em que o Filho de Deus expirou na cruz, foi diretamente ao inferno salvar os pecadores.

O diabo ficou muito triste.

- Não tenho mais função neste universo - disse Satanás. - A partir de agora, todos aqueles que eram marginais, que transgrediram os preceitos, cometeram adultérios, infringiram as leis religiosas, todos estes serão enviados diretamente ao Paraíso!

Jesus olhou para ele e sorriu:

- Não se lamente – disse para o pobre diabo – Virão para cá todos aqueles que, por se julgarem cheios de virtudes, vivem condenando os que não seguem minha palavra. Espere algumas centenas de anos, e verás que o inferno estará mais cheio do que antes!

O MOSTEIRO PODE ACABAR

O mosteiro atravessava tempos difíceis: por causa da nova moda, que afirmava que Deus era apenas superstição, os jovens já não queriam mais ser noviços. Uns foram estudar sociologia, outros passaram a ler tratados de materialismo histórico, mas – pouco a pouco – a pequena comunidade que restou foi se dando conta que seria necessário fechar o convento.

Os antigos monges foram morrendo. Quando o último deles estava pronto para entregar sua alma ao Senhor, chamou ao seu leito de morte um dos poucos noviços que restavam.

- Tive uma revelação – disse. – Este mosteiro foi escolhido para algo muito importante.

- Que pena – respondeu o noviço. – Porque só restam cinco rapazes, e não podemos dar conta de todas as tarefas, quanto mais de uma coisa importante...

- É uma pena mesmo. Porque, aqui no meu leito de morte, um anjo apareceu, e eu entendi que um de vocês cinco estava destinado a tornar-se um santo.

Disse isto, e expirou.

Durante o enterro, os rapazes olhavam-se entre si, espantados. Quem teria sido o escolhido: aquele que mais ajudava os habitantes da aldeia? O que costumava rezar com uma devoção especial? Ou o que pregava com tal entusiasmo, que os outros sentiam-se à beira das lágrimas?

Compenetrados pela presença de um santo entre eles, os noviços resolveram adiar um pouco a extinção do convento, e passaram a trabalhar duro, pregar com entusiasmo, reformar as paredes caídas, praticar a caridade e o amor.

Certo dia, um rapaz apareceu na porta do convento: estava impressionado com o trabalho dos cinco rapazes, e queria ajuda-los. Não demorou uma semana, outro jovem fez o mesmo. Aos poucos, o exemplo dos noviços correu a região.

- Os olhos deles brilham – dizia um filho ao seu pai, pedindo para entrar para o mosteiro.

- Eles fazem as coisas com amor – comentava um pai com seu filho. – Vê como o mosteiro está mais belo do que nunca?

Dez anos depois, já havia mais de oitenta noviços. Nunca se soube se o comentário do velho monge era verdadeiro, ou se ele tinha encontrado uma fórmula para fazer com que o entusiasmo devolvesse ao mosteiro a sua dignidade perdida.

DA IMPORTANCIA DA ORAÇÃO

Um homem recebeu, certa vez, a visita de alguns amigos.

- Gostaríamos muito que nos ensinasse aquilo que aprendeste todos estes anos – disse um eles.

- Estou velho – respondeu o homem.

- Velho e sábio – disse outro. – Afinal de contas, sempre te vimos rezando durante todo este tempo. O que conversas com Deus? Quais são as coisas importantes que devemos pedir?

O homem sorriu.

- No começo, eu tinha o fervor da juventude, que acredita no impossível. Então, eu me ajoelhava diante de Deus e pedia para que me desse forças para mudar a humanidade.

“Aos poucos, vi que era uma tarefa além das minhas forças. Então comecei a pedir a Deus que me ajudasse a mudar o que estava à minha volta.

- Neste caso, podemos garantir que parte de seu desejo foi atendido – disse um dos amigos. – Seu exemplo serviu para ajudar muita gente.

- Ajudei muita gente com meu exemplo; mesmo assim, sabia que não era a oração perfeita. Só agora, no final de minha vida, é que entendi o pedido que devia ter feito desde o início.

- E qual é este pedido?

- Que eu fosse capaz de mudar a mim mesmo.

A ORAÇÃO QUE EU ESQUECI

Andando pelas ruas de São Paulo, recebi de um amigo - Edinho - um panfleto chamado “Instante Sagrado.” Impresso a quatro cores, em excelente papel, ele não identificava nenhuma igreja ou o culto, apenas trazia uma oração no seu verso.

Qual foi minha surpresa ao ver que quem assinava esta oração era – EU! Ela havia sido publicada no início da década de 80, na contra-capa de um livro de poesia. Não pensei que resistisse ao tempo, nem que pudesse retornar as minhas mãos de maneira tão misteriosa; mas, quando a reli, não me envergonhei do que havia escrito.

Já que estava naquele panfleto, e já que acredito em sinais, achei oportuno reproduzi-la aqui. Espero estimular cada leitor a escrever sua própria prece, pedindo para si e para os outros aquilo que julga mais importante. Desta maneira, colocamos uma vibração positiva em nosso coração, e ela há de contagiar tudo que nos cerca.

Eis a oração:

Senhor, proteja as nossas dúvidas, porque a Dúvida é uma maneira de rezar. É ela que nos fazem crescer, porquê nos obriga a olhar sem medo para as muitas respostas de uma mesma pergunta. E para que isto seja possível,

Senhor, proteja as nossas decisões, porque a Decisão é uma maneira de rezar. Dai-nos coragem para, depois da dúvida, sermos capazes de escolher entre um caminho e o outro. Que o nosso SIM seja sempre um SIM, e o nosso NÃO seja sempre um NÃO. Que uma vez escolhido o caminho, jamais olhemos para trás, nem deixemos que nossa alma seja roída pelo remorso. E para que isto seja possível,

Senhor, proteja as nossas ações, porque a Ação é uma maneira de rezar. Fazei com que o pão nosso de cada dia seja fruto do melhor que levamos dentro de nós mesmos. Que possamos, através do trabalho e da Ação, compartilhar um pouco do amor que recebemos. E para que isto seja possível,

Senhor proteja os nossos sonhos, porque o Sonho é uma maneira de rezar. Fazei com que, independente de nossa idade ou de nossa circunstância, sejamos capazes de manter acesa no coração a chama sagrada da esperança e da perseverança. E para que isto seja possível,

Senhor, dai-nos sempre entusiasmo, porque o Entusiasmo é uma maneira de rezar. É ele que nos liga aos Céus e a Terra, aos homens e as crianças, e nos diz que o desejo é importante, e merece o nosso esforço. É ele que nos afirma que tudo é possível, desde que estejamos totalmente comprometidos com o que fazermos. E para que isto seja possível,

Senhor, proteja-nos, porque a Vida é a única maneira que temos para manifestar o Teu milagre. Que a terra continue transformando a semente em trigo, que nós continuemos transmutando o trigo em pão. E isto só é possível se tivermos Amor – portanto, nunca nos deixe em solidão. Dai-nos sempre a tua companhia, e a companhia de homens e mulheres que tem dúvidas, agem, sonham, se entusiasmam, e vivem como se cada dia fosse totalmente dedicado a Tua gloria.

Amem.

O ELEFANTE E A CORDA

Eis o procedimento adotado pelos treinadores de circo, para que os elefantes jamais se rebelem – e eu desconfio que isso também se passa com muita gente.

Ainda criança, o bebê-elefante é amarrado, com uma corda muito grossa, a uma estaca firmemente cravada no chão. Ele tenta soltar-se várias vezes, mas não tem forças suficientes para tal.

Depois de um ano, a estaca e a corda ainda são suficientes para manter o pequeno elefante preso; ele continua tentando soltar-se, sem conseguir. A esta altura, o animal passa a entender que a corda sempre será mais forte que ele, e desiste de suas iniciativas.

Quando chega a idade adulta, o elefante ainda se lembra que, por muito tempo, gastou energia toa, tentando sair do seu cativeiro. A esta altura, o treinador pode amarra-lo com um pequeno fio, num cabo de vassoura, que ele não tentará mais a liberdade.

A MÃE GIRAFA FAZ O FILHO SOFRER

O parto da girafa é feito com ela em pé, de modo que a primeira coisa que acontece com o recém-nascido é uma queda de aproximadamente dois metros.

Ainda tonto, o animal tenta firmar-se nas quatro patas, mas a mãe tem um comportamento estranho: ela dá um leve chute, e a girafinha cai de novo ao solo. Tenta levantar-se, e é de novo derrubada.

O processo se repete várias vezes, até que o recém-nascido, exausto, já não consegue mais ficar de pé. Neste momento, a mãe novamente o instiga com a pata, forçando a levantar-se. E já não o derruba mais.

A explicação é simples: para sobreviver aos animais predadores, a primeira lição que a girafa deve aprender é levantar-se rápido. A aparente crueldade da mãe encontra total apoio em um provérbio árabe: “as vezes, para ensinar algo bom, é preciso ser um pouco rude”.

A CARPA APRENDE A CRESCER

A carpa japonesa (koi) tem a capacidade natural de crescer de acordo com o tamanho do seu ambiente. Assim, num pequeno tanque, ela geralmente não passa de cinco ou sete centímetros - mas pode atingir três vezes este tamanho, se colocada num lago.

Da mesma maneira, as pessoas têm a tendência de crescer de acordo com o ambiente que as cerca. Só que, neste caso, não estamos falando de características físicas, mas de desenvolvimento emocional, espiritual, e intelectual.

Enquanto a carpa é obrigada, para seu próprio bem, a aceitar os limites do seu mundo, nós estamos livres para estabelecer as fronteiras de nossos sonhos. Se somos um peixe maior do que o tanque em que fomos criados, ao invés de nos adaptarmos a ele, devíamos buscar o oceano – mesmo que a adaptação inicial seja desconfortável e dolorosa.

AFASTANDO OS FANTASMAS

Durante anos, Hitoshi tentou – inutilmente – despertar o amor daquela que acreditava ser a mulher de sua vida. Mas o destino é irônico: no mesmo dia que ela finalmente o aceitou como futuro marido, também descobriu que estava com uma doença incurável, e não deveria viver por muito tempo.

Seis meses depois, já a beira da morte, ela pediu:

- Você vai me prometer uma coisa: jamais se apaixonará de novo. Se fizer isso, voltarei todas as noites para assombra-lo.

E fechou os olhos para sempre. Durante muitos meses, Hitoshi evitou aproximar-se de outras mulheres, mas o destino continuou irônico, e ele descobriu um novo amor. Quando preparava para casar-se, o fantasma da ex-amada cumpriu sua promessa, e apareceu.

- Você está me traindo – disse.

- Durante anos eu lhe entreguei o meu coração, e você não me correspondia – respondeu Hitoshi. – Não acha que mereço uma segunda chance de ser feliz?

Mas o fantasma da ex-amada não quis saber de desculpas e, todas as noites, vinha assusta-lo. Contava em detalhes o que tinha acontecido durante o dia, que palavras de amor ele dissera a sua noiva, quantos beijos e abraços haviam trocado.

Hitoshi já não podia mais dormir, e foi procurar o mestre zen Bashô.

- É um fantasma muito esperto – disse Bashô.

- Ela sabe tudo, nos menores detalhes! E já está levando o meu noivado ao fim, porque não consigo dormir, e, nos momentos de intimidade com minha amada, fico constrangido.

- Vamos afastar este fantasma – garantiu Bashô.

Naquela noite, quando o fantasma retornou, Hitoshi interrompeu-o antes que dissesse a primeira frase.

- Você é um fantasma tão sábio, que vamos fazer um trato. Como você me vigia todo tempo, vou perguntar algo que fiz hoje; se acertar, eu largo minha noiva e nunca mais terei mulher alguma. Se errar, você promete não tornar a aparecer, sob pena de ser condenada pelos deuses a vagar para sempre na escuridão.

- De acordo – respondeu o fantasma, confiante.

- Esta tarde, eu estava na mercearia, e, em determinado momento, peguei um punhado de grãos de trigo de dentro de um saco.

- Eu vi - disse o fantasma.

- A pergunta é a seguinte: quantos grãos de trigo eu segurei?

O fantasma, na mesma hora, entendeu que não conseguiria jamais responder à pergunta. Para evitar ser perseguido pelos deuses na escuridão eterna, resolveu desaparecer para sempre.

Dois dias depois, Hitoshi foi até a casa do mestre zen.

- Vim agradece-lo.

- Aproveite para aprender as lições que fazem parte desta sua experiência – respondeu Bashô.

“Em primeiro lugar, aquele espírito voltava sempre porque você tinha medo. Se quiser afastar uma maldição, não lhe dê nenhuma importância.

“ Segundo: o fantasma tirava proveito de sua sensação de culpa: quando nos sentimos culpados, sempre desejamos – inconscientemente – o castigo.

“ E finalmente: ninguém que realmente o amasse iria obriga-lo a fazer este tipo de promessa. Se você quer entender o amor, aprenda a liberdade.”

A PINTURA DOS DOIS ANJOS

No ano de 1476, dois homens conversam no interior de uma igreja medieval. Param por alguns minutos diante de um quadro que mostra dois anjos, de mãos dadas, descendo em direção a uma cidade.

- Estamos vivendo o terror da peste bubônica - comenta um deles. - Pessoas estão morrendo, não quero ver imagens de anjos.

- Esta pintura e' sobre a Peste – diz o outro. – É uma representação da Lenda Áurea. O anjo vestido de vermelho e' Lúcifer, o Maligno. Repara como ele tem, preso ao cinto, um pequeno saco: ali dentro está a epidemia que tem devastado nossas vidas e as vidas de nossas famílias.

O homem olha a pintura com cuidado. Realmente, Lúcifer carrega uma pequena sacola; entretanto, o anjo que o conduz tem uma aparência serena, pacífica, iluminada.

- Se Lúcifer traz a Peste, quem é este outro que o leva pela mão?

- Este é o anjo do Senhor, o mensageiro do Bem. Sem sua permissão, o Mal jamais poderia se manifestar.

- O que está fazendo, então?

- Mostrando o local onde os homens devem ser purificados por uma tragédia.

O FATO

Edmund Hillary foi o primeiro homem a subir o Everest, a montanha mais alta do mundo. Seu feito coincidiu com a coroação da Rainha Elizabeth, a quem dedicou a conquista, e de quem recebeu o título de “Sir”.

Um ano antes, Hillary já havia tentado a escalada, e fracassara por completo. Mesmo assim, os ingleses reconheceram seu esforço, e o convidaram a falar para uma numerosa platéia.

Hillary começou a descrever suas dificuldades, e, apesar dos aplausos, dizia sentir-se frustrado e incapaz. Em dado momento, porém, largou o microfone, aproximou-se da enorme gravura que ilustrava seu percurso, e gritou:

- Monte Everest, você me venceu esta primeira vez. Mas eu irei vence-lo no próximo ano, por uma razão muito simples: você já chegou ao máximo de sua altura, enquanto eu ainda estou crescendo!

A MULHER PERFEITA

Nasrudin conversava com um amigo.
- Então, mullah, nunca pensaste em casamento?
- Já pensei - respondeu Nasrudin. - Em minha juventude, resolvi conhecer a mulher perfeita. Atravessei o deserto, cheguei em Damasco, e conheci uma mulher espiritualizada e linda; mas ela não sabia nada nas coisas do mundo.

"Continuei a viagem, e fui a Isfahan; lá encontrei uma mulher que conhecia o reino da matéria e do espírito, mas não era bonita. Então resolvi ir até o Cairo, onde jantei na casa de uma moça bonita, religiosa, e conhecedora da realidade material.
- E por que não casaste com ela?
- Ah, meu companheiro! Infelizmente ela também procurava um homem perfeito.

O PATO E A GATA

- Como o senhor entrou na vida espiritual? - perguntou um dos discípulos ao mestre sufi Shams Tabrizi.
- Minha mãe dizia que eu não era bastante louco para ser internado num hospício, nem bastante santo para entrar num mosteiro - respondeu Tabrizi. - Então resolvi dedicar-me ao sufismo, onde aprendemos através da meditação livre.
- E como explicou isso a sua mãe?
- Com a seguinte fábula: alguém colocou um patinho para que uma gata tomasse conta. Ele seguia sua mãe adotiva por toda parte – até que, um dia, os dois foram parar diante de um lago. Imediatamente, o patinho entrou na água, enquanto a gata gritava da margem: " Saia daí! você vai morrer afogado!""

"E o patinho respondeu: " não, mamãe, descobri o que me faz bem, e sei que estou no meu ambiente. Vou continuar aqui, mesmo que a senhora não saiba o que significa um lago."

O PEIXE QUE SALVOU UMA VIDA

Nasrudin passa diante de uma gruta, vê um yogue meditando, e pergunta o que ele estava buscando.

- Contemplo os animais, e aprendi deles muitas lições que podem transformar a vida de um homem - diz o yogue.

- Pois um peixe já salvou minha vida - responde Nasrudin. – Se você me ensinar tudo o que sabe, eu lhe conto como foi.

O yogue espanta-se: só um santo pode ter a vida salva por um peixe. E resolve ensinar tudo que sabe.

Quando termina, diz a Nasrudin:

- Agora que ensinei tudo, ficaria orgulhoso em saber como um peixe salvou sua vida.

- É simples - responde Nasrudin. - Eu estava quase morrendo de fome quando o pesquei, e graças a ele pude sobreviver três dias.

O DESEJO DEVE SER FORTE

O mestre levou o discípulo para perto de um lago.

- Hoje vou ensina-lo que significa a verdadeira devoção – disse.

Pediu ao discípulo que entrasse com ele no lago, e segurando a cabeça do rapaz, colocou-a debaixo d'água.

O primeiro minuto passou. No meio do segundo minuto, o rapaz já se debatia com todas as forças para livrar-se da mão do mestre, e poder voltar a superfície.

No final do segundo minuto o mestre soltou-o. O rapaz, com o coração disparado, levantou-se, ofegante.

- O Sr. quis matar-me! – gritava.

O mestre esperou que ele se acalmasse, e disse:

- Não desejei mata-lo – porque se desejasse, você não estaria mais aqui. Queria apenas saber o que sentiu, enquanto estava debaixo d'água.

- Eu me senti morrendo! Tudo que desejava na vida era respirar um pouco de ar!

- É exatamente isso. A verdadeira devoção só aparece quando só temos um desejo, e morreremos se não conseguirmos realiza-lo.

O CAMINHO QUE LEVA AO CÉU

Quando perguntaram ao abade Antonio se o caminho do sacrifício levava ao céu, este respondeu:

- Existem dois caminhos de sacrifício. O primeiro é o do homem que mortifica a carne, faz penitência, porque acha que estamos condenados. Este homem sente-se culpado, e julga-se indigno de viver feliz. Neste caso, ele não chega a lugar nenhum, porque Deus não habita a culpa.

" O segundo é o do homem que, embora sabendo que o mundo não é perfeito como todos queríamos, reza, faz penitência, oferece seu tempo e seu trabalho para melhorar o ambiente ao seu redor. Então ele entende que a palavra ***sacrifício*** vem de ***sacro ofício.*** Neste caso, a Presença Divina o ajuda o tempo todo, e ele consegue resultados no Céu".

A VIRTUDE QUE OFENDE

O abade Pastor passeava com um monge de Sceta, quando foram convidados para comer. O dono da casa, honrado pela presença dos padres, mandou servir o que havia de melhor.

Entretanto, o monge estava no período de jejum; quando a comida chegou, pegou uma ervilha, e mastigou-a lentamente. E nada mais comeu.

Na saída, o abade Pastor conversou com ele:

- Irmão, quando for visitar alguém, não torne a sua santidade uma ofensa. Da próxima vez que estiver em jejum, não aceite convites para jantar.

O monge entendeu o que o abade Pastor dizia. A partir daí, sempre que estava com outras pessoas, se comportava como elas.

O PROBLEMA E A CULPA

Um dos monges de Sceta disse ao abade Mateus:

- Minha língua vive me causando problemas. Quando estou no meio dos fiéis, não consigo me controlar - e termino condenando suas ações erradas.

O velho abade respondeu ao irmão aflito:

- Se você acha que não é capaz de controlar-se, largue o ensino e retorne ao deserto. Mas não se iluda: escolher a solidão para fugir de um problema, é sempre uma prova de fraqueza.

- O que devo fazer?

- Admita alguns erros, para evitar a perniciosa sensação de superioridade. E acerte em tudo que puder acertar.

A MANEIRA DE AGRADAR AO SENHOR

Certo noviço procurou o abade Macário, e pediu conselhos sobre a melhor maneira de agradar ao Senhor.

- Vá até o cemitério e insulte os mortos - disse Macário.

O irmão fez o que foi ordenado. No dia seguinte, voltou a Macário.

- Eles responderam? – perguntou o abade

O noviço disse que não.

- Então vá até lá, e elogie-os.

O noviço obedeceu. Naquela mesma tarde, voltou até o abade, que de novo quis saber se os mortos haviam respondido.

- Não – disse o noviço.

- Para agradar ao Senhor, comporte-se da mesma maneira – comentou Macário. - Não conte nem com o desprezo dos homens, nem com seus louvores; desta maneira, você pode construir o seu próprio caminho.

MOGO QUER MELHORAR SEMPRE

Há muitos anos, vivia na China um jovem chamado Mogo, que ganhava o seu sustento quebrando pedras. Embora são e forte, o rapaz não estava contente com seu destino, e queixava-se noite e dia. Tanto blasfemou contra Deus, que seu anjo da guarda terminou aparecendo.

- você tem saúde, e uma vida pela frente – disse o anjo. – Todos os jovens começam fazendo algo como você. Por vive reclamando?

- Deus foi injusto comigo, e não me deu oportunidade de crescer – respondeu Mogo.

Preocupado, o anjo foi à presença do Senhor, pedindo ajuda para que seu protegido não terminasse perdendo sua alma.

- Seja feita a tua vontade – disse o Senhor. – Tudo que Mogo quiser,lhe será concedido.

No dia seguinte, Mogo quebrava pedras quando viu passar uma carruagem levando um nobre, coberto de jóias. Passando as mãos pelo rosto suarento e sujo, Mogo disse com amargura:

- Por que não posso eu ser nobre também? Este é o meu destino!

- Sê-lo-ás! - murmurou seu anjo, com imensa alegria.

E Mogo transformou-se no dono de um palácio suntuoso, muitas terras, cercado de servidores e cavalos. Costumava sair todos os dias com seu impressionante cortejo, e gostava de ver seus antigos companheiros alinhados à beira da rua, olhando-o com respeito.

Numa destas tardes, o calor estava insuportável; mesmo debaixo de seu guarda-sol dourado, Mogo transpirava como no tempo em que lascava pedras. Deu-se então conta de que não era tão importante assim: acima dele havia príncipes, imperadores, e ainda mais alto que estes estava o sol, que não obedecia a ninguém – pois era o verdadeiro rei.

- Ah, anjo meu! Por que não posso ser o sol? Este deve ser meu destino! - lamentou-se Mogo.

- Pois sê-lo-ás! - exclamou o anjo, escondendo sua tristeza diante de tanta ambição.

E Mogo foi sol, como era seu desejo.

Enquanto brilhava no céu, admirado com seu gigantesco poder de amadurecer as colheitas, ou queimá-las a seu bel-prazer, um ponto negro começou a avançar ao seu encontro. A mancha escura foi crescendo – e Mogo reparou que era uma nuvem, estendendo-se a sua volta, e fazendo com que não mais pudesse ver a Terra.

- Anjo! - gritou Mogo - A nuvem é mais forte do que o sol! Meu destino é ser nuvem!

- Sê-lo-ás! - respondeu o anjo.

Mogo foi transformado em nuvem, e achou que havia realizado o seu sonho.

- Sou poderoso! - gritava, escurecendo o sol.

- Sou invencível! - trovejava, perseguindo as ondas.

Mas, na costa deserta do oceano erguia-se uma imensa rocha de granito, tão velha como o mundo. Mogo achou que a rocha o desafiava, e desencadeou uma tempestade que o mundo nunca antes vira. As ondas, enormes e furiosas, golpeavam a rocha, tentando arrancá-la do solo e atirá-la no fundo do mar.

Mas, firme e impassível, a rocha continuava no seu lugar.

- Anjo! - soluçava Mogo - a rocha é mais forte que a nuvem! Meu destino é ser uma rocha!

E Mogo transformou-se na rocha.

- Quem poderá vencer-me agora? - perguntava a si mesmo. – Sou o mais poderoso do mundo!

E assim se passaram vários anos, até que, certa manhã, Mogo sentiu uma lancetada aguda em suas entranhas de pedra, seguida de uma dor profunda, como se uma parte de seu corpo de granito estivesse sendo dilacerada. Logo ouviu golpes surdos, insistentes, e novamente a dor gigantesca.

Louco de espanto gritou:

- Anjo, alguém está querendo me matar! Ele tem mais poder que eu, eu quero ser como ele!

- E sê-lo-ás! - exclamou o anjo, chorando.

E foi assim que Mogo voltou a lascar pedras.

(história enviada por Shirlei Massapust)

É melhor o confronto

Vai ser a minha participação mais importante no Festival de Escritores em Melbourne, Austrália. São dez da manhã, a platéia está lotada. Serei entrevistado por um escritor local, John Felton.

Piso no palco com a apreensão de sempre. Felton me apresenta, e começa a me fazer perguntas. Antes que eu possa terminar um raciocínio, ele me interrompe e faz uma nova pergunta. Quando respondo, comenta algo como "esta resposta não foi bem clara". Cinco minutos depois, nota-se um mal-estar na platéia - todos estão percebendo que há algo errado. Lembro-me de Confúcio, e faço a única coisa possível:

- você gosta do que eu escrevo? –pergunto.

- Isso não vem ao caso – responde. – Sou eu a entrevista-lo, e não o contrário.

- Vem ao caso, sim. você não me deixa concluir uma idéia. Confúcio disse: "sempre que possível, seja claro." Vamos seguir este conselho e deixar as coisas claras: você gosta do que escrevo?

- Não, não gosto. Só li dois livros, e detestei.

- OK, então podemos continuar.

Os campos agora estavam definidos. A platéia relaxa, o ambiente enche-se de eletricidade, a entrevista vira um verdadeiro debate, e todos – inclusive Felton – ficam satisfeitos com o resultado.

Kerry Lee e o escritor

Uma vez terminada uma conferencia em Brisbane, Australia, saio do auditório para assinar as cópias dos livros. Como está um lindo entardecer, os organizadores colocaram a mesa de autógrafos do lado de fora do prédio da biblioteca.

As pessoas se aproximam, conversam, e - mesmo tão distante de casa - eu não me sinto um estrangeiro: meus livros chegaram antes de mim, mostraram minhas emoções e sentimentos.

De repente, uma garota de 22 anos se aproxima, fura a fila de autógrafos, e me encara:

- Cheguei atrasada para a palestra – disse. – Mas gostaria de lhe dizer algumas coisas importantes.

- Vai ser impossível – respondo. – Devo ficar assinando livros por mais uma hora, depois tenho um jantar.

- Não vai ser impossível – responde. – Meu nome é Kerry Lee Olditch. O que tenho a dizer posso faze-lo aqui e agora, enquanto você autografa.

E antes que eu possa reagir, tira de sua mochila um violino, e começa a tocar.

Eu continuo autografando por mais uma hora, ao som da música de Kerry Lee. As pessoas não vão embora – ficam assistindo aquele concerto inesperado, contemplando o por do sol, entendendo o que ela precisava me dizer, e que estava sendo dito.

Quando termino, ela para de tocar. Não há aplausos, nada, - apenas um silencio quase palpável.

- Obrigado – eu digo.

- Tudo nesta vida é questão de dividir almas – responde Kerry Lee.

E assim como chegou, vai embora.

O APRENDIZ DE CAÇADOR

O velho caçador de raposas – considerado o melhor da região – resolveu finalmente se aposentar. Juntou seus pertences e resolveu partir em direção ao sul do país, onde o clima era mais ameno.

Entretanto, antes que terminasse de empacotar suas coisas, recebeu a visita de um jovem.

- Quero aprender suas técnicas – disse o recém-chegado. – Em troca, compro a sua loja, a sua licença de caçador, e ainda pagarei por todos os segredos que o senhor conhece.

O velho concordou: assinaram o contrato, e ensinou ao rapaz todos os segredos da caça à raposa. Com o dinheiro recebido, comprou uma bela casa no sul, onde passou o inverno inteiro sem precisar preocupar-se em juntar lenha para calefação, já que o clima era muito agradável.

Na primavera, sentiu saudades de sua aldeia, e resolveu voltar para ver os seus amigos.

Lá chegando, cruzou no meio da rua com o jovem que, alguns meses antes, resolvera pagar uma fortuna por seus segredos.

- E então? – perguntou. – Como foi a temporada de caça?

- Não consegui pegar uma só raposa.

O velho ficou surpreso e confuso:

- Mas você seguiu meus conselhos?

Com os olhos fixos no chão, o rapaz respondeu:

- Bem, na verdade não segui. Achei que seus métodos estavam ultrapassados e terminei descobrindo – por mim mesmo – uma melhor maneira de caçar raposas.

NAO ESQUEÇA DE GUARDAR A CAIXA

O velho trabalhou a vida inteira. Ao aposentar-se, comprou uma fazenda - para que seu filho a administrasse - e resolveu passar o resto de seus dias na varanda da casa principal.

O filho trabalhou durante três anos. Então começou a ficar com raiva.

- Meu pai não faz nada – comentava com seus amigos. – Passa sua vida olhando o jardim, e me deixa trabalhar como um escravo, para que eu possa alimenta-lo.

Um dia, resolveu acabar com a situação injusta. Construiu uma grande caixa de madeira, foi até a varanda, e disse:

- Papai, por favor, entre aí.

O pai obedeceu. O filho colocou a caixa em seu caminhão, e foi até a beira de um precipício. Quando se preparava para joga-la lá embaixo, escutou a voz do pai:

- Meu filho, pode atirar-me do despenhadeiro, mas guarde a caixa. Você está dando o exemplo, e seus filhos, na certa, vão precisar usa-la com você.

O MELRO TOMA A DECISÃO

Um velho melro encontrou um miolo de pão, e saiu voando com ele. Ao ver isso, os pássaros mais jovens correram para ataca-lo.

Diante do combate iminente, o melro largou o miolo de pão na boca de uma serpente, pensando consigo mesmo:

"Quando se está velho, a gente vê a vida de outra maneira: perdi meu alimento, é verdade, mas posso encontrar outro miolo de pão amanhã.

"Entretanto, se insistisse em carrega-lo comigo, eu iria deflagrar uma guerra no céu; o vencedor passaria a ser invejado, os outros se armariam para combate-lo, o ódio encheria o coração dos pássaros, e tal situação podia durar por muito tempo.

"A sabedoria da velhice é essa: saber trocar as vitórias imediatas pelas conquistas duradouras".

A IMPORTANCIA DO GATO NA MEDITAÇÃO

Um grande mestre zen budista, responsável pelo mosteiro de Mayu Kagi, tinha um gato, que era sua verdadeira paixão na vida. Assim, , durante as aulas de meditação, mantinha o gato ao seu lado – para desfrutar o mais possível de sua companhia.

Certa manhã, o mestre – que já estava bastante velho – apareceu morto. O discípulo mais graduado ocupou seu lugar.

- O que vamos fazer com o gato? – perguntaram os outros monges.

Numa homenagem à lembrança de seu antigo instrutor, o novo mestre decidiu permitir que o gato continuasse frequentando as aulas de zen-budismo.

Alguns discípulos de mosteiros vizinhos, que viajavam muito pela região, descobriram que, num dos mais afamados templos do local, um gato participava das meditações. A história começou a correr.

Muitos anos se passaram. O gato morreu, mas os alunos do mosteiro estavam tão acostumados com a sua presença, que arranjaram outro gato. Enquanto isso, os outros templos começaram a introduzir gatos em suas meditações: acreditavam que o gato era o verdadeiro responsável pela fama e a qualidade do ensino de Mayu Kagi, e esqueciam-se que o antigo mestre era um excelente instrutor

Uma geração se passou, e começaram a surgir tratados técnicos sobre a importância do gato na meditação zen. Um professor universitário desenvolveu uma tese – aceita pela comunidade acadêmica – que o felino tinha capacidade de aumentar a concentração humana, e eliminar as energias negativas.

E assim, durante um século, o gato foi considerado como parte essencial no estudo do zen-budismo naquela região.

Até que apareceu um mestre que tinha alergia à pelos de animais domésticos, e resolveu tirar o gato de suas práticas diárias com os alunos.

Houve uma grande reação negativa – mas o mestre insistiu. Como era um excelente instrutor, os alunos continuavam com o mesmo rendimento escolar, apesar da ausência do gato.

Pouco a pouco, os mosteiros – sempre em busca de idéias novas, e já cansados de ter que alimentar tantos gatos – foram eliminando os animais das aulas. Em vinte anos, começaram a surgir novas teses revolucionárias – com títulos convincentes como “A importância da meditação sem o gato”, ou “Equilibrando o universo zen apenas pelo poder da mente, sem a ajuda de animais”.

Mais um século se passou, e o gato saiu por completo do ritual de meditação zen naquela região. Mas foram precisos duzentos anos para que tudo voltasse ao normal – já que ninguém se perguntou, durante todo este tempo, por que o gato estava ali.

Um escritor, que depois de séculos tomou conhecimento desta história, deixou registrado no seu diário:

E quantos de nós, em nossas vidas, ousa perguntar: por que tenho que agir desta maneira? Até que ponto, naquilo que fazemos, estamos usando "gatos" inúteis, que não temos coragem de eliminar, porque nos disseram que os "gatos" eram importantes para que tudo funcionasse bem?

O DISCIPULO IMPACIENTE

Após uma exaustiva sessão matinal de orações no monastério de Piedra, o noviço perguntou ao abade:

- Todas estas orações que o senhor nos ensina, fazem com que Deus se aproxime de nós?

- Vou responde-lo com outra pergunta – disse o abade. – Todas estas orações que você reza irão fazer o sol nascer amanhã?

- Claro que não! O sol nasce porque obedece a uma lei universal!

- Então, esta é a resposta à sua pergunta. Deus está perto de nós, independente das preces que fazemos.

O noviço revoltou-se:

- O senhor que dizer que nossas orações são inúteis?

- Absolutamente. Se você não acorda cedo, nunca conseguirá ver o sol nascendo. Se você não reza, embora Deus esteja sempre perto, você nunca conseguirá notar Sua presença.

EU QUERO ENCONTRAR DEUS

O homem chegou exausto no mosteiro:

- Venho procurando Deus há muito tempo – disse. – Talvez o senhor me ensine a maneira correta de encontra-Lo.

- Entre e veja nosso convento – disse o padre, pegando- o pelas mãos e levando-o até a capela. – Aqui estão as mais belas obras de arte do século XVI, que retratam a vida do Senhor, e a Sua glória junto aos homens.

O homem aguardou, enquanto o padre explicava cada uma das belas pinturas e esculturas que adornavam a capela. No final, repetiu a pergunta:

- Muito bonito tudo o que vi. Mas eu gostaria de aprender a maneira mais correta de encontrar Deus.

- Deus! – respondeu o padre. – você disse muito bem: Deus!

E levou o homem até o refeitório, onde estava sendo preparado o jantar dos monges.

- Olhe a sua volta: daqui a pouco será servido o jantar, e você está convidado para comer conosco. Poderá ouvir a leitura das Escrituras, enquanto sacia sua fome.

- Não tenho fome, e já li todas as escrituras – insistiu o homem. – Quero aprender. Vim até aqui para encontrar Deus.

O padre de novo pegou o estranho pelas mãos, e começaram a caminhar pelo claustro, que circundava um belo jardim.

- Peço aos meus monges para manterem a grama sempre cortada, e que tirem as folhas secas da água da fonte que você vê ali no meio. Penso que este é o mosteiro mais limpo de toda a região.

O estranho caminhou um pouco com o padre, depois pediu licença, dizendo que precisava ir embora.

- você não vai ficar para jantar? perguntou o padre.

Enquanto montava no seu cavalo, o estranho comentou:

- Parabéns por sua bela igreja, pelo refeitório acolhedor, pelo pátio impecavelmente limpo. Entretanto, eu viajei muitas léguas apenas para aprender a encontrar Deus, e não para deslumbrar-me com eficiência, conforto, e disciplina.

Um trovão caiu do céu, o cavalo relinchou forte, e a terra foi sacudida. De repente, o estranho tirou seu disfarce, e padre viu que estava diante de Jesus.

- Deus está onde O deixam entrar – disse Jesus. – Mas vocês fecharam a porta deste mosteiro para ele, usando regras, orgulho, riqueza, ostentação. Da próxima vez que um estranho se aproximar pedindo para encontrar Deus, não mostre o que vocês conseguiram em nome Dele: escute a pergunta, e tente responde-la com amor, caridade, e simplicidade.

Dizendo isso, desapareceu.

O LAGO E NARCISO

Quase todo mundo conhece a história original (grega) sobre Narciso: um belo rapaz que, todos os dias, ia contemplar seu rosto num lago. Era tão fascinado por si mesmo que, certa manhã, quando procurava admirar-se mais de perto, caiu na água e terminou morrendo afogado. No lugar onde caiu, nasceu uma flor, que passamos a chamar de narciso.

O escritor Oscar Wilde, porém, tem uma maneira diferente de terminar esta história.

Ele diz que, quando Narciso morreu, vieram as Oréiades – deusas do bosque – e viram que a água doce do lago havia se transformado em lágrimas salgadas.

- Por que você chora? – perguntaram as Oréiades.

- Choro por Narciso.

- Ah, não nos espanta que você chore por Narciso – continuaram elas. – Afinal de contas, apenas de todas nós sempre corrermos atrás dele pelo bosque, você era o único que tinha a oportunidade de contemplar de perto sua beleza.

- mas Narciso era belo? – quis saber o lago.

- Quem melhor do que você poderia saber? – responderam, surpresas, as Oréiades. – Afinal de contas, era em suas margens que ele se debruçava todos os dias.

O lago ficou algum tempo quieto. Por fim, disse:

- Eu choro por Narciso, mas jamais havia percebido que Narciso era belo.

“Choro por ele porque, todas as vezes que ele se deitava sobre minhas margens, eu podia ver, no fundo dos seus olhos, a minha própria beleza refletida”.

O JOGRAL DE NOSSA SENHORA

Conta uma lenda medieval que, com o Menino Jesus nos braços, Nossa Senhora resolver descer a Terra e visitar um mosteiro.

Orgulhosos, todos os padres fizeram uma grande fila, e cada um postava-se diante da Vigem, procurando homenagear a mãe e o filho. Um declamou belos poemas, outros mostrou suas iluminuras para a bíblia, um terceiro disse o nome de todos os santos. E assim por diante, monge após monge mostrou seu talento e sua dedicação aos dois.

No último lugar da fila havia um padre, o mais humilde do convento, que nunca havia aprendido os sábios textos da época. Seus pais eram pessoas simples, que trabalhavam num velho circo das redondezas, e tudo que lhe haviam ensinado era atirar bolas para cima e fazer alguns malabarismos.

Quando chegou sua vez, os outros padres quiseram encerrar as homenagens, porque o antigo malabarista não tinha nada de importante para dizer, e podia desmoralizar a imagem do convento. Entretanto, no fundo do seu coração, também ele sentia uma imensa necessidade de dar alguma coisa de si para Jesus e a Virgem.

Envergonhado, sentindo o olhar reprovador dos seus irmãos, ele tirou algumas laranjas do bolso e começou a joga-las para cima, fazendo malabarismos – que era a única coisa que sabia fazer.

Foi só neste instante que o Menino Jesus sorriu, e começou a bater palmas no colo de Nossa Senhora. E foi para ele que a Virgem estendeu os braços, deixando que segurasse um pouco a criança.

Excesso de renúncia

Conheci a pintora Miie Tamaki durante um seminário sobre Energia Feminina. Perguntei qual a sua religião.

- Não tenho mais religião - ela respondeu.

Notando, a minha surpresa, explicou:

- Foi educada para ser budista. Os monges me ensinaram que o caminho espiritual é uma constante renúncia: temos que superar nossa inveja, nosso ódio, nossas angústias de fé, nossos desejos.

“Consegui me livrar de tudo isto, até que um dia meu coração ficou vazio: os pecados tinham ido embora, e minha natureza humana também.

“No início fiquei contente, mas percebi que já não compartilhava das alegrias e paixões das pessoas à minha volta. Foi então que larguei a religião: hoje tenho meus conflitos, meus momentos de raiva e de desespero, mas sei que estou de novo perto dos homens - e conseqüentemente perto de Deus".

Entendendo as teias de aranha

Quando eu me encontrava fazendo o caminho de Roma, um dos quatro caminhos sagrados de minha tradição mágica, me dei conta - depois de quase vinte dias praticamente sozinho - que estava muito pior do que quando havia começado. Com a solidão, comecei a ter sentimentos mesquinhos, amargos, ignóbeis.

Procurei a guia do caminho, e comentei o fato. Disse que, ao iniciar aquela peregrinação, achei que ia me aproximar de Deus: entretanto, depois de três semanas, estava me sentindo muito pior.

- você está melhor, não se preocupe - disse ela. - Na verdade, quando acendemos a luz interior, a primeira coisa que vemos são as teias de aranha e a poeira, nossos pontos fracos. Já estavam ali, só que você não estava vendo nada, porque estava escuro. Agora ficou mais fácil limpar sua alma.

-
COMO TEMPERAR O AÇO

Lynell Waterman conta a história do ferreiro que, depois de uma juventude cheia de excessos, decidiu entregar sua alma a Deus. Durante muitos anos trabalhou com afinco, praticou a caridade, mas – apesar de toda a sua dedicação, nada parecia dar certo em sua vida.

Muito pelo contrário: seus problemas e dívidas acumulavam-se cada vez mais.

Uma bela tarde, um amigo que o visitava – e que se compadecia de sua situação difícil – comentou:

- É realmente muito estranho que, justamente depois que você resolveu se tornar um homem temente a Deus, sua vida começou a piorar. Eu não desejo enfraquecer sua fé, mas, apesar de toda a sua crença no mundo espiritual, nada tem melhorado.

O ferreiro não respondeu imediatamente: ele já havia pensado nisso muitas vezes, sem entender o que acontecia em sua vida.

Entretanto, como não queria deixar o amigo sem resposta, começou a falar – e terminou encontrando a explicação que procurava.Eis o que disse o ferreiro:

- Eu recebo nesta oficina o aço ainda não trabalhado, e preciso transforma-lo em espadas. você sabe como isso é feito?

"Primeiro, eu aqueço a chapa de aço num calor infernal, até que ela fique vermelha. Em seguida, sem qualquer piedade, eu pego o martelo mais pesado, e aplico vários golpes, até que a peça adquira a forma desejada.

"Logo ela é mergulhada num balde de água fria, e a oficina inteira se enche com o barulho do vapor, enquanto a peça estala e grita por causa da súbita mudança de temperatura.

"Tenho que repetir este processo até conseguir a espada perfeita: uma vez apenas não é suficiente."

O ferreiro deu uma longa pausa, acendeu um cigarro, e continuou:

- Às vezes, o aço que chega as minhas mãos não consegue aguentar este tratamento. O calor, as marteladas, e a água fria terminam por enche-lo de rachaduras. E eu sei que jamais se transformará numa boa lâmina de espada.

"Então, eu simplesmente o coloco no monte de ferro-velho que você viu na entrada da minha ferraria."

Mais uma pausa, e o ferreiro concluiu:

- Sei que Deus esta me colocando no fogo das aflições. Tenho aceito as marteladas que a vida me dá, e às vezes sinto-me tão frio e insensível como a água que faz sofrer o aço. Mas a única coisa que peço é: "Meu Deus, não desista, até que eu consiga tomar a forma que o Senhor espera de mim. Tente da maneira que achar melhor, pelo tempo que quiser – mas jamais me coloque no monte de ferro-velho das almas".

SATÃ VENDE OBJETOS USADOS

Como precisa adaptar-se aos novos tempos, Satã resolveu fazer uma liquidação de grande parte de seu estoque de tentações. Colocou anúncio no jornal, e atendeu os fregueses, em sua oficina, durante todo o dia.

Era um estoque fantástico: pedras para virtuosos tropeçarem, espelhos que aumentavam a própria importância, óculos que diminuíam a importância dos outros. Pendurados na parede, alguns objetos chamavam muita atenção: um punhal de lâmina curva, para ser usado nas costas de alguém, e gravadores que só registravam fofocas e mentiras.

- Não se preocupem com o preço! – gritava o velho Satã aos fregueses em potencial. – Levem hoje, paguem quando puder!

Um dos visitantes notou, jogado num canto, duas ferramentas que pareciam muito usadas, e que pouco chamavam a atenção. Entretanto, eram caríssimas. Curioso, quis saber a razão daquela aparente discrepância.

- Elas estão gastas porque são as que eu mais uso – respondeu Satã, rindo. – Se chamassem muito a atenção, as pessoas saberiam como se proteger.

“No entanto, ambas valem o preço que estou pedindo: uma é a Dúvida, a outra é o Complexo de Inferioridade. Todas outras tentações sempre podem falhar, mas estas duas sempre funcionam. “

É PRECISO MANTER O DIÁLOGO

A esposa do rabino Iaakov era considerada por todos os seus amigos como uma mulher muito difícil; por qualquer pretexto iniciava uma discussão.

Iaakov, porém, nunca respondia as provocações.

Até que, no casamento de seu filho Ishmael, quando centenas de convidados comemoravam alegremente, o rabino começou a ofender sua mulher – mas de tal maneira, que todos na festa puderam perceber.

- O que aconteceu? – perguntou um amigo de Iaakov, quando os ânimos serenaram. – Por que abandonou seu costume de jamais responder às provocações?

- Veja como ela está mais contente – sussurrou o rabino.

De fato, a mulher agora parecia estar se divertindo com a festa.

- vocês brigaram em público! Não entendo nem sua reação, nem a dela ! – insistiu o amigo.

- Faz alguns dias, entendi que o que mais perturbava minha mulher era o fato de eu ficar em silêncio. Agindo assim, eu parecia ignora-la, distanciar-me com sentimentos virtuosos. e faze-la sentir mesquinha e inferior.

“ Já que a amo tanto, resolvi fingir perder a cabeça na frente de todo mundo. Ela viu que eu compreendia suas emoções, que era igual a ela, e que ainda quero manter o diálogo”

O MACACO E A MACACA DISCUTEM

Sentados num galho de árvore, o macaco e a macaca contemplavam o por do sol. Em determinado momento, ela perguntou:

- O que faz com que o céu mude de cor, na hora que o sol atinge o horizonte?

- Se quisermos explicar tudo, deixamos de viver – respondeu o macaco. – Fique quieta, vamos deixar o nosso coração alegre com este entardecer romântico.

A macaca enfureceu-se

- você é primitivo e supersticioso. Já não dá mais atenção à lógica, e só quer saber é de aproveitar a vida.

Neste momento, passava uma centopéia.

- Centopéia! – gritou o macaco. – Como é que você faz para mover tantas patas em perfeita harmonia?

- Nunca pensei nisso! – foi a resposta.

- Então pense! Minha mulher gostaria de uma explicação!

A centopéia olhou para suas patas, e começou:

- Bem.. eu flexiono este músculo...não, não é bem isso, eu tenho que jogar o meu corpo por aqui...

Durante meia-hora, tentou explicar como movia suas patas, e, à medida que tentava, ia confundindo-se cada vez mais. Quanto quis continuar seu caminho, já não podia mais andar.

- Está vendo o que você fez? - gritou desesperada – Na ânsia de descobrir como funciono, perdi os movimentos!

- Está vendo o que acontece com quem deseja explicar tudo? – disse o macaco, voltando a assistir o por-do sol em silencio.

A VERDADEIRA IMPORTÂNCIA

Jean passeava com seu avô por uma praça de Paris. A determinada altura, viu um sapateiro sendo destratado por um cliente, cujo calçado apresentava um defeito. O sapateiro escutou calmamente a reclamação, pediu desculpas, e prometeu refazer o erro.

Pararam para tomar um café num *bistrô*. Na mesa ao lado, o garçom pediu a um homem que movesse um pouco a cadeira, para abrir espaço. O homem irrompeu numa torrente de reclamações, e negou-se.

- Nunca esqueça o que viu - disse o avô para Jean. - O sapateiro aceitou uma reclamação, enquanto este homem a nosso lado não quis mover-se. Os homens úteis, que fazem algo útil, não se incomodam de serem tratados como inúteis. Mas os inúteis sempre se julgam importantes, e escondem toda a sua incompetência atrás da autoridade.

O PRESENTE DE INSULTOS

Perto de Tókio vivia um grande samurai, já idoso, que agora se dedicava a ensinar o zen budismo aos jovens. Apesar de sua idade, corria a lenda de que ainda era capaz de derrotar qualquer adversário.

Certa tarde, um guerreiro – conhecido por sua total falta de escrúpulos – apareceu por ali.Era famoso por utilizar a técnica da provocação: esperava que seu adversário fizesse o primeiro movimento e, dotado de uma inteligência privilegiada para reparar os erros cometidos, contra-atacava com velocidade fulminante.

O jovem e impaciente guerreiro jamais havia perdido uma luta. Conhecendo a reputação do samurai, estava ali para derrota-lo, e aumentar sua fama.

Todos os estudantes se manifestaram contra a idéia, mas o velho aceitou o desafio.

Foram todos para a praça da cidade, e o jovem começou a insultar o velho mestre. Chutou algumas pedras em sua direção, cuspiu em seu rosto, gritou todos os insultos conhecidos – ofendendo inclusive seus ancestrais. Durante horas fez tudo para provoca-lo, mas o velho permaneceu impassível. No final da tarde, sentindo-se já exausto e humilhado, o impetuoso guerreiro retirou-se.

Desapontados pelo fato de que o mestre aceitara tantos insultos e provocações, os alunos perguntaram:

- Como o senhor pode suportar tanta indignidade? Por que não usou sua espada, mesmo sabendo que podia perder a luta, ao invés de mostrar-se covarde diante de todos nós?

- Se alguém chega até você com um presente, e você não o aceita, a quem pertence o presente? – perguntou o samurai.

- A quem tentou entrega-lo – respondeu um dos discípulos.

- O mesmo vale para a inveja, a raiva, e os insultos – disse o mestre. – Quando não são aceitos, continuam pertencendo a quem os carregava consigo.

ONDE ESTA O GUARDA-CHUVA

Ao cabo de dez anos de aprendizagem, Zenno achava que já podia ser elevado à categoria de mestre zen. Em um dia chuvoso, foi visitar o famoso professor Nan-in.

Ao entrar na casa de Nan-in, este perguntou:

- você deixou o seu guarda-chuva e os seus sapatos do lado de fora?

- Evidente – respondeu Zenno. – É o que manda a boa educação. Eu agiria assim maneira em qualquer lugar.

- Então me diga: você colocou o guarda-chuva do lado direito ou do lado esquerdo dos seus sapatos?

- Não tenho a menor idéia, mestre.

- O zen budismo é a arte da consciência total do que fazemos – disse Nan-in. – A falta de atenção nos pequenos detalhes pode destruir por completo a vida de um homem. Um pai que sai correndo de casa, nunca pode esquecer um punhal ao alcance do seu filho pequeno. Um samurai que não olha todos os dias a sua espada, terminará encontrando-a enferrujada quando mais precisar dela. Um jovem que esquece de dar flores a sua amada, vai acabar por perde-la.

E Zenno compreendeu que, embora conhecesse bem as técnicas zen do mundo espiritual, havia se esquecido de aplica-las no mundo dos homens.

A lembrança e o sal

Chego em Madrid às 8 da manhã. Vou ficar apenas algumas horas, não adianta telefonar para amigos, marcar algum encontro. Resolvo caminhar sozinho por lugares que gosto, e termino fumando um cigarro num banco do parque Retiro.

- você parece que não está aqui - diz um velho, sentando-se ao meu lado.

- Estou aqui – respondo. – Só que há doze anos atrás, em 1986. Sentado neste mesmo banco com um amigo pintor, Anastasio Ranchal. Nós dois estamos olhando minha mulher, Christina, que bebeu além da conta, e está fingindo que dança flamengo.

- Aproveite - diz o velho. – Mas não esqueça que a lembrança é como o sal: a quantidade certa dá tempero a comida, mas o exagero estraga o alimento. Quem vive muito no passado, acaba sem presente para recordar.

O que você salvaria

Um jornalista foi entrevistar Jean Cocteau. Sua casa era um verdadeiro amontoado de bibelôs, quadros, desenhos de artistas famosos, livros, Cocteau guardava tudo, e tinha um profundo amor por cada uma daquelas coisas. Foi então que, no meio da entrevista, eu resolvi perguntar: “se esta casa começasse a pegar fogo agora, e você só pudesse levar uma coisa consigo, o que escolheria?”

- E o que Cocteau respondeu? – pergunta Álvaro Teixeira, responsável pelo castelo onde estamos, e grande estudioso da vida do artista francês.

- Cocteau respondeu: “Eu levaria o fogo”.

E ali ficamos todos, em silêncio, aplaudindo no íntimo do coração a resposta tão brilhante.

MEU AMIGO ESCREVE UMA HISTÓRIA

Um amigo meu, Bruno Saint-Cast, trabalha na implantação de alta tecnologia na Europa. Certa noite, acordou de madrugada e não conseguiu mais dormir; sentia-se forçado a escrever uma carta sobre um velho amigo de adolescência, que havia encontrado no Tahiti.

Mesmo sabendo que teria que passar o dia seguinte trabalhando, Bruno começou a escrever uma história estranha, onde o tal amigo, John Salmon, fazia uma longa viagem da Patagônia até a Austrália. Enquanto escrevia, sentia uma sensação de liberdade muito grande, como se a inspiração brotasse sem qualquer interferência.

Assim que acabou de escrever a história, recebeu um telefonema de sua mãe: ela acabava de saber que John Salmon havia morrido.

O rabino e o perdão

A historia é atribuída ao grande rabino Bal Shen Tov. Conta-se que ele estava no topo de uma colina, com um grupo de estudantes, quando viu um grupo de cossacos atacarem a cidade e começarem a massacrar as pessoas.

Vendo muitos de seus amigos, lá embaixo, morrendo e pedindo misericórdia, o rabino exclamou:

- Ah, se eu pudesse ser Deus!

Um discípulo, chocado, virou-se para ele:

- Mestre, como ousa proferir uma blasfêmia destas? Quer dizer que, se o senhor fosse Deus, ia agir de maneira diferente? Quer dizer que o senhor acha que Deus muitas vezes faz o que é errado?

O rabino olhou nos olhos do discípulo, e disse:

- Deus sempre está certo. Mas se eu pudesse ser Deus, eu saberia entender o que está acontecendo.

A LEI E AS FRUTAS

No deserto, as frutas eram raras. Deus chamou um dos seus profetas, e disse:

- Cada pessoa só pode comer uma fruta por dia."

O costume foi obedecido por gerações, e a ecologia do local foi preservada. Como as frutas restantes davam sementes, outras árvores surgiram. Em breve, toda aquela região transformou-se num solo fértil, invejado pelas outras cidades.

O povo, porém, continuava comendo uma fruta por dia – fiel à recomendação que um antigo profeta tinha passado aos seus ancestrais. Alem do mais, não deixava que os habitantes das outras aldeias se aproveitassem da farta colheita que acontecia todos os anos.

O resultado era um só: as frutas apodreciam no chão.

Deus chamou um novo profeta e disse:

- Deixe que comam as frutas que queiram. E peça que dividam a fartura com seus vizinhos.

O profeta chegou na cidade com a nova mensagem. Mas terminou sendo apedrejado – já que o costume estava arraigado no coração e na mente de cada um dos habitantes.

Com o tempo, os jovens da aldeia começaram a questionar aquele costume bárbaro. Mas, como a tradição dos mais velhos era intocável, eles resolveram afasta-se da religião. Assim, podiam comer quantas frutas queriam, e dar o restante para os que necessitavam de alimento.

Na igreja local, só ficaram os que se achavam santos. Mas que, na verdade, eram pessoas incapazes de enxergar que o mundo se transforma, e que nós devemos nos transformar com ele.

SEM PISCAR OS OLHOS

Durante uma guerra civil na Coréia, certo general avançava implacavelmente com suas tropas, tomando província atrás de província, e destruindo tudo o que encontrava a sua frente. O povo de uma cidade, ao saber que o general se aproximava – e tendo ouvido histórias de sua crueldade – fugiu para uma montanha nas cercanias.

As tropas encontraram as casas vazias. Depois de muito vasculhar, descobriram um monge Zen, que havia permanecido no local. O general mandou que ele viesse a sua presença, mas o monge não obedeceu.

Furioso, o general foi até ele:

- você não deve saber quem eu sou! – esbravejou. – Eu sou aquela capaz de perfurar o seu peito com a minha espada, sem piscar os olhos!

O mestre Zen virou-se e respondeu serenamente:

- O senhor tampouco deve saber quem eu sou. Eu sou aquele capaz de ser perfurado por uma espada, sem piscar os olhos.

Ouvindo isso, o general curvou-se, fez uma reverência, e se retirou.

É' TUDO UMA QUESTÃO DE TEMPO

Um judeu ortodoxo aproximou-se do rabino Wolf:

- Os bares andam cheios, e as pessoas varam a madrugada divertindo-se!

O rabino nada respondeu.

- Os bares andam cheios, as pessoas passam a noite em claro jogando cartas, e o senhor não diz nada?

- É bom que os bares andem cheios – foi o comentário de Wolf. – Todo mundo, desde o principio da criação, sempre desejou servir a Deus. O problema é que nem todos sabem a melhor maneira de faze-lo. Procure julgar o que acha pecado, como se fosse uma virtude. Estas pessoas que passam a noite em claro estão aprendendo a permanecer despertas e persistir em algo. Quando se aperfeiçoarem nisso, tudo que terão que fazer é voltar seus olhos para Deus. E que servos excelentes eles serão!

- O senhor é muito otimista – disse o homem.

- Não se trata disso – respondeu Wolf. – Trata-se de entender que qualquer coisa que fazemos, por mais absurda que pareça, pode nos levar ao Caminho. É tudo uma questão de tempo.

A SUSPEITA QUE TRANSFORMA O SER HUMANO

O folclore alemão conta a história de um homem que, ao acordar, reparou que seu machado desaparecera. Furioso, acreditando que seu vizinho o tivesse roubado, passou o resto do dia observando-o.

Viu que tinha jeito de ladrão, andava furtivamente como ladrão, sussurrava como um ladrão que deseja esconder seu roubo. Estava tão certo de sua suspeita, que resolveu entrar em casa, trocar de roupa, e ir até a delegacia dar queixa.

Assim que entrou, porém, encontrou o machado – que sua mulher havia colocado em outro lugar. O homem tornou a sair, examinou de novo o vizinho, e viu que ele andava, falava e se comportava como qualquer pessoa honesta.

O bosque de cedros

Em 1939, o diplomata japonês Chiune Sugihara, que ocupava um posto na Lituânia durante uma das épocas mais terríveis da humanidade, salvou milhares de judeus poloneses da ameaça nazista, concedendo-lhes vistos de saída.

Seu ato de heroísmo, desafiando seu próprio governo ao longo de muitos anos, foi uma obscura nota de rodapé na história da guerra. Até que, os sobreviventes salvos por Sugihara começaram a despertar do silêncio, e resolveram a contar sua história. Logo sua coragem e grandeza estavam sendo celebradas, chamando a atenção dos meios de comunicação, e inspirando alguns autores a escrever livros que descreviam como o "Schindler japonês".

Enquanto isso, o governo israelense vinha reunindo os nomes dos salvadores, para recompensa-los pelos seus esforços. Uma das formas que o estado judeu tentava reconhecer sua dívida para com esses heróis consistia em plantar árvores em sua homenagem.Quando a bravura de Sugihara foi revelada, as autoridades israelenses planejaram,como era de costume, plantar um bosque de cerejeiras – árvore tradicional do Japão - em sua memória.

De repente, numa decisão incomum, a ordem foi revogada.Eles decidiram que, em comparação com a bravura de Sugihara, cerejeiras eram um símbolo insuficiente. Optaram, por um bosque de cedros, concluindo que o cedro era mais vigoroso e tinha conotações mais sagradas, por sido usado no Primeiro Templo.

Depois das árvores já plantadas, as autoridades descobriram, que "Sugihara" em japonês significa....bosque de cedros.

Em Buda e na Virgem Maria

O monge vietnamita Thich Nhat Hanh é um dos mais respeitados mestres de budismo no Ocidente.

Numa viagem ao Sri Lanka, encontrou seis crianças descalças. “não eram crianças de favela, e sim do campo; olhando-as, vi que formavam parte da natureza ao redor.

Ele estava sozinho na praia, e todos correram em sua direção. Como Thich Nhat Hanh não falava o idioma, limitou-se a abraça-las, e foi retribuído.

Em dado momento, porém, lembrou-se de uma antiga prece budista: “Refugio-me no Buda”. Começou a canta-la, e quatro das crianças fizeram o mesmo, batendo palmas, e reconhecendo um texto que talvez seus pais lhes tivesse ensinado. Thich Nhat Hanh então fez sinal as duas crianças que permaneciam caladas. Elas sorriram, juntaram as palmas das mãos, e disseram em páli: “Refugio-me na Virgem Maria”.

O som da prece era o mesmo. Naquela praia, naquela tarde, Thich Nhat Hanh diz que encontrou uma harmonia e serenidade que raramente experimentara.

O sacerdote e o filho

Durante muitos anos, um sacerdote brâmane cuidava de uma capela. Quando precisou viajar, pediu a seu filho que se encarregasse das tarefas diárias até o seu retorno. Entre essas tarefas, o menino devia colocar a oferenda de alimento diante da Divindade, e observar se Ela comia.

O garoto dirigiu-se, animado, até o templo onde pai trabalhava. Colocou o alimento, e ficou aguardando as reações da imagem.

Durante o resto do dia ele ficou ali. E a estátua permaneceu imóvel. O menino, porém, fiel às instruções de seu pai, estava certo que a Divindade desceria do altar para receber sua oferenda.

Depois de muita espera, ele suplicou:

- Oh Senhor, vinde e comei! Já é muito tarde já não posso esperar mais.

Nada aconteceu. Ele então começou a gritar:

- Senhor, meu pai me pediu que eu estivesse aqui quando o Senhor descesse, para aceitar a oferta. Por que não o fazeis? Só comeis a oferenda das mãos de meu pai? O que eu fiz de errado?

E chorou copiosamente por muito tempo. Quando ergueu os olhos e limpou as lágrimas, levou um susto: ali estava a Divindade, alimentando-se com que lhe tinha sido oferecido.

Alegre, o menino voltou correndo para casa. Qual foi sua surpresa quando, ao chegar, um de seus parentes lhe disse:

- O serviço terminou. Onde está a comida?

- Mas o Senhor a comeu – respondeu, surpreso, o menino.

Todos ficaram assombrados:

- O que é que estás dizendo? Repete, pois não ouvimos bem.

O menino repetiu com toda naturalidade e inocência:

- O Senhor comeu tudo que lhe ofereci.

- Não é possível! – disse um tio. – Seu pai lhe disse apenas para observar se ela comia. Todos nós sabemos que este é um ato meramente simbólico. você deve ter roubado a comida.

O menino, porém, não mudou sua história, mesmo quando o ameaçaram com uma surra.

Desconfiados, os familiares foram até o templo, e encontraram a Divindade sentada, sorrindo.

- Um pescador lançou ao rio a sua rede e conseguiu uma boa pesca – disse a Divindade - Alguns peixes estavam imóveis, sem fazer nenhum esforço para saírem. Outros lutavam desesperadamente, saltando, mas sem conseguir escapar. Só uns poucos eram afortunados em sua luta e conseguiam escapar.

“ Assim como os peixes, três tipos de homens vieram aqui para me trazer oferendas: uns não quiseram conversar comigo, achando que eu não ia responder. Outros tentaram, mas desistiram logo – com medo da decepção. Entretanto, este menino foi até o fim, e Eu, que jogo com a paciência e a perseverança dos homens, terminei por Me manifestar.

O pequeno sítio e a vaca

Um filósofo passeava por uma floresta com um discípulo, conversando sobre a importância dos encontros inesperados. Segundo o mestre, tudo que está diante de nós nos dá uma chance de aprender ou ensinar.

Neste momento, cruzavam a porteira de um sítio que, embora muito bem localizado, tinha uma aparência miserável.

- Veja este lugar – comentou o discípulo. – O senhor tem razão: acabo de aprender que muita gente está no Paraíso mas não se dá conta, e continua a viver em condições miseráveis.

- Eu disse aprender e ensinar – retrucou o mestre. – Constatar o que acontece não basta: é preciso verificar as causas, pois só entendemos o mundo quando entendemos as causas.

Bateram à porta, e foram recebidos pelos moradores: um casal e três filhos, com as roupas rasgadas e sujas.

- O senhor está no meio desta floresta, e não há qualquer comércio nas redondezas – disse o mestre para o pai de família. – Como sobrevivem aqui?

E o senhor, calmamente, respondeu:

- Meu amigo, nós temos uma vaquinha que nos dá vários litros de leite todos os dias. Uma parte desse produto nós vendemos ou trocamos na cidade vizinha por outros gêneros de alimentos; com a outra parte nós produzimos queijo, coalhada, manteiga para o nosso consumo. E assim vamos sobrevivendo.

O filósofo agradeceu a informação, contemplou o lugar por uns momentos, e foi embora. No meio do caminho, disse ao discípulo:

- Pegue a vaquinha, leve-a ao precipício ali em frente, e jogue-a lá em baixo.

- Mas ela é a única forma de sustento daquela família!

O filósofo permaneceu mudo. Sem ter outra alternativa, o rapaz fez o que lhe era pedido, e a vaca morreu na queda.

A cena ficou marcada em sua memória. Depois de muitos anos, quando já era um empresário bem sucedido, resolveu voltar ao mesmo lugar, contar tudo à família, pedir perdão, e ajudá-los financeiramente.

Qual foi sua surpresa ao ver o local transformado num belo sitio, com árvores floridas, carro na garagem, e algumas crianças brincando no jardim. Ficou desesperado, imaginando que a família humilde tivera que vender o sitio para sobreviver. Apertou o passo, e foi recebido por um caseiro muito simpático

- Para onde foi a família que vivia aqui há dez anos? – perguntou.

- Continuam donos do sitio – foi a resposta.

Espantado, ele entrou correndo na casa, e o senhor o reconheceu. Perguntou como estava o filósofo, mas o rapaz estava ansioso demais para saber como conseguira melhorar o sítio, e ficar tão bem de vida:

Bem, nós tínhamos uma vaca, mas ela caiu no precipício e morreu – disse o senhor. – Então, para sustentar minha família, tive que plantar ervas e legumes. As plantas demoravam a crescer, e comecei a cortar madeira para venda. Ao fazer isto, tive que replantar as árvores, e necessitei comprar mudas. Ao comprar mudas, lembrei-me da roupa de meus filhos, e pensei que podia talvez cultivar algodão. Passei um ano difícil, mas quando a colheita chegou, eu já estava exportando legumes, algodão, ervas aromáticas. Nunca havia me dado conta de todo o meu potencial aqui: ainda bem que aquela vaquinha morreu!

(historia que circulou durante o ano de 1999 na Internet, autor desconhecido)

O velho que atrapalhava tudo

G. I. Gurdjeff foi uma das mais intrigantes personalidades deste século. Bastante conhecido nos círculos que estudam ocultismo, é ainda ignorado como um importante estudioso da psicologia humana.

A história a seguir passa-se quando ele, já morando em Paris, criou seu famoso Instituto para o desenvolvimento do homem.

As aulas eram sempre bem concorridas. Mas entre os alunos, havia um velho – sempre de mau humor – que não parava de criticar o que ali era ensinado. Dizia que Gurdjeff era um charlatão, seus métodos não tinham qualquer base científica, e o fato de considerar-se um "mago" nada tinha a ver com sua verdadeira condição. Os alunos sentiam-se importunados pela presença daquele velho, mas Gurdjeff parecia não se importar.

Um belo dia, ele abandonou o grupo. Todos sentiram-se aliviados, achando que dali por diante as aulas seriam mais tranquilas e produtivas. Para surpresa dos alunos, porém, Gurdjeff foi até a casa do homem, e pediu para que voltasse a frequentar o Instituto.

O velho recusou-se no início, e só aceitou quando lhe foi oferecido um salário para assistir as aulas.

A história logo se espalhou. Os estudantes, revoltados, queriam saber como um mestre podia recompensar alguém que não tinha aprendido coisa alguma.

- Na verdade, eu o estou pagando para que continue a dar suas aulas – foi a resposta.

- Como? – insistiram os alunos. – Tudo que ele faz vai totalmente contra aquilo que o senhor nos está ensinando!

- Exatamente – comentou Gurdjeff. – Sem ele por perto, vocês custariam muito a aprender o que é raiva, intolerância, impaciência, falta de compaixão.

"Entretanto, com este velho servindo de exemplo vivo, mostrando que tais sentimentos tornam a vida de qualquer comunidade um inferno, o aprendizado é muito mais rápido.

"vocês me pagam para aprender a viver em harmonia, e eu contratei este homem para ajudar a ensina-los – pelo caminho oposto".

Como atingir a imortalidade

Ainda jovem, Beethoven resolveu escrever alguns improvisos sobre musicas de Pergolesi. Dedicou-se durante meses ao trabalho, e finalmente teve coragem de divulga-lo.

Um crítico publicou uma página inteira num jornal alemão, atacando com ferocidade a música do compositor.

Beethoven, porém, não se abalou com os comentários. Quando seus amigos insistiram para que respondesse ao crítico, ele apenas comentou:

- O que preciso fazer é continuar meu trabalho. Se a música que componho for tão boa como penso, ela irá sobreviver ao jornalista. Se tiver a profundidade que espero que tenha, ela irá sobreviver ao próprio jornal. Então, se este ataque feroz ao que faço for lembrado no futuro, será apenas para ser usado como exemplo da imbecilidade dos críticos.

Beethoven estava certíssimo. Mais de cem anos depois, a tal crítica foi lembrada num programa de rádio em São Paulo.

O vaso de porcelana e a rosa

Alessandra Marin conta a seguinte história : o Grande Mestre e o Guardião dividiam a administração de um mosteiro zen. Certo dia, o Guardião morreu e foi preciso substituí-lo.

O Grande Mestre reuniu todos os discípulos para escolher quem teria a honra de trabalhar diretamente ao seu lado.

- Vou apresentar um problema – disse o Grande Mestre. – E aquele que o resolver primeiro, será o novo Guardião do templo.

Terminado o seu curtíssimo discurso, colocou um banquinho no centro da sala. Em cima estava um vaso de porcelana caríssimo, com uma rosa vermelha a enfeitá-lo.

- Eis o problema – disse o Grande Mestre.

Os discípulos contemplavam, perplexos, o que viam: os desenhos sofisticados e raros da porcelana, a frescura e a elegância da flor. O que representava aquilo? O que fazer? Qual seria o enigma?

Depois de alguns minutos, um dos discípulos levantou-se, olhou o mestre e os alunos a sua volta. Depois, caminhou resolutamente até o vaso, e atirou-o no chão, destruíndo-o.

- você é o novo Guardião – disse o Grande Mestre para o aluno.

Assim que ele voltou ao seu lugar, explicou:

- Eu fui bem claro: disse que vocês estavam diante de um problema. Não importa quão belo e fascinante seja, um problema tem que ser eliminado.

“Um problema é um problema; pode ser um vaso de porcelana muito raro, um lindo amor que já não faz mais sentido, um caminho que precisa ser abandonado - mas que insistimos em percorre-lo porque nos traz conforto.

“Só existe uma maneira de lidar com um problema: atacando-o de frente. Nessas horas, não se pode ter piedade, nem ser tentado pelo lado fascinante que qualquer conflito carrega consigo”.

Caçando duas raposas

O estudante de artes marciais aproximou-se do professor:

- Gostaria muito de ser um grande lutador de aikidô – disse. – Mas penso que devia também me dedicar ao judô, de modo a conhecer muitos estilos de luta; só assim poderei ser o melhor de todos.

- Se um homem vai para o campo, e começa a correr atrás de duas raposas ao mesmo tempo, vai chegar um momento em cada uma correrá para um lado, e ele ficará indeciso sobre qual deve continuar perseguindo. Enquanto decide, ambas já estarão longe, e ele terá perdido seu tempo e sua energia.

"Quem deseja ser um mestre, tem que escolher apenas UMA coisa para aperfeiçoar-se. O resto é filosofia barata".

Mestre, discípulo e rio

Um discípulo tinha tanta fé nos poderes guru Sanjai, que chamou-o certa vez à beira do rio.

- Mestre, tudo que aprendi com o senhor fez com que minha vida mudasse. Fui capaz de reatar meu casamento, acertar-me nos negócios de minha família, e fazer caridade com todos na vizinhança. Tudo que eu pedi em seu nome, com fé, eu consegui.

Sanjai olhou para o discípulo, e seu coração encheu-se de orgulho.

O discípulo aproximou-se da margem do rio:

- Minha fé em seus ensinamentos e em sua divindade é tanta, que basta pronunciar seu nome e conseguirei caminhar sobre as águas.

Antes que o mestre pudesse dizer alguma coisa, o discípulo entrou no rio, gritando:

- Louvado seja Sanjai! Louvado seja Sanjai!

Deu o primeiro passo.

E outro.

E um terceiro. Seu corpo começou a levitar, e o rapaz conseguiu chegar ao outro lado do rio sem sequer molhar os pés.

Sanjai olhou surpreso para o discípulo, que acenava da margem, com um sorriso nos lábios.

" Quer dizer que sou muito mais iluminado do que penso? Eu poderei ter o mosteiro mais famoso da região! Eu poderei igualar-me aos grandes santos e gurus!"

Decidido a repetir o feito, aproximou-se da margem, e começou a gritar, enquanto caminhava rio adentro:

- Louvado seja Sanjai! Louvado seja Sanjai!

Deu o primeiro passo, o segundo, e no terceiro já estava sendo carregado pela correnteza. Como não sabia nadar, foi preciso que o discípulo se atirasse na água e o salvasse da morte certa.

Quando os dois chegaram à margem, exaustos, Sanjai ficou em silêncio por longo tempo. Finalmente, comentou:

- Espero que você entenda com sabedoria o que aconteceu hoje. Tudo que eu lhe ensinei foram as sagradas escrituras, e a maneira correta de comportar-se. Entretanto, isso não bastaria, se você não acrescentasse o que estava faltando: a fé de que tais ensinamentos poderiam melhorar sua vida.

"Eu lhe ensinei, porque meus mestres me ensinaram. Mas, enquanto eu pensava e estudava, você praticava o que tinha aprendido. Obrigado por me fazer entender que, muitas vezes, o homem não acredita no que deseja que os outros acreditem. "

Os três livros

O monge Tetsugen tinha um sonho: imprimir um livro em japonês, com todos os versículos sagrados. Decidido a transformar este sonho em realidade, começou a viajar pelo país, arrecadando o dinheiro necessário.

Entretanto, assim que conseguiu a quantia para iniciar o trabalho, o rio Uji transbordou, provocando uma catástrofe de proporções gigantescas. Vendo os desabrigados, Tetsugen resolveu gastar todo o dinheiro para aliviar o sofrimento do povo.

Mas logo recomeçou a lutar por seu sonho: bateu de porta em porta, caminhou por diversas ilhas do Japão, e de novo conseguiu o que precisava. Quando voltava – exultante – para Edo, uma epidemia de cólera alastrou-se pelo país. Novamente, o monge usou o dinheiro para curar os doentes e ajudar a família dos mortos.

Perseverante, voltou ao seu projeto original. Colocou-se novamente em campo e, quase vinte anos depois, conseguiu editar sete mil exemplares dos versículos sagrados.

Dizem que Tetsugen, na realidade, fez três edições dos textos sagrados.

Só que as duas primeiras são invisíveis.

Um outro nome

Um homem se virou para o amigo:
- você fala de Deus como se você o conhecesse pessoalmente, e soubesse até mesmo a cor dos seus olhos. Por que esta necessidade de criar algo em que acreditar? Será que você não consegue viver sem isso?
-você tem alguma idéia de como o Universo foi criado? Sabe explicar o milagre da vida?
- Tudo a nossa volta e fruto do acaso. As coisas acontecem.
- Certo. Então, "As coisas acontecem" é apenas um outro nome de Deus.

Respeite os meus desejos

"Quando estava em seu leito de morte, Jacob chamou a mulher Sarah:
- Querida Sarah, quero fazer meu testamento. Vou deixar para meu primogênito Abraão metade da minha herança. Afinal de contas, ele é um homem de fé.
- Não faça isso, Jacob! Abraão não precisa de tanto dinheiro, já tem seu emprego, sua firma, já tem até mesmo fé em nossa religião. Deixa para Isaac, que está vivendo muitos conflitos existenciais sobre a existência de Deus, e ainda não se ajeitou na vida.
- Está bem, deixarei para Isaac. E Abraão ficará com minhas ações.
- Já disse, meu adorado Jacob, que Abraão não precisa de nada! Eu fico com as ações, e poderei prover qualquer um de nossos filhos, se algum dia necessitarem.
- você tem razão, Sarah. Vamos então as nossas propriedades em Israel. Acho que devo deixar para Deborah.
- Deborah? você enlouqueceu, Jacob. Ela já tem propriedades em Israel, você quer que se transforme em uma mulher de negócios, e termine arruinando seu casamento? Acho que nossa filha Michele precisa muito mais de ajuda!
Jacob, reunindo suas últimas energias, levantou-se indignado:
- Minha querida Sarah, você tem sido uma excelente esposa, uma excelente mãe, e sei que quer o melhor para cada um de seus filhos. Mas por favor, respeite meus pontos de vista! Afinal de contas, quem é que está morrendo? É você ou sou eu?

A alegria e o amor

Um fiel aproximou-se do rabino Moche de Kobryn

- De que maneira devo usar meus dias, para que Deus fique contente com meus atos?

- Só existe uma alternativa: procure viver com amor - respondeu o rabino.

Minutos depois , outro discípulo aproximou-se e fez a mesma pergunta.

- Só existe uma alternativa: procure viver com alegria.

O primeiro discípulo ficou surpreso:

- Mas o conselho que o senhor me deu foi diferente!

- Ao contrário - disse Moche de Kobryn. - Foi exatamente igual.

A certeza e a dúvida

Buda estava reunido com seus discípulos certa manhã, quando um homem se aproximou:

- Existe Deus?- perguntou.

- Existe - respondeu Buda.

Depois do almoço aproximou-se outro homem.

- Existe Deus? - quis saber.

- Não, não existe - disse Buda.

No final da tarde, um terceiro homem fez a mesma pergunta: - - Existe Deus?

- Você terá que decidir - respondeu Buda.

Assim que o homem foi embora, um discípulo comentou, revoltado:

- Mestre, que absurdo! Como o Sr. dá respostas diferentes para a mesma pergunta?

- Porque são pessoas diferentes, e cada uma chegará a Deus por seu próprio caminho. O primeiro acreditará em minha palavra. O segundo fará tudo para provar que eu estou errado. E o terceiro só acredita naquilo que é capaz de escolher por si mesmo.

A chave de parafuso

Pouco antes de morrer, meu sogro chamou a família: “sei que a morte é apenas uma passagem. Depois que for para o outro mundo, vou dar um sinal de que valeu a pena ajudar os outros nesta vida”. Seu desejo era cremado, as cinzas jogadas no Arpoador, enquanto um gravador tocava suas musicas preferidas.

Faleceu dois dias depois. Um amigo facilitou a cremação em São Paulo, e - de volta ao Rio - fomos direto ao Arpoador com rádio, fitas, e o embrulho com a caixa de cinzas. Ao chegar em frente ao mar, a surpresa: a tampa da urna estava firmemente presa com parafusos. Não conseguíamos abri-la.

Não havia ninguém por perto, apenas um mendigo, que se aproximou, perguntando: “O que vocês querem?”

Meu cunhado respondeu: “Uma chave de parafuso, porque aqui estão as cinzas do meu pai”.

“Ele deve ter sido um homem muito bom, porque acabei de achar isto agora”, disse o mendigo.

E estendeu uma chave de parafuso.

Poupando a energia que resta

Dois rabinos tentam, de todas as maneiras levar o conforto espiritual aos judeus na Alemanha nazista. Durante dois anos, embora mortos de medo, enganam a Gestapo – a temível polícia de Adolf Hilter - e realizam ofícios religiosos em várias comunidades.

Finalmente são descobertos e presos. Um dos rabinos, apavorado com o que pode acontecer dali por diante, não pára de rezar. O outro - ao contrário - passa o dia inteiro dormindo.

- Por que você está agindo assim? - pergunta o rabino assustado.

- Para salvar minhas forças. Sei que vou precisar delas daqui por diante.

- Mas você não está com medo? Não sabe o que pode nos acontecer?

- Eu estava em pânico, até o momento da prisão. Agora que estou nesta cela, de que adianta temer o que já aconteceu? O tempo do medo acabou; agora começa o tempo da esperança.

Não precisamos de Ti

Os noviços do mosteiro de Sceta assistiram, certa tarde, um monge ofender o outro. O superior do mosteiro, Abade Sisois, pediu ao monge ofendido que perdoasse seu agressor.

- De jeito nenhum – foi a resposta. - Ele fez, e terá que pagar.

Na mesma hora, o abade Sisois levantou os braços para o céu e começou a rezar:

- Meu Jesus, não precisamos mais de Ti. Já somos capazes de fazer os agressores pagarem por suas ofensas. Já somos capazes de tomar a vingança em nossas mãos, e cuidar do Bem e do Mal. Portanto, o Senhor pode afastar-se de nós sem problemas.

Envergonhado, o monge agredido perdoou imediatamente seu irmão.

Pensando nas gerações futuras

Quando jovem, Abin-Alsar escutou uma conversa do seu pai com um dervixe.

- Cuidado com suas obras - disse o dervixe. - Pense na maneira como elas vão afetar as gerações futuras.

- O que eu tenho a ver com as gerações futuras? - respondeu o pai. – Nunca vou conhece-las; quando eu morrer, tudo estará acabado, e não me importa o que dirão meus descendentes.

Abin-Alsar jamais esqueceu a conversa. Durante toda a sua vida, esforçou-se para fazer o bem, ajudar as pessoas, executar seu trabalho com entusiasmo.

Tornou-se um homem conhecido por sua preocupação com os outros; ao morrer, tinha deixado um grande número de obras, que melhoraram consideravelmente o nível de vida de sua cidade.

Em seu túmulo, mandou gravar o seguinte epitáfio:

"Uma vida que termina com a morte, é uma vida que não valeu a pena".

O monge e a prostituta

Vivia um monge nas proximidades do templo de Shiva. Na casa em frente, morava uma prostituta. Observando a quantidade de homens que a visitavam, o monge resolveu chamá-la.

- Você é uma grande pecadora – repreendeu-a .- Desrespeita a Deus todos os dias, e todas as noites. Será que você não consegue parar, e refletir sobre a sua vida depois da morte?

A pobre mulher ficou muito abalada com as palavras do monge; com sincero arrependimento orou a Deus, implorando perdão. Pediu também que o Todo-Poderoso a fizesse encontrar uma nova maneira de ganhar o seu sustento.

Mas não encontrou nenhum trabalho diferente. E, após uma semana passando fome, voltou a prostituir-se.

Mas, cada vez que entregava seu corpo a um estranho, rezava ao Senhor, e pedia perdão.

O monge, irritado porque seu conselho não produzira nenhum efeito, pensou consigo mesmo:

"A partir de agora vou contar quantos homens entram naquela casa – até o dia da morte desta pecadora."

E desde este dia, ele não fazia outra coisa a não ser vigiar a rotina da prostituta: a cada homem que entrava, colocava uma pedra num monte.

Passado algum tempo,o monge tornou a chamar a prostituta e lhe disse:

- Vê este monte? Cada pedra dessa representa um dos pecados mortais que você cometeu, mesmo depois de minhas advertências. Agora torno a dizer: cuidado com as más ações!

A mulher começou a tremer, percebendo como se avolumavam seus pecados. Voltando para casa, derramou lágrimas de sincero arrependimento, orando:

-Ó Senhor, quando Vossa misericórdia irá me livrar desta miserável vida que levo?

Sua prece foi ouvida. Naquele mesmo dia, o anjo da morte passou por sua casa, e a levou. Por vontade de Deus, o anjo atravessou a rua e também carregou o monge consigo.

A alma da prostituta subiu imediatamente aos Céus, enquanto os demônios levaram o monge ao Inferno. Ao cruzarem no meio do caminho, o monge viu o que estava acontecendo, e clamou:

- Oh Senhor, essa é a Tua justiça? Eu, que passei a minha vida em devoção e pobreza, agora sou levado ao inferno, enquanto essa prostituta, que viveu em constante pecado, está subindo ao céu!

Ouvindo isto, um dos anjos respondeu:

- São sempre justos os desígnios de Deus. você achava que o amor de Deus se resumia a julgar o comportamento do próximo. Enquanto você enchia seu coração com a impureza do pecado alheio, esta mulher orava fervorosamente dia e noite. A alma dela ficou tão leve depois de chorar, que podemos leva-la até o Paraíso. A sua alma ficou carregada de pedras, que não conseguimos faze-la subir até o alto.

A irmã mais velha pergunta

Quando seu irmão nasceu, Sa-chi Gabriel insistia com os pais para ficar sozinho com o bebê. Temendo que, como muitas crianças de 4 anos, estivesse enciumada e quisesse maltratá-lo, eles não deixaram.

Mas ela Sa-chi não dava mostra de ciúmes. E como sempre tratava o bebê com carinho, os pais resolveram fazer um teste. Deixaram Sa-chi com o recém-nascido, e ficaram observando seu comportamento através da porta semi-aberta.

Encantada por ter seu desejo satisfeito, a pequena Sachi aproximou-se do berço na ponta dos pés, curvou-se até o bebê e disse:

- Me diz como Deus é! Eu já estou esquecendo!

Shelley e o bêbado

Depois de uma exaustiva manhã dando palestras para crianças, vou almoçar com uma amiga advogada, Shelley Mitchel. No restaurante, sentamos numa mesa ao lado de um bêbado, que insiste em puxar conversa o tempo todo; Fala do sofrimento por ter sido abandonado por sua mulher, diz o quanto está triste, pergunta-nos o que deve fazer.

A certa altura, Shelley pede ao bêbado para ficar quieto. Mas ele insiste:

- Por que? Eu falei de amor como um homem sóbrio nunca fala. Demonstrei alegria e tristeza, tentei comunicar-me com estranhos. O que há de errado nisto?

O momento não é apropriado - responde ela.

- Quer dizer que existe hora certa para sofrer por amor?

Depois desta frase, convidamos o bêbado para a nossa mesa.

O reflexo no corpo físico

Na época em que eu praticava meditação zen-budista, havia um momento em que o mestre ia até o canto do dojo (local onde os discípulos se reuniam) e voltava com uma varinha de bambu. Todos os alunos que não haviam conseguido se concentrar direito, precisavam levantar a mão neste momento; então o mestre se aproximava, e dava três golpes em cada ombro.

No primeiro dia, isto me pareceu medieval e absurdo. Mais tarde, entendi que muitas vezes é necessário colocar no plano físico a dor espiritual, para ver o mal que ela causa. No caminho de Santiago, aprendi um exercício que consistia em cravar a unha do indicador no polegar quando pensasse algo prejudicial.

As terríveis consequências dos pensamentos negativos são percebidas muito tarde. Mas fazendo com que eles - através da dor - se manifestem no plano físico, nos damos conta do mal que nos causam, e terminamos por evita-los.

Na fila do supermercado

Um padre da Igreja da Ressurreição, em Copacabana, aguardava pacientemente seu momento de comprar carne no supermercado, quando uma mulher tentou "furar" a fila.

Começou então um festival de agressões verbais dos outros fregueses, que a mulher respondia com igual veemência. Quando a situação parecia insuportável, alguém gritou: "Ei, madame, Deus te ama!".

- Foi impressionante - conta o padre. - Num momento em que todos pensavam em ódio, alguém falou de amor. Na mesma hora, a agitação desapareceu por encanto. A mulher se encaminhou para o seu lugar correto na fila, e os fregueses se desculparam por reagirem tão agressivamente.

Como ver o todo em tudo

Quando Ketu completou doze anos de idade, foi mandado para um mestre, com o qual estudou até completar vinte e quatro. Ao terminar seu aprendizado, voltou para casa cheio de orgulho.

Disse-lhe o pai:

- Como podemos conhecer aquilo que não vemos? Como podemos saber que Deus, o Todo Poderoso, está em toda parte?

O rapaz começou a recitar as escrituras sagradas, mas o pai o interrompeu:

- Isso é muito complicado; não existe uma maneira mais simples de aprendermos sobre a existência de Deus?

- Não que eu saiba, meu pai. Hoje em dia sou um homem culto, e preciso desta cultura para explicar os mistérios da sabedoria divina.

- Perdi meu tempo e meu dinheiro enviando meu filho ao mosteiro – reclamou o pai.

E pegando Ketu pelas mãos, levou-o a cozinha. Ali, encheu uma bacia com água, e misturou um pouco de sal. Depois, saíram para passear na cidade.

Quando voltaram para casa, o pai pediu a Ketu:

- Traz o sal que coloquei na bacia.

Ketu procurou o sal, mas não o encontrou, pois já se havia dissolvido na água.

- Então não vê mais o sal? – perguntou o pai.

- Não. O sal está invisível.

- Prova, então, um pouco da água da superfície da bacia. Como está ela?

- Salgada.

- Prova um pouco da água do meio: como está?

- Tão salgada como a da superfície.

- Agora prova a água do fundo da bacia, e me diz qual o seu gosto.

Ketu provou, e o gosto era o mesmo que experimentara antes.

- você estudou muitos anos, e não consegue explicar com simplicidade como o Deus Invisível está em toda parte – disse o pai. – Usando uma bacia de água, e chamando de “sal” a Deus, eu poderia fazer qualquer camponês entender isso. Por favor, meu filho, esqueça a sabedoria que nos afasta dos homens, e torne a procurar a Inspiração que nos aproxima.

O aluno ladrão

Um discípulo do mestre zen Bankei, foi pego roubando durante a aula. Todos os outros pediram a expulsão dele, mas Bankei resolveu não fazer nada.

Dias depois o aluno voltou a roubar, e o mestre continuou calado. Inconformados, os outros discípulos exigiram que o ladrão fosse punido, já que o mau exemplo não podia continuar.

- Como vocês são sábios!-disse Bankei. - Aprenderam a distinguir o certo do errado, e podem estudar em qualquer outro lugar. Mas este pobre irmão não sabe o que é certo ou errado, e só tem a mim para ensina-lo.

Os discípulos nunca mais duvidaram da sabedoria e generosidade de Bankei, e o ladrão nunca mais tornou a roubar.

A consciência da vida

O escritor grego Nikos Kazantzakis conta que, quando criança, reparou num casulo preso a uma árvore, onde uma borboleta preparava-se para sair. Esperou algum tempo, mas - como estava demorando muito - resolveu acelerar o processo. Começou a esquentar o casulo com seu hálito; a borboleta terminou saindo, mas suas asas ainda estavam presas, e terminou por morrer pouco tempo depois.

“Era necessária uma paciente maturação feita pelo sol, e eu não soube esperar”, diz Kazantzakis. “Aquele pequeno cadáver é, até hoje, um dos maiores pesos que tenho na consciência. Mas foi ele que me fez entender o que é um verdadeiro pecado mortal: forçar as grandes leis do universo. É preciso paciência, aguardar a hora certa, e seguir com confiança o ritmo que Deus escolheu para nossa vida”.

O valor e o dinheiro

Ciccone German conta a história de um homem que, graças à sua imensa riqueza e sua infinita ambição, resolveu comprar tudo que estava ao seu alcance. Depois de encher suas muitas casas de roupas, móveis, automóveis, jóias, o homem resolveu comprar outras coisas.

Comprou a ética e a moral, e neste momento foi criada a corrupção.

Comprou a solidariedade e a generosidade – e então a indiferença foi criada.

Comprou a justiça e suas leis – fazendo nascer na mesma hora a impunidade.

Comprou o amor e os sentimentos, e surgiu a dor e o remorso.

O homem mais poderoso do mundo comprou todos os bens materiais que queria possuir, e todos os valores que desejava dominar. Até que um dia, já embriagado por tanto poder, resolveu comprar a si mesmo.

Apesar de todo o dinheiro, não conseguiu realizar seu intento. Então, a partir deste momento, criou-se na consciência da Terra um único bem que nenhuma pessoa pode colocar um preço: seu próprio valor.

Sempre correndo

O monge Shuan sempre alertava aos discípulos para a importância do estudo de filosofia ancestral. Um deles, conhecido pela sua força de vontade, anotava todos os ensinamentos de Shuan, e passava o resto do dia refletindo sobre os pensadores antigos.

Depois de um ano de estudos discípulo adoeceu, mas continuou frequentando as aulas.

- Mesmo doente, continuarei estudando. Estou atrás da sabedoria e não há tempo a perder.-disse ele ao mestre.

Shuan indagou:

- Como você sabe que a sabedoria está na sua frente, e que é preciso está sempre correndo atrás dela? Talvez ela esteja caminhando atrás de você, querendo alcançá-lo, e de alguma maneira você não está deixando. Relaxar e deixar os pensamentos fluírem, também é uma maneira de atingir a sabedoria.

Encontro na 5ª. Avenida

Eu estava saindo da igreja de Saint Patrick, em Nova York, quando um rapaz brasileiro se aproximou.

- Que bom encontra-lo aqui – disse, sorrindo – Precisava muito dizer alguma coisa.

Eu também gostei do encontro com um desconhecido. Convidei-o para tomar um café, contei a chatice que foi minha viagem a Denver, sugeri que fosse até o Harlem no domingo, para assistir um serviço religioso.

O rapaz, que devia ter vinte e poucos anos, me escutava sem dizer nada.

Eu continuei a falar. Disse que acabara de ler um livro de ficção sobre um grupo terrorista que toma de assalto a igreja de Saint Patrick, e o escritor descrevia tão bem o cenário que me chamara a atenção sobre muitas coisas que jamais havia visto em minhas visitas ao local. Assim, tomara a decisão de passar por ali aquela manhã.

Ficamos quase uma hora juntos, tomamos dois cafés, e eu conduzi a conversa o tempo todo. No final, nos despedimos, e desejei uma excelente viagem ao rapaz.

- Obrigado – disse ele, afastando-se.

Foi quando eu notei que seus olhos estavam tristes; alguma coisa tinha dado errado, e eu não sabia exatamente o que. Só depois de caminhar algumas quadras foi que me dei conta: o rapaz se aproximara dizendo que precisava muito falar comigo.

Durante o tempo que passamos juntos, eu assumira o controle da situação. Em nenhum momento, perguntei o que ele queria; na tentativa de ser simpático, preenchi todos os espaços, não permiti um momento de silêncio, onde o rapaz finalmente pudesse transformar um monólogo em diálogo.

Talvez ele tivesse algo muito importante para compartilhar comigo. Talvez, se naquele momento eu estivesse realmente aberto para a vida, eu também teria algo para entregar ao rapaz. Talvez, tanto minha vida como a dele, tivesse mudado radicalmente depois daquele encontro. Nunca vou saber, e não vou ficar me torturando com o fato de que não soube aproveitar um momento mágico do dia; erros acontecem.

Mas, desde então procuro manter viva na memória, a cena da minha despedida, e os olhos tristes do rapaz; quando eu não soube receber o que me era destinado, tampouco consegui dar aquilo que eu queria, por mais que me esforçasse.

Encontro no Posto Seis

O padre José Roberto, da Igreja da Ressurreição no Rio de Janeiro, saía certa manhã bem cedo, quando seu carro foi cercado por três adolescentes.

- Passamos a noite em claro, padre – disse um deles, em tom desafiador. – Pode imaginar onde estivemos?

Como qualquer ser humano normal, José Roberto preferiu ficar quieto. Imaginou o que significa uma noite em claro naquela idade, sentiu medo pelos riscos que os garotos devem ter corrido, pensou na preocupação dos pais.

O adolescente que iniciara a conversa, terminou por responder à própria pergunta:

- Ficamos na Igreja de N. Sra. Copacabana, adorando a Virgem. Saímos de lá tão eufóricos que viemos caminhando até aqui (aproximadamente 3 kms.), cantando alto, rindo, falando com todo mundo. Pelo menos uma das pessoas nos perguntou: "como é que vocês, tão jovens, não tem vergonha de estarem bêbados a esta hora da manhã?"

O padre José Roberto deu partida no seu carro, e seguiu em direção ao seu compromisso. No caminho, se perguntou muitas vezes: " Eu também me deixei levar pelas aparências, e cometi uma injustiça em meu coração. Será que algum o ser humano vai finalmente entender a frase de Jesus, *"vocês serão julgados com a mesma medida com que julgam seu próximo?'*"

O seixo correto

O homem ouviu falar que certo alquimista perdera, num deserto muito próximo, o resultado de anos de seu trabalho: a famosa pedra filosofal, que transformava em ouro todo metal que tocava.

Impulsionado pelo desejo de acha-la e ficar rico, o homem dirigiu-se ao deserto. Como não sabia exatamente o aspecto da pedra filosofal, começou a pegar todos os seixos que encontrava, colocando-os em contacto com a fivela do seu cinto, e vendo o que acontecia.

Passou-se um ano, mais um, e nada. O homem, entretanto, seguia obstinadamente no desejo de recuperar a mágica pedra. Assim, automaticamente, caminhava pelos diversos vales e montanhas do deserto, esfregando um seixo atrás do outro em seu cinto.

Certa noite, antes de dormir, deu-se conta que a fivela havia se transformado em ouro!

Mas qual das pedras tinha sido? Será que o milagre acontecera de manhã, ou na parte da noite? Ha quanto tempo, realmente, não olhava o resultado do seu esforço? O que antes era uma busca de um objetivo determinado, tinha se transformado num exercício mecânico, sem qualquer atenção ou prazer. O que era uma aventura, transformou-se numa obrigação aborrecida.

Agora já não tinha como descobrir a pedra exata, pois a fivela já era de ouro, e nenhuma outra transformação aconteceria. Percorrera o caminho certo, e deixara de prestar atenção ao milagre que o esperava.

As pedras maiores

O mestre colocou, em cima da mesa, um vaso de vidro.

Em seguida, retirou de um saco uma dezena de pedras do tamanho de uma laranja, e começou a enfia-las, uma a uma, dentro do jarro.

Quando o jarro já estava com pedras até a borda, perguntou aos seus alunos:

- Está cheio?

Todos disseram que sim. O mestre, porém, retirou de outro saco um cascalho, e sacudindo as pedras grandes dentro do jarro, conseguiu colocar bastante cascalho ali dentro.

- Está cheio? – perguntou de novo.

Os alunos disseram que, desta vez, estava cheio. Foi quando o mestre abriu um terceiro saco, cheio de areia fina, e começou a derrama-la no. A areia foi preenchendo o espaço vazio entre as pedras e o cascalho, até que chegou ao topo.

- Muito bem – disse o mestre – agora o jarro está cheio. Qual o ensinamento que eu quis demonstrar?

- Que, não importa o quanto você esteja ocupado, sempre há espaço para fazer alguma coisa a mais – disse um aluno.

- Nada disso. Na verdade, esta pequena demonstração nos faz ver o seguinte: se não colocamos as pedras grandes antes, não poderemos coloca-las depois.

"Então, quais são as coisas importantes na nossa vida? Quais os projetos que adiamos, as aventuras que não vivemos, os amores pelo qual não lutamos? Perguntem quais são pedras grandes, sólidas, que mantém acesa em vocês a chama de Deus. E coloquem rápido no vaso de suas decisões, ou em pouco tempo já não encontrarão lugar para elas."

A árvore dos problemas

O carpinteiro terminou mais um dia de trabalho. Como era final de semana, e resolveu convidar um amigo para beber algo em sua casa.

Ao chegar, antes de entrarem, o carpinteiro parou por alguns minutos, em silêncio, diante de uma árvore que ficava no seu jardim. Em seguida, tocou seus ramos com ambas as mãos.

Imediatamente seu rosto mudou. Entrou em casa sorrindo, foi recebido pela mulher e filhos, contou histórias, e saiu para beber com o amigo, na varanda.

Dali, podiam ver a árvore. Sem conseguir controlar sua curiosidade, o amigo perguntou o que fizera antes.

- Ah, esta é a árvore dos meus problemas – respondeu. - Sei que não posso evitar ter aborrecimentos no meu trabalho, mas estas preocupações são minhas, e não pertencem a minha esposa, nem aos meus filhos.

"Assim, quando chego aqui, penduro meus problemas nos ramos daquela árvore. No dia seguinte, antes de sair para o trabalho, eu os recolho de novo.

"O mais curioso, porém, é que quando saio de manhã e vou procura-los, alguns já não estão mais ali, e outros parecem bem menos pesados do que na noite anterior.

Quem é o mestre

Um discípulo perguntou a Nasrudin:

- Como você se tornou um mestre espiritual?

- Todos nós já sabemos o que precisamos fazer em nossas vidas, mas nunca aceitamos isso, - respondeu Nasrudin. Para entender esta verdade, precisei passar por uma situação curiosa.

"Certo dia, eu estava sentado na beira de uma estrada pensando no que fazer, quando chegou um homem e postou-se diante de mim. Para afasta-lo dali, eu fiz um gesto, e ele o repetiu. Achei aquilo engraçado, e fiz outro gesto;ele me imitou, e acrescentou um novo movimento.

"Nós começamos a cantar e a realizar toda sorte de exercícios. Eu me sentia cada vez melhor, e passei a adorar o meu novo companheiro. Algumas semanas se passaram, e um dia eu perguntei-lhe:

"Diga-me: o que devo fazer a seguir, Mestre?"

E o homem replicou: "Mas eu pensei que você era o mestre!"

Um santo no lugar errado

Era uma vez um sujeito que viveu amorosamente toda a sua vida. Quando morreu,todo mundo lhe falou para ir ao céu, um homem tão bondoso quanto ele somente

poderia ir para o Paraíso. Ir para o céu não era tão importante para aquele homem, mas mesmo assim ele foi até lá.

“Naquela época, o céu não havia ainda passado por um programa de qualidade total.A recepção não funcionava muito bem, a moça que o recebeu deu uma olhada rápida nas fichas em cima do balcão e, como não viu o nome dele na lista, lhe orientou para ir ao Inferno.

“E,no Inferno, ninguém exige crachá nem convite, qualquer um que chega é convidado a entrar. O sujeito entrou e foi ficando...

“Alguns dias depois, Lúcifer chega furioso às portas do Paraíso para tomar satisfações com São Pedro:

“- Isso que você está fazendo é puro terrorismo!!

“Sem saber o motivo de tanta raiva, Pedro pergunta do que se trata. Um transtornado Lúcifer responde:

“- Você mandou aquele sujeito para o Inferno e ele está me desmoralizando! Chegou escutando as pessoas, olhando-as nos olhos, conversando com elas. Agora, está todo mundo dialogando, se abraçando,se beijando. O inferno não é lugar para isso! Por favor, traga este sujeito para cá!"

Quando Ramesh terminou de contar esta história olhou-me carinhosamente e disse:

- Viva com tanto amor no coração que se, por engano, você for parar no Inferno, o próprio demônio lhe trará de volta ao Paraíso."

Não posso entrar

Perto de Olite, na Espanha, existe um castelo em ruínas. Resolvo visitá-lo, e quando já estou diante dele, um senhor na porta me diz:

- Não pode entrar.

Minha intuição me garante que ele está me proibindo pelo prazer de proibir. Explico que venho de longe, tento dar uma gorjeta, ser simpático, digo que aquilo é um castelo em ruínas - de repente, entrar naquele castelo se tornou muito importante para mim.

- Não pode entrar - repete o senhor.

Resta apenas uma alternativa: seguir adiante, e esperar que me impeça fisicamente. Dirijo-me para a porta. Ele me olha, mas não faz nada.

Quando saio, duas turistas se aproximam e entram. O velho não tenta impedi-las. Sinto que, graças a minha resistência, o velho resolveu parar de criar regras absurdas. Às vezes, o mundo nos pede para lutar por coisas que não conhecemos, por razões que jamais vamos descobrir.

Asas e raízes

"Bendito aquele que consegue dar aos seus filhos asas e raízes", diz um provérbio.

Precisamos das raízes: existe um lugar no mundo onde nascemos, aprendemos uma língua, descobrimos como nossos antepassados superavam seus problemas. Em um dado momento, passamos a ser responsáveis por este lugar.

Precisamos das asas. Elas nos mostram os horizontes sem fim da imaginação, nos levam até nossos sonhos, nos conduzem a lugares distantes. São as asas que nos permitem conhecer as raízes de nossos semelhantes, e aprender com eles.

Bendito quem tem asas e raízes; e pobre de quem tem apenas um dos dois.

Estou de passagem

No século passado, um turista americano foi ao Cairo visitar o famoso rabino polonês Hafez Ayim. O turista ficou surpreso ao ver que o rabino morava num quarto simples, cheio de livros, onde as únicas peças de mobília eram uma mesa e um banco.

- Rabi, onde estão seus móveis? – perguntou o turista.

- E onde estão os seus? – retorquiu Hafez.

- Os meus? Mas eu só estou aqui de passagem!

- Eu também – disse o rabino.

Convencer os outros

Um profeta chegou certa vez a uma cidade para converter seus habitantes.

A princípio, as pessoas ficaram entusiasmadas com o que ouviam. Mas - pouco a pouco - a rotina da vida espiritual era tão difícil, que homens e mulheres se afastaram, até que não ficou uma só alma para ouvi-lo.

Um viajante, ao ver o profeta pregando sozinho, perguntou:

- Por que continuas exaltando as virtudes e condenando os vícios? Não vês que ninguém aqui te escuta?

- No começo, eu esperava transformar as pessoas – disse o profeta. – Se ainda hoje continuo pregando, é apenas para impedir que as pessoas me transformem.

Depois da morte

O imperador mandou chamar o mestre zen Gudo à sua presença.

- Gudo, ouvi falar que você é um homem que tudo compreende – disse o imperador. – Eu gostaria de saber o que acontece com o homem iluminado em com o pecador, depois que ambos morrem?

- Como vou saber? – respondeu Gudo.

- Mas, afinal de contas, você não é um mestre iluminado?

- Sim, senhor. Mas não um mestre morto!

Eu sou parte da terra

As guerras entre os conquistadores do Oeste americano e os índios tornavam-se cada vez mais violentas. Pouco antes de morrer, o pai do Cacique Joseph (1840-1904) chamou-o:

“Meu filho, meu corpo em breve voltará a Mãe Terra”, disse. “Quando eu partir, esta terra é a tua herança. Não estou deixando dinheiro, riquezas, e o poder que agora você recebe não é motivo de orgulho, mas de responsabilidade. Deixo em tuas mãos o solo em que pisas, e o nosso povo; espero que sejas digno disso. Em breve o homem branco nos cercará por completo, e vai tentar comprar nossa Mãe. Lembre-se que meu corpo está ali, que sou parte Dela”.

Joseph pegou a mão de seu pai, apertou-a contra seu peito, e prometeu jamais vender a terra.

O branco tentou comprar, e o cacique não vendeu. Vieram combates cada vez mais sangrentos, e Joseph liderou seu exército contra os soldados americanos. Quando foi capturado, perguntaram porque defendia uma causa perdida.

“Um homem não vende os ossos de seu pai”, disse o cacique.

A morte anunciada

Em meados de 1970, quando estava prestes a completar seu doutorado em física, o cientista Stephen Hawking - já então portador de uma doença que ia paralisando seus movimentos - escutou um médico dizer que tinha apenas dois anos de vida.

"Então posso tentar entender o Universo, porque não vou mais precisar pensar em coisas como aposentadoria e contas a pagar", resolveu.

Como a doença progredia rapidamente, foi obrigado a criar fórmulas simples para explicar - no menor espaço de tempo possível - tudo aquilo que pensava.

Dois anos e meio se passaram, vinte anos se passaram, e Hawking continua vivo. É capaz de comunicar suas idéias abstratas através de um pequeno computador acoplado a sua cadeira de rodas, e que possui apenas 500 palavras diferentes. Escreveu o clássico "Uma breve história do tempo"(Ed. Rocco), e foi responsável por uma nova visão da Física moderna.

A doença, ao invés de conduzi-lo a invalidez total, forçou-o a descobrir uma nova maneira de raciocínio.

Não esqueça os maus

A seguinte oração foi encontrada entre os pertences pessoais de um judeu, morto num campo de concentração:

"Senhor: quando vieres na Tua glória, não te lembres apenas dos homens de boa vontade; lembra-Te também dos homens de má vontade.

"E, no dia do Julgamento, não Te lembres apenas das crueldades, sevícias, e violências que eles praticaram: lembra-Te também dos frutos que produzimos por causa do que eles nos fizeram. Lembra-Te da paciência, da coragem, da confraternização, da humildade, da grandeza de alma e da fidelidade, que nossos carrascos terminaram por despertar em nossas almas.

"Permite então, Senhor, que os frutos por nós produzidos possam servir para salvar as almas os homens de má vontade."

O verdadeiro respeito

Durante a evangelização no Japão, um missionário foi preso por samurais.
- Se quiser continuar vivo, amanhã terá que pisar a imagem de Cristo, diante de todos - disseram os guerreiros.
O missionário foi dormir, sem nenhuma dúvida no coração: jamais cometeria tal sacrilégio, e estava preparado para o martírio.
Acordou no meio da noite, e ao levantar-se da cama, tropeçou num homem que dormia no chão. Quase caiu para trás: era Jesus Cristo em pessoa!
- Agora que já pisou em mim, vá lá fora e pise na minha imagem - disse Jesus. -Porque lutar por uma idéia é muito mais importante que a vaidade de um sacrifício.

Destruindo e reconstruindo

Sou convidado a ir a Guncan-Gima, onde existe um templo zen-budista. Quando chego lá, fico surpreso: a belíssima estrutura está situada no meio de uma imensa floresta, mas com um gigantesco terreno baldio ao lado.
Pergunto a razão daquele terreno, e o encarregado explica:
-É o local da próxima construção. A cada vinte anos, destruímos este templo que você está vendo, e o reconstruímos ao lado.
"Desta maneira, os monges carpinteiros, pedreiros e arquitetos, tem possibilidade de estar sempre exercendo suas habilidades, e ensina-las - na prática - aos seus aprendizes. Mostramos também que nada na vida é eterno - e até mesmo os templos estão num processo de constante aperfeiçoamento."

A medida do amor

- Sempre desejei saber se era capaz de amar minha mulher como o senhor ama a sua - disse o jornalista Keichiro a meu editor Satoshi Gungi, enquanto jantávamos.
- Não existe nada alem do amor – foi a resposta. - É ele que mantém o mundo girando e as estrelas suspensas no céu.
- Sei disso. Mas como vou saber se meu amor é grande o suficiente?
- Procure saber se você se entrega, ou se você foge de suas emoções. Mas não faça perguntas como esta porque o amor não é grande nem pequeno; é apenas o amor.
"Não se pode medir um sentimento como se mede uma estrada. Se você fizer isso, vai começar a comparar com o que lhe contam, ou com o que está esperando encontrar. Desta maneira, sempre vai escutando uma história, ao invés de percorrer seu próprio caminho."

O eterno insatisfeito

Shanti percorria as cidades pregando a palavra Divina, quando um homem veio procura-lo para que curasse seus males.

- Trabalhe, alimente-se, e louve a Deus - respondeu Shanti.

- Quando trabalho, sinto minhas costas doerem. Quando como, minha barriga queima com azia. Quando bebo, minha garganta arde com a bebida. Quando rezo, sinto que Deus não me escuta.

- Então busque outra pessoa para ensina-lo.

O homem foi embora, revoltado. Shanti comentou com os que ouviam a conversa:

- Ele tinha duas formas de encarar cada coisa, e escolheu sempre a pior. Quando morrer, é possível que também reclame do frio dentro do túmulo.

Qual o melhor caminho

Quando perguntaram ao abade Antonio se o caminho do sacrifício levava ao céu, este respondeu:

- Existem dois caminhos de sacrifício. O primeiro é o do homem que mortifica a carne, faz penitência, porque acha que estamos condenados. Este homem sente-se culpado, e julga-se indigno de viver feliz. Neste caso, ele não chega a lugar nenhum, porque Deus não habita a culpa.

" O segundo é o do homem que, embora sabendo que o mundo não é perfeito como todos queríamos que fosse, reza, faz penitência, oferece seu tempo e seu trabalho para melhorar o ambiente ao seu redor. Neste caso, a Presença Divina o ajuda o tempo todo, e ele consegue resultados no Céu".

Continue no deserto

- Por que o senhor vive no deserto? - perguntou o cavaleiro.
- Porque não consigo ser o que desejo.
- Ninguém consegue. Mas é preciso tentar - insistiu o cavaleiro.
- Impossível. Quando começo a ser eu mesmo, as pessoas me tratam com uma reverência falsa. Quando sou verdadeiro a respeito de minha fé, então elas que começam a duvidar. Todos acreditam que são mais santos que eu, mas fingem-se de pecadores com medo de insultar minha solidão. Procuram mostrar o tempo todo que me consideram um santo; e assim se transformam em emissários do demônio, me tentando com o Orgulho.
- Seu problema não é tentar ser quem é, mas aceitar os outros como são. E agir assim, é melhor continuar no deserto - disse o cavaleiro, afastando-se.

Estou morrendo de fome

Em plena tempestade de neve, o viajante chegou ao convento.

- Estou morrendo de frio e de fome, e não tenho como ganhar meu sustento; preciso comer.

Acontece que, justamente naquele dia, a tempestade havia impedido os monges de reabastecerem a dispensa, e não havia absolutamente nada para comer ou beber. Compadecido, o abade abriu o sacrário, tirou as hóstias consagradas e o cálice de vinho, e fez com que o estranho se alimentasse com eles.

Os outros monges ficaram horrorizados:

- Isso é um sacrilégio!
- Por que sacrilégio? - respondeu o abade. - vocês ouviram falar de David, que comeu o pão do tabernáculo quando passava fome. Cristo curava no sábado, sempre que era necessário.

“Eu apenas coloquei o espírito de Jesus em ação: amor e misericórdia agora podem fazer seu trabalho. "

A cidade do outro lado

Um eremita do mosteiro de Sceta se aproximou do Abade Teodoro:

- Sei exatamente qual o objetivo da vida. Sei o que Deus pede ao homem, e conheço a melhor maneira de servi-Lo. E, mesmo assim, sou incapaz de fazer aquilo tudo que devia estar fazendo para servir ao Senhor.

O abade Teodoro ficou um longo tempo em silencio. Finalmente disse:

- Você sabe que existe uma cidade do outro lado do oceano. Mas ainda não encontrou o navio, não colocou sua bagagem a bordo, e não cruzou o mar. Por que ficar comentando como ela é, ou como devemos caminhar por suas ruas?

"Saber o objetivo da vida, ou conhecer a melhor maneira de servir ao Senhor, não basta. Coloque em prática o que você está pensando, e o caminho se mostrará por si mesmo".

O trabalho na lavoura

O rapaz cruzou o deserto, e chegou finalmente ao mosteiro de Sceta, perto de Alexandria. Ali, pediu para assistir uma das palestras do abade - e recebeu permissão.

Naquela tarde, o abade discorreu sobre a importância do trabalho na lavoura.

No final da palestra, o rapaz disse a um dos monges:

- Fiquei muito impressionado. Achei que ia encontrar um sermão iluminado sobre as virtudes e os pecados, e o abade só falava de tomates, irrigação, e coisas assim. Do lugar aonde venho, todos acreditam que Deus é misericórdia: basta rezar.

O monge sorriu, e respondeu:

- Aqui, nós acreditamos que Deus já fez a parte Dele; agora cabe a nós continuar o processo.

Julgando o meu próximo

Um dos monges de Sceta cometeu uma falta grave, e chamaram o ermitão mais sábio para que pudesse julga-la.

O ermitão se recusou, mas insistiram tanto, que ele terminou por ir. Chegou ali carregado nas costas um balde furado, de onde escorria areia.

- Vim julgar meu próximo - disse o ermitão para o superior do convento. - Meus pecados estão escorrendo detrás de mim, como a areia escorre deste balde. Mas, como não olho para trás, e não me dou conta dos meus próprios pecados, fui chamado para julgar meu próximo!

Os monges desistiram da punição na mesma hora.

Pedindo esmolas

Faz parte do treinamento dos monges zen-budistas uma prática conhecida como takuhatsu - a peregrinação para mendigar. Além de ajudar os mosteiros que vivem de doações e forçar o discípulo a ser humilde, esta prática tem ainda um outro sentido: purificar a cidade onde mora.

Isto porque - segundo a filosofia Zen - o doador, o pedinte, e a própria esmola fazem parte de uma importante cadeia de equilíbrio.

Aquele que pede, assim o faz porque está precisando; mas aquele que dá, age desta maneira porque também está precisando.

A esmola serve como a ligação entre duas necessidades, e o ambiente da cidade melhora, já que todos puderam realizar ações que precisavam ter acontecido.

Moisés divide as águas

"Às vezes a gente se acostuma com o que vê nos filmes, e termina esquecendo a verdadeira historia", diz um amigo, enquanto olhamos juntos o porto de Miami. "Lembra-se dos "Dez Mandamentos? "

Claro que me lembro. Moisés – Charlton Heston – em determinado momento levanta seu bastão, as águas se dividem, e o povo hebreu atravessa a grande água.

"Na Bíblia é diferente". Comenta meu amigo. "Ali, Deus ordena a Moisés: "diz aos filhos de Israel que marchem". E só depois que começam a andar é que Moisés levanta o bastão, e o Mar Vermelho se abre".

"Só a coragem no caminho faz com que o caminho se manifeste".

Agindo no impulso

O padre Zeca, da Igreja da Ressurreição em Copacabana, conta que estava num ônibus, e de repente escutou uma voz dizendo que ele devia levantar-se e pregar a palavra de Cristo ali mesmo.

Zeca começou a conversar com a voz: "vão me achar ridículo, isto não é lugar para sermão", disse. Mas algo dentro dele insistia era preciso falar. "Sou tímido, por favor não me peça isto", implorou.

O impulso interior persistia.

Então ele lembrou-se de sua promessa – abandonar-se a todos os designios de Cristo. Levantou – morrendo de vergonha – e começou a falar do Evangelho. Todos escutaram em silêncio. Ele olhava cada passageiro, e eram raros os que desviavam os olhos. Disse tudo que sentia, terminou seu sermão, e sentou-se de novo.

Até hoje não sabe que tarefa cumpriu naquele momento. Mas tem absoluta certeza de que cumpriu uma tarefa.

Preciso viver minhas graças

Preciso viver todas as graças que Deus me deu hoje. A graça não pode ser economizada. Não existe um banco onde depositamos as graças recebidas, para utilizá-las de acordo com nossa vontade. Se eu não usufruir destas bênçãos, vou perde-las irremediavelmente.

Deus sabe que somos artistas da vida. Um dia nos dá formão para esculturas, outro dia pincéis e tela, outro dia nos dá uma pena para escrever. Mas jamais conseguiremos usar formão em telas, ou penas em esculturas. A cada dia, o seu milagre. Preciso aceitar as bênçãos de hoje, para criar o que tenho; se fizer isso com desapego e sem culpa, amanhã receberei mais.

MOJUD E A VIDA INEXPLICÁVEL

Mojud era um funcionário de uma repartição pública em uma pequena cidade do interior. Não tinha qualquer perspectiva de um emprego melhor, e seu país atravessava uma grande crise econômica, e Mojud já estava resignado em passar o resto de sua vida trabalhando oito horas por dia, e tentando divertir-se durante as noites e os finais de semana, vendo televisão.

Certa tarde, Mojud viu dois galos brigando. Com pena dos animais, foi até o meio da praça para separa-los, sem dar-se conta que estava interrompendo uma luta de galos-de-briga. Irritados, os espectadores espancaram Mojud. Um deles ameaçou-o de morte, porque o seu galo estava quase ganhando, e ia receber uma fortuna em apostas.

Com medo, Mojud resolveu deixar a cidade. As pessoas estranharam quando ele não apareceu no emprego – mas como havia vários candidatos para o posto, esqueceram rápido o antigo funcionário.

Depois de três dias viajando, Mojud encontrou um pescador.

- Onde você está indo? – perguntou o pescador.

- Não sei.

Compadecido da situação do homem, o pescador levou-o para sua casa. Depois de uma noite de conversas, descobriu que Mojud sabia ler, e propôs um trato: ensinaria o recém-chegado a pescar, em troca de aulas de alfabetização.

Mojud aprendeu a pescar. Com o dinheiro dos peixes, comprou livros para poder ensinar ao pescador. Lendo, aprendeu coisas que não conhecia.

Um dos livros, por exemplo, ensinava marcenaria, e Mojud resolveu montar uma pequena oficina.

Ele e o pescador compraram ferramentas, e passaram a fazer mesas, cadeiras, estantes, equipamentos de pesca.

Muitos anos se passaram. Os dois continuavam a pescar, e contemplavam a natureza durante o tempo que passavam no rio. Os dois também continuavam a estudar, e os muitos livros desvendavam a alma humana. Os dois continuavam a trabalhar na marcenaria, e o trabalho físico os deixava saudáveis e fortes.

Mojud adorava conversar com os fregueses. Como agora era um homem culto, sábio, e saudável, as pessoas lhe pediam conselhos. A cidade inteira começou a progredir, porque todos viam em Mojud alguém capaz de dar boas soluções aos problemas da região.

Os jovens da cidade formaram um grupo de estudos com Mojud e o pescador, e logo espalharam aos quatro ventos que eram discípulos de sábios. Um dos jovens perguntou, certa tarde:

- Mojud resolveu abandonar tudo para dedicar-se a busca da sabedoria?

- Não – respondeu Mojud. – Eu tinha medo de ser assassinado na cidade onde vivia.

Mas os discípulos aprendiam coisas importantes, e logo transmitiam a outras pessoas. Um famoso biógrafo foi chamado para relatar a vida dos Dois Sábios, como eram agora conhecidos. Mojud e o pescador contaram o que tinha acontecido.

- Mas nada disso reflete a sabedoria de vocês – disse o biógrafo.

- Tem razão – respondeu Mojud. – Mas é a verdade. – Nada de especial aconteceu em nossas vidas.

O biógrafo escreveu durante cinco meses. Quando o livro foi publicado, transformou-se num grande êxito de vendas. Era uma maravilhosa e excitante história de dois homens que buscam o conhecimento, largam tudo que faziam, lutam contra as adversidades, encontram mestres secretos.

- Não é nada disso – disse Mojud, ao ler sua biografia.

- Santos precisam ter vidas excitantes – respondeu o biógrafo. – Uma história tem que ensinar algo, e a realidade nunca ensina nada.

Mojud desistiu de argumentar. Sabia que a realidade era o que ensinava tudo que um homem precisa saber, mas não adiantava tentar explicar isso.

"Que os tolos continuem vivendo com suas fantasias", disse para o pescador.

E ambos continuaram a ler, escrever, pescar, trabalhar na marcenaria, ensinar os discípulos, fazer o bem. Só prometeram nunca mais tornar a ler livros sobre vida de santos, já que as pessoas que escrevem este tipo de livro não compreendem uma verdade bem simples: tudo que um homem comum faz em sua vida o aproxima de Deus.

(inspirado em um conto sufi)

Perdoando os inimigos

O abade reuniu-se com seu aluno preferido, e perguntou como ia seu progresso espiritual. O aluno respondeu que estava conseguindo dedicar a Deus todos os momentos de seu dia.

- Então, falta apenas perdoar os seus inimigos.

O rapaz ficou chocado:

- Mas eu não preciso! Não tenho raiva de meus inimigos!
- Você acha que Deus tem raiva de você?
- Claro que não!
- E mesmo assim você pede Seu perdão, não é verdade? Faça o mesmo com seus inimigos, mesmo que não sinta ódio por eles. Quem perdoa, está lavando e perfumando o próprio coração.

Os visitantes indesejáveis

- Não temos portões em nosso mosteiro - Shanti comentou com o visitante.
- E como fazem com os ladrões?
- Não há nada de valioso aqui dentro. Se houvesse, já teríamos dado a quem precisa.
- E as pessoas inoportunas, que vem perturbar a paz de vocês?
- Nós as ignoramos, e elas vão embora - disse Shanti.
- Só isto? E isto dá resultado?

Shanti não respondeu. O visitante insistiu algumas vezes. Vendo que não obtinha resposta, resolveu partir.

"Viu como funciona?" disse Shanti para si mesmo, sorrindo.

O discípulo embriagado

Um mestre zen tinha centenas de discípulos. Todos rezavam na hora certa – exceto um, que vivia bêbado.

O mestre foi envelhecendo. Alguns dos alunos mais virtuosos começaram a discutir quem seria o novo líder do grupo, aquele que receberia os importantes segredos da Tradição.

Na véspera de sua morte, porém, o mestre chamou o discípulo bêbado e lhe transmitiu os segredos ocultos.

Uma verdadeira revolta tomou conta dos outros.

- Que vergonha! – gritavam pelas ruas. - Nos sacrificamos por um mestre errado, que não sabe ver nossas qualidades.

Escutando a confusão do lado de fora, o mestre agonizante comentou:

- Eu precisava passar estes segredos para um homem que eu conhecesse bem. Todos os meus alunos eram muito virtuosos, e mostravam apenas suas qualidades. Isso é perigoso; a virtude muitas vezes serve para esconder a vaidade, o orgulho, à intolerância.

"Por isso escolhi o único discípulo que eu conhecia realmente bem, já que podia ver seu defeito: a bebedeira".

O sapo e a água quente

Vários estudos biológicos demonstram que um sapo colocado num recipiente com a mesma água de sua lagoa, fica estático durante todo o tempo em que aquecemos a água, mesmo que ela ferva. O sapo não reage ao gradual aumento de temperatura (mudanças de ambiente) e morre quando a água ferve.

Inchado e feliz.

Por outro lado, outro sapo que seja jogado nesse recipiente com a água já fervendo, salta imediatamente para fora. Meio chamuscado, porém vivo!

Às vezes, somos sapos fervidos. Não percebemos as mudanças. Achamos que está tudo muito bom, ou que o que está mal vai passar - é só questão de tempo. Estamos prestes a morrer, mas ficamos boiando, estáveis e apáticos, na água que se aquece a cada minuto. Acabamos morrendo, inchadinhos e felizes, sem termos percebido as mudanças à nossa volta.

Sapos fervidos não percebem que além de ser eficientes (fazer certo as coisas), precisam ser eficazes (fazer as coisas certas). E para que isso aconteça, há a necessidade de um contínuo crescimento, com espaço para o diálogo, para a comunicação clara, para dividir e planejar, para uma relação adulta. O desafio ainda maior está na humildade em atuar respeitando o pensamento do próximo.

Há sapos fervidos que ainda acreditam que o fundamental é a obediência, e não a competência: manda quem pode, e obedece quem tem juízo. E nisso tudo, onde está a vida de verdade? É melhor sair meio chamuscado de uma situação, mas vivos e prontos para agir.

(texto enviado pelo advogado Renato Pacca, que atribui sua autoria a um gerente de uma agencia bancária em São Paulo)

A Lição da Borboleta

Um homem estava observando, horas a fio, uma borboleta esforçando-se para sair do casulo. Ela conseguiu fazer um pequeno buraco, mas seu corpo era grande demais para passar por ali. Depois de muito tempo, ela pareceu ter perdido as forças, e ficou imóvel.

O homem, então, decidiu ajudar a borboleta; com uma tesoura, abriu o restante do casulo, e libertando-a imediatamente. Mas seu corpo estava murcho e era pequeno e tinha as asas amassadas.

O homem continuou a observa-la, esperando que, a qualquer momento, suas asas dela se abrissem e ela levantasse vôo. Mas nada disso aconteceu; na verdade, a borboleta passou o resto da sua vida rastejando com um corpo murcho e asas encolhidas, incapaz de voar.

O que o homem - em sua gentileza e vontade de ajudar - não compreendia, era que o casulo apertado e o esforço necessário à borboleta para passar através da pequena abertura, foi o modo escolhido pela natureza para exercita-la e fortalecer suas asas.

Algumas vezes, um esforço extra é justamente o que nos prepara para o próximo obstáculo a ser enfrentado. Quem se recusa a fazer este esforço, ou quem tem uma ajuda errada, termina sem condições de vencer a batalha seguinte, e jamais consegue voar até o seu destino.

(adaptado de historia enviada por Sonaira D'Avila)

Refletindo sobre o aprendizado

O rabino Elisha ben Abuyah costumava dizer:

“Aqueles que estão abertos às lições da vida, e que não se alimentam de preconceitos, são como uma folha em branco, onde Deus escreve suas palavras com a tinta divina.

“ Aqueles que estão sempre olhando o mundo com cinismo e preconceito, são como uma folha já escrita, onde não cabem novas palavras.

“Não se preocupe com o que já sabe, ou com o que ignora. Não pense no passado nem no futuro, apenas deixe que as mãos divinas tracem, a cada dia, as surpresas do presente”

A corrida de bicicleta

A vida é como uma grande corrida de bicicleta - cuja meta é cumprir a lenda Pessoal.

Na largada, estamos juntos - compartilhando camaradagem e entusiasmo. Mas, à medida que a corrida se desenvolve, a alegria inicial cede lugar aos verdadeiros desafios: o cansaço, a monotonia, as dúvidas sobre a própria capacidade.

Reparamos que alguns amigos desistiram do desafio - ainda estão correndo, mas apenas por que não podem parar no meio de uma estrada; eles são numerosos, pedalam ao lado do carro de apoio, conversam entre si, e cumprem uma obrigação.

Terminamos por nos distanciar deles; e então somos obrigados a enfrentar a solidão, as surpresas com as curvas desconhecidas, os problemas com a bicicleta. E, ao cabo de algum tempo, começamos a nos perguntar se vale a pena tanto esforço.

Sim, vale a pena. É só não desistir.

Santo Agostinho e a lógica

Deus fala conosco através de sinais. É uma linguagem individual, que requer fé e disciplina para ser totalmente absorvida.

Santo Agostinho foi convertido desta maneira. Durante anos procurou, em várias correntes filosóficas, uma resposta para o sentido da vida. Certa tarde, no jardim de sua casa em Milão, refletia sobre o fracasso de toda a sua busca. Neste momento, escutou uma criança na rua, cantando: "Pega e lê! Pega e lê!"

Apesar de sempre ter sido governado pela lógica, resolveu - num impulso - abrir o primeiro livro ao seu alcance. Era a Bíblia, e ele leu um trecho de São Paulo - com as respostas que procurava.

A partir daí, a lógica de Agostinho abriu espaço para que a fé também pudesse participar, e ele se transformou num dos maiores teólogos da Igreja.

As quatro forças

O padre Alan Jones diz que, para a construção de nossa alma, precisamos das Quatro Forças Invisíveis: amor, morte, poder e tempo.

É necessário amar, porque somos amados por Deus. É necessária a consciência da morte, para entender bem a vida.

É necessário lutar para crescer - mas sem cair na armadilha do poder que conseguimos com isto, porque sabemos que ele não vale nada.

Finalmente, é necessário aceitar que nossa alma - embora seja eterna - está neste momento presa na teia do tempo, com suas oportunidades e limitações. Assim, temos que agir como se o tempo existisse, fazer o possível para valorizar cada segundo.

Estas Quatro Forças não podem ser tratadas como problemas a serem resolvidos, porque estão além de qualquer controle. Precisamos aceita-las, e deixar que nos ensinem o que precisamos aprender.

Culpando os outros

Todos nós já escutamos nossa mãe dizendo a respeito de nós mesmos: "meu filho fez isto porque porque perdeu a cabeça, mas - no fundo - é uma pessoa muito boa".

Uma coisa é viver culpando-se por atos impensados que nos fizeram errar; a culpa não nos leva a lugar nenhum, e pode nos tirar o estímulo de melhorar. Outra coisa, porém, é viver se perdoando por tudo que fazemos; agindo assim, nunca seremos capazes de corrigir nosso caminho.

Existe o bom senso, e devemos julgar o resultado de nossas atitudes - e não as intenções que tivemos ao realiza-las. No fundo, todo mundo é bom , mas isto não interessa.

Disse Jesus: "é pelos frutos que se conhece a árvore".

Diz um velho provérbio árabe: " Deus julga a árvore por seus frutos, e não por suas raízes".

Como fazer o que quero

Assim que morreu, Juan encontrou-se num belíssimo lugar, rodeado pelo conforto e beleza que sonhava. Um sujeito vestido de branco aproximou-se:

- Você tem direito ao que quiser: qualquer alimento, prazer, diversão - disse.

Encantado, Juan fez tudo que sonhou fazer durante a vida. Depois de muitos anos de prazeres, procurou o sujeito de branco:

- Já experimentei o que tinha vontade. Preciso agora de um trabalho, para me sentir útil.

- Sinto muito - disse o sujeito de branco. Mas esta é a única coisa que não posso conseguir; aqui não há trabalho.

- Que terrível! – irritou-se Juan. - Passarei a eternidade morrendo de tédio! Preferia mil vezes estar no inferno!

O homem de branco aproximou-se, e disse em voz baixa:

- E onde o senhor pensa que está?

Qual o sentido das coroas

Quando Moisés subiu aos céus para escrever determinada parte da Bíblia, o Todo Poderoso pediu para que desenhasse pequenas coroas em cima de algumas letras da Torah.

Moisés disse:

- Criador do Universo, por que colocar estas coroas?

-Porque daqui a cem gerações, um homem chamado Akiva irá interpretar o verdadeiro significado destes desenhos.

- Mostre-me a interpretação deste homem - pediu Moisés.

O Senhor levou Moisés ao futuro, e colocou-o numa das aulas do rabino Akiva. Um aluno perguntava:

- Rabino, por que estas coroas desenhadas em cima de algumas letras?

- Não sei - respondeu Akiva. - E acredito que nem Moisés sabia. Mas como ele era o maior de todos os profetas, fez isto apenas para nos ensinar que, mesmo sem compreender tudo que o Senhor faz, ainda assim devemos fazer o que nos pede.

E Moisés pediu perdão ao Senhor.

Ser diabo não é fácil

O demônio disse para Buda:

- Ser o diabo não é fácil. Quando falo, tenho que usar enigmas, para que as pessoas não percebam a tentação. Sempre preciso parecer esperto e inteligente, para que me admirem. Gasto muita energia para convencer uns poucos discípulos que o inferno é mais interessante. Estou velho, quero passar meus alunos para você.

Buda sabia que aquilo era uma armadilha: se aceitasse a proposta, ele se transformaria em demônio, e o demônio viraria Buda.

- Você acha que é divertido ser Buda - respondeu. Além de ter que fazer as mesmas coisas que você faz, ainda preciso agüentar o que meus discípulos fazem comigo! Colocam em meus lábios palavras que não disse, cobram por meus ensinamentos, e exigem que eu seja sábio o tempo todo! Você jamais agüentaria uma vida como esta!

O diabo ficou convencido de que trocar de papel era realmente um mau negócio, e Buda escapou à tentação.

O poder da palavra

De todas as poderosas armas de destruição que o homem foi capaz de inventar, a mais terrível - e a mais covarde - é a palavra.

Punhais e armas de fogo deixam vestígios de sangue. Bombas abalam edifícios e ruas. Venenos terminam sendo detectados.

Mas a palavra destruidora consegue despertar o Mal sem deixar pistas. Crianças são condicionadas durante anos pelos pais, artistas são impiedosamente criticados, mulheres são sistematicamente massacradas por comentários de seus maridos, fiéis são mantidos longe da religião por aqueles que se julgam capazes de interpretar a voz de Deus.

Procure ver se você está utilizando esta arma. Procure ver se estão utilizando esta arma em você. E não permita nenhuma destas duas coisas.

Apolo e Daphne

O deus Apolo persegue a ninfa Daphne pelo bosque. Está apaixonado por ela, mas Daphne - sempre cortejada por todos - não agüenta mais o seu próprio brilho, e pede ajuda aos deuses, dizendo:

" Destrói esta beleza que nunca me deixa em paz"

Os deuses escutam o apelo de Daphne e a transformam numa árvore, o loureiro. Apolo não consegue mais encontra-la, pois agora ela é apenas uma parte da vegetação.

Daphne agiu de uma maneira que todos nós conhecemos bem: muitas vezes matamos nossos talentos, porque não sabemos o que fazer com eles.

É mais confortável a mediocridade de ser apenas "mais um", do que a luta para mostrar tudo aquilo do que somos capazes de fazer com os dons que Deus nos deu.

Não há dois caminhos iguais

Em um dos seus raros escritos, o sábio sufi Hafik comenta a busca espiritual.

"Aceite com sabedoria o fato de que o Caminho está cheio de contradições. O Caminho muitas vezes nega-se a si mesmo, para estimular o viajante a descobrir o que existe além da próxima curva.

" Se dois companheiros de jornada estão seguindo o mesmo método, isto significa que um deles está na pista falsa. Porque não há fórmulas para se atingir a verdade do Caminho, e cada um precisa correr os riscos de seus próprios passos.

"Só os ignorantes procuram imitar o comportamento dos outros. Os homens inteligentes não perdem seu tempo com isto, e desenvolvem suas habilidades pessoais; sabem que não existem duas folhas iguais numa floresta de cem mil árvores. Não existem duas viagens iguais no mesmo Caminho"

Dona Baratinha e a moeda

Uma velha estória infantil nos fala de D. Baratinha - que encontrou uma moeda ao varrer sua casa. Depois de ficar muito tempo na janela, escolhendo o pretendente adequado aos seus medos e anseios, terminou casando-se com João Ratão. Como todos sabemos, João Ratão caiu na panela do feijão.

Muitas vezes em nossas vidas, encontramos uma moeda que nos é dada pelo destino, e achamos que este é o único tesouro de nossas vidas. Terminamos por valoriza-lo tanto, que o destino - o mesmo que nos entregou esta moeda - se encarrega de toma-la de volta.

Quem tem muito medo de escolher, sempre escolhe errado.

Imitando o mestre

Um discípulo que amava e admirava seu mestre, resolveu observa-lo em todos os detalhes, acreditando que – ao fazer o que ele fazia, iria também adquirir sua sabedoria.

O mestre só usava roupas brancas, e o discípulo passou a vestir-se da mesma maneira.

O mestre era vegetariano, e o discípulo deixou de comer qualquer tipo de carne, substituindo sua alimentação por ervas.

O mestre era um homem austero, e o discípulo resolveu dedicar-se ao sacrifício, passando a dormir numa cama de palha.

Passado algum tempo, o mestre notou a mudança de comportamento do seu discípulo, e foi ver o que estava acontecendo.

- Estou subindo os degraus de iniciação – foi a resposta. – O branco de minha roupa mostra a simplicidade da busca, a alimentação vegetariana purifica o meu corpo, e a falta de conforto faz com que eu pense apenas nas coisas espirituais.

Sorrindo, o mestre o levou até um campo onde um cavalo pastava.

- você passou este tempo olhando apenas para fora, quando isso é o que menos importa – disse. – Está vendo aquele animal ali? Ele tem a pele branca, come apenas ervas, e dorme num celeiro com palha do chão. você acha que ele tem cara de santo, ou chegará algum dia a ser um verdadeiro mestre?

O exorcismo

Um homem chamou um padre para fazer um exorcismo em sua casa. Foi morar num hotel, e deixou-o entregue ao trabalho.

O sacerdote passou alguns dias dormindo no lugar mal-assombrado, colocou água-benta em todos os quartos, fez orações, e - quando deu sua tarefa por encerrada - chamou de volta o proprietário, dizendo que o resultado fora fantástico.

- Quantos demônios você exorcizou? – quis saber ele.

- Nenhum.

- E quantos viu na minha casa?

- Nenhum.

- Então com o resultado pode ter sido fantástico?

- Quando se está lidando com as forças do mal, nenhum é mais do que suficiente.

Da caridade ameaçada

Há algum tempo, minha mulher ajudou um turista suíço em Ipanema, que se dizia vítima de pivetes. Num sotaque carregado, falando péssimo português, afirmou estar sem passaporte, dinheiro, lugar para dormir.

Minha mulher pagou-lhe um almoço, deu-lhe a quantia necessária para que pudesse passar uma noite no hotel enquanto contactava sua embaixada, e foi embora. Dias depois, um jornal carioca noticiava que o tal "turista suíço" era na verdade mais um criativo malandro, fingindo um sotaque inexistente, abusando da boa-fé de pessoas que amam o Rio, e desejam desfazer a imagem negativa – justa ou injusta – que se tornou o nosso cartão postal.

Ao ler a notícia, minha mulher fez apenas um comentário: "não é isso que irá me impedir de ajudar ninguém."

Seu comentário me fez lembrar a história do sábio que, certa tarde, chegou à cidade de Akbar. As pessoas não deram muita importância a sua presença, e seus ensinamentos não conseguiram interessar a população. Depois de algum tempo, ele tornou-se motivo de riso e ironia dos habitantes da cidade.

Um dia, enquanto passeava pela rua principal de Akbar, um grupo de homens e mulheres começou a insulta-lo. Ao invés de fingir que ignorava o que acontecia, o sábio foi ate eles, e abençoou-os.

Um dos homens comentou:

- Será que, além de tudo, estamos diante de um homem surdo? Gritamos coisas horríveis, e o senhor nos responde com belas palavras!

- Cada um de nós só pode oferecer o que tem – foi a resposta do sábio.

Os desejos negativos

O discípulo disse ao mestre:
- Tenho passado grande parte do meu dia pensando coisas que não devia pensar, desejando coisas que não devia desejar, fazendo planos que não devia fazer.
O mestre convidou o discípulo para um passeio na floresta perto de sua casa; no caminho, apontou uma planta e perguntou se o discípulo sabia o que era.
- Beladona - disse do discípulo. - Pode matar quem comer suas folhas.
- Mas não pode matar quem simplesmente a contempla. Da mesma maneira, os desejos negativos não podem causar nenhum mal – se você não se deixar seduzir por eles.

O mestre não sofre com os maus discípulos?

Um discípulo perguntou a Firoz:
- A simples presença de um mestre, faz com que todo tipo de curioso se aproxime, para descobrir algo do que se possam beneficiar. Isto não pode ser prejudicial e negativo? Isto não pode desviar o mestre do seu caminho, ou fazer com que sofra porque não conseguiu ensinar o que queria?
Firoz, o mestre sufi, respondeu:
- A visão de um abacateiro carregado de frutas desperta o apetite de todos que passam por perto. Se alguém deseja saciar sua fome alem da sua capacidade, termina comendo mais abacates que necessário, e passa mal. Entretanto, isto não causa nenhum tipo de indigestão ao dono do abacateiro.
“O mesmo se passa com a Busca. O caminho precisa estar aberto para todos; mas Deus se encarrega de colocar os limites de cada um”.

Além dos próprios limites

Um arqueiro caminhava pelas redondezas de um mosteiro hindu conhecido por sua dureza nos ensinamentos, quando viu os monges no jardim - bebendo e se divertindo.

"Como são cínicos aqueles que buscam o caminho de Deus", disse o arqueiro em voz alta. "Dizem que a disciplina é importante, e se embriagam às escondidas!"

"Se você disparar cem flechas seguidas, o que acontecerá com o seu arco?", perguntou o mais velho dos monges.

"Meu arco se quebrará", respondeu o arqueiro.

"Se alguém se esforça além dos próprios limites, também quebra sua vontade", disse o monge. "Quem não equilibra trabalho com descanso, perde o entusiasmo, esgota sua energia, e não chega muito longe".

Ainda está faltando algo

O mestre yogue Paltrul Rinpoché ouviu falar de um ermitão com fama de santo, que morava na montanha. E foi encontrá-lo.

- De onde vem você? - perguntou o ermitão.

- Venho de onde minhas costas apontam, e vou para onde está voltado meu rosto - respondeu Rinpoché. – Um sábio deveria saber disso.

- É uma resposta tola e metida a filosófica – resmungou o ermitão.

- E o senhor, o que faz?

- Medito há vinte anos sobre a perfeição da paciência. Estou perto de ser considerado santo.

- As pessoas já o consideram assim - comentou Rinpoché. Você conseguiu enganar todo mundo!

Furioso, o ermitão levantou-se:

- Como ousa perturbar um homem que busca a santidade? – gritou.

- Ainda falta muito para chegar a isso – disse o yogue. – Se uma simples brincadeira o faz perder a paciência que tanto busca, estes vinte anos foram uma completa falta de tempo!

Uma lenda árabe da criação

No seu "Livro do Fantasma", Alejandro Dolina associa a história da areia à uma das lendas da criação do povo árabe.

Diz ele que, assim que terminou de construir o mundo, um dos anjos advertiu o Todo-Poderoso que esquecera de colocar areia na Terra; grave defeito, se considerarmos que os seres humanos estariam privados para sempre de caminhar junto aos mares, massageando seus pés cansados e sentindo o contacto com o chão.

Além disso, o fundo dos rios seria sempre ríspido e pedregoso, os arquitetos não poderiam usar um material indispensável, as pegadas dos namorados seriam invisíveis; disposto a remediar seu esquecimento, Deus enviou o Arcanjo Gabriel com uma enorme bolsa, para que derramasse areia em todos os lugares que fosse necessário.

Gabriel fez as praias, o leito dos rios, e quando voltava para o céu trazendo o material que havia sobrado, o Inimigo – sempre atento, sempre disposto a estragar a obra do Todo-Poderoso – conseguiu fazer um furo na bolsa, que arrebentou, derramando todo o seu conteúdo. Isso aconteceu no lugar que é hoje a Arábia, e quase toda a região se transformou num imenso deserto.

Gabriel, desolado, foi pedir desculpas ao Senhor, por ter deixado que o Inimigo se aproximasse sem ser visto. E Deus, em Sua infinita sabedoria, resolveu recompensar o povo árabe pelo erro involuntário do seu mensageiro.

Criou para eles um céu cheio de estrelas, como não existe em nenhum outro lugar do mundo, para que sempre olhassem para o alto.

Criou o turbante, que – debaixo do sol do deserto – é muito mais valioso que uma coroa.

Criou a tenda, permitindo que as pessoas se movessem de um lugar para o outro, sempre tendo novas paisagens ao redor, e sem as obrigações aborrecidas de manutenção de palácios.

Ensinou o povo a forjar o melhor aço para a espada. Criou o camelo. Desenvolveu a melhor raça de cavalos.

E lhe deu algo mais precioso que estas e todas as outras coisas juntas: a palavra, o verdadeiro ouro dos árabes. Enquanto os outros povos modelavam os metais e as pedras, os povos da Arábia aprendiam a modelar o verbo.

Ali, o poeta passou a ser sacerdote, juiz, médico, chefe dos beduínos. Seus versos possuem poder: podem trazer alegria, tristeza, saudade. Podem desencadear a vingança e a guerra, unir os amantes, reproduzir o canto dos pássaros.

E conclui Alejandro Dolina:

"Os erros de Deus, como os de grandes artistas, ou dos verdadeiros enamorados, desencadeiam tantas compensações felizes, que às vezes vale a pena deseja-los".

O jogo de xadrez

O jovem disse ao abade do mosteiro:

- Bem que eu gostaria de ser um monge, mas nada aprendi de importante na vida. Tudo que meu pai me ensinou foi jogar xadrez, que não serve para iluminação. Além do mais, aprendi que qualquer jogo é um pecado.

- Pode ser um pecado mas também pode ser uma diversão, e quem sabe este mosteiro não está precisando um pouco de ambos – foi a resposta.

O abade pediu um tabuleiro de xadrez, chamou um monge, e mandou-o jogar com o rapaz.

Mas antes da partida começar, acrescentou:

- Embora precisemos de diversão, não podemos permitir que todo mundo fique jogando xadrez. Então, teremos apenas o melhor dos jogadores aqui; se nosso monge perder, ele sairá do mosteiro, e abrirá uma vaga para você.

O abade falava sério. O rapaz sentiu que jogava por sua vida, e suou frio; o tabuleiro tornou-se o centro do mundo.

O monge começou a perder. O rapaz atacou, mas então viu o olhar de santidade do outro; a partir deste momento, começou a jogar errado de propósito. Afinal de contas preferia perder, porque o monge podia ser mais útil ao mundo.

De repente, o abade jogou o tabuleiro no chão.

- você aprendeu muito mais do que lhe ensinaram – disse. – Concentrou-se o suficiente para vencer, foi capaz de lutar pelo que desejava. Em seguida, teve compaixão, e disposição para sacrificar-se em nome de uma nobre causa. Seja bem-vindo ao mosteiro, porque sabe equilibrar a disciplina com a misericórdia.

O lugar dos pecadores

O rabino Wolf entrou por acaso em um bar; algumas pessoas bebiam, outra jogavam cartas, e o ambiente parecia carregado.

O rabino saiu sem comentar nada; um jovem veio atrás dele.

- Sei que não gostou do que viu - disse o rapaz. - Ali só vivem os pecadores.

- Gostei do que vi - disse Wolf. - São homens que estão aprendendo a perder tudo. Quando tiverem mais nada de material neste mundo, só lhes sobrará voltar-se para Deus. E, a partir deste momento, que servos excelentes serão!

Isaac morre

Certo rabino era adorado por sua comunidade; todos ficavam encantados com o que dizia.

Menos Isaac, que não perdia uma chance de contradizer as interpretações do rabino, apontar falhas em seus ensinamentos. Os outros ficavam revoltados com Isaac, mas não podiam fazer nada.

Um dia, Isaac morreu. Durante o enterro, a comunidade notou que o rabino estava profundamente triste.

- Por que tanta tristeza? - comentou alguém. - Ele vivia colocando defeito em tudo que o senhor dizia!

- Não lamento por meu amigo que hoje esta' no céu - respondeu o rabino. - Lamento por mim mesmo. Enquanto todos me reverenciavam, ele me desafiava, e eu era obrigado a melhorar. Agora que ele se foi, tenho medo de parar de crescer.

O preço da pergunta

O rabino vivia ensinando que as respostas estão dentro de nós mesmos. Mas seus fiéis insistiam em consulta-lo sobre tudo que faziam.

Um dia, o rabino teve uma idéia: colocou um cartaz na porta de sua casa, e escreveu:

RESPONDO CADA PERGUNTA POR 100 MOEDAS.

Um comerciante resolveu pagar. Deu o dinheiro ao rabino, comentando:

- O senhor não acha caro cobrar tanto por uma pergunta?

- Acho - disse o rabino. - E acabo de responde-la. Se quiser saber mais, pague outras 100 moedas. Ou procure a resposta em você mesmo, que é mais barato e mais eficaz.

A partir deste dia, nunca mais o perturbaram.

Perdoando no mesmo espírito

O rabi Nahum de Chernobyl vivia sendo ofendido por um comerciante. Um dia, os negócios deste último começaram a andar muito mal.

"Deve ser o rabino, que está pedindo vingança a Deus", pensou. E foi pedir desculpas a Nahum.

- Eu o perdôo com o mesmo espírito que você me pede perdão - respondeu o rabino.

Mas as perdas do homem cresceram cada vez mais, ate' que ele ficou reduzido à miséria. Os discípulos de Nahum, horrorizados, foram perguntar o que tinha acontecido.

- Eu o perdoei, mas ele continuou me odiando no fundo de seu coração - disse o rabino. - Então, seu ódio contaminou tudo que fazia, e a punição de Deus tornou-se ainda mais severa.

Um tradicional conto sufi

Há muitos anos, numa pobre aldeia chinesa, vivia um lavrador com seu filho. Seu único bem material, além da terra e da pequena casa de palha, era um cavalo que havia sido herdado de seu pai.

Um belo dia, o cavalo fugiu, deixando o homem sem o animal para lavrar a terra. Seus vizinhos – que o respeitavam muito por sua honestidade e diligência – vieram até sua casa para dizer o quanto lamentavam o ocorrido. Ele agradeceu a visita, mas perguntou:

- Como vocês podem saber que o que ocorreu foi uma desgraça na minha vida?

Alguém comentou baixinho com um amigo: “ele não quer aceitar a realidade, deixemos que pense o que quiser, desde que não se entristeça com o ocorrido”.

E os vizinhos foram embora, fingindo concordar com o que haviam escutado.

Uma semana depois, o cavalo retornou ao estábulo, mas não vinha sozinho; trazia uma bela égua como companhia. Ao saber disso, os habitantes da aldeia – alvoroçados, porque só agora entendiam a resposta que o homem lhes havia dado – retornaram à casa do lavrador, para cumprimenta-lo pela sua sorte.

- você antes tinha apenas um cavalo, e agora possui dois. Parabéns! – disseram.

- Muito obrigado pela visita e pela solidariedade de vocês – respondeu o lavrador. – Mas como vocês podem saber que o que ocorreu é uma benção na minha vida?

Desconcertados, e achando que o homem estava ficando louco, os vizinhos foram embora, comentando no caminho “será que este homem não entende que Deus lhe enviou um presente?”

Passado um mês, o filho do lavrador resolveu domesticar a égua. Mas o animal saltou de maneira inesperada, e o rapaz caiu de mau jeito – quebrando uma perna.

Os vizinhos retornaram à casa do lavrador – levando presentes para o moço ferido. O prefeito da aldeia, solenemente, apresentou as condolências ao pai, dizendo que todos estavam muito tristes com o que tinha acontecido.

O homem agradeceu a visita e o carinho de todos. Mas perguntou:

- Como vocês podem saber se o que ocorreu foi uma desgraça na minha vida?

Esta frase deixou a todos estupefatos, pois ninguém pode ter a menor dúvida que um acidente com um filho é uma verdadeira tragédia. Ao saírem da casa do lavrador, diziam uns aos outros: "o homem enlouqueceu mesmo; seu único filho pode ficar coxo para sempre, e ele ainda tem dúvidas se o que ocorreu é uma desgraça".

Alguns meses transcorreram, e o Japão declarou guerra contra a China. Os emissários do imperador percorreram todo o país, em busca de jovens saudáveis para serem enviados à frente de batalha. Ao chegarem na aldeia, recrutaram todos os rapazes, exceto o filho do lavrador, que estava com uma perna quebrada.

Nenhum dos rapazes retornou vivo. O filho se recuperou, os dois animais deram crias que foram vendidas e rederam um bom dinheiro. O lavrador passou a visitar seus vizinhos para consola-los e ajuda-los – já que tinham se mostrado solidários com ele em todos os momentos. Sempre que algum deles se queixava, o lavrador dizia: "como sabe se isso é uma desgraça?" Se alguém se alegrava muito, ele perguntava: "Como sabe se isso é uma benção?" E os homens daquela aldeia entenderam que, além das aparências, a vida tem outros significados.

De árvores e cidades

No deserto de Mojave, é freqüente encontramos as famosas cidades-fantasmas: construídas perto de minas de ouro; eram abandonadas quando todo o produto da terra tinha sido extraído. Haviam cumprindo seu papel, e não tinha mais sentido continuar sendo habitadas.

Quando passeamos por uma floresta, também vemos árvores que - uma vez cumprido seu papel, terminaram caindo. Mas, diferente das cidades-fantasmas, o que aconteceu? Abriram espaço para que a luz penetrasse, fertilizaram o solo, e tem seus troncos cobertos de vegetação nova.

A nossa velhice vai depender da maneira que vivemos. Podemos terminar como uma cidade - fantasma. Ou então como uma generosa árvore, que continua a ser importante, mesmo depois de caída por terra.

Sobre o ritmo e o Caminho

- Faltou algo em sua palestra sobre o Caminho de Santiago - me diz uma peregrina, assim que saímos da Casa de Galicia, em Madrid, onde minutos antes eu acabara de dar uma conferência.

Deve ter faltado muita coisa, pois minha intenção ali era de apenas compartilhar um pouco minha experiência. Mesmo assim, convido-a para tomar um café, curioso em saber o que ela considera como uma omissão importante.

E Begoña – este é seu nome – me diz:

- Tenho notado que a maioria dos peregrinos, seja no Caminho de Santiago, seja nos caminhos da vida, sempre procura seguir o ritmo dos outros.

“No início de minha peregrinação, procurava ir junto com meu grupo. Me cansava, exigia de meu corpo mais do que podia dar, vivia tensa, e terminei tendo problemas nos tendões do pé esquerdo. Impossibilitada de andar por dois dias, entendi que só conseguiria chegar a Santiago se obedecesse meu ritmo pessoal.

“Demorei mais que os outros, tive que andar sozinha por muitos trechos ~ mas foi só porque respeitei meu próprio ritmo que consegui completar o caminho. Desde então aplico isso a tudo que preciso fazer na vida: respeito o meu tempo”.

Tudo vira pó

As festas de Valência, na Espanha, têm um curioso ritual, cuja origem está na antiga comunidade dos carpinteiros.

Durante o ano inteiro, artesãos e artistas constroem esculturas gigantescas em madeira. Na semana de festa, levam estas esculturas para o centro da praça principal. As pessoas passam, comentam, se deslumbram e se comovem diante de tanta criatividade. Então, no dia de São José, todas estas obras de arte - exceto uma - são queimadas numa gigantesca fogueira, diante de milhares de curiosos.

- Por que tanto trabalho a toa? - perguntou uma inglesa ao meu lado, enquanto as imensas labaredas subiam aos céus.

- Você também vai acabar um dia - respondeu uma espanhola. - Já imaginou se, neste momento, algum anjo perguntasse a Deus: "porque tanto trabalho a toa?"

O vaso com rachaduras

Conta a lenda indiana que um homem transportava água todos os dias para a sua aldeia, usando dois grandes vasos que prendia nas extremidades de um pedaço de madeira, e colocava atravessado nas costas.

Um dos vasos era mais velho que o outro, e tinha pequenas rachaduras; cada vez que o homem percorria o caminho até sua casa, metade da água se perdia.

Durante dois anos o homem fez o mesmo percurso. O vaso mais jovem estava sempre muito orgulhoso de seu desempenho, e tinha certeza que estava à altura da missão para o qual tinha sido criado, enquanto o outro vaso morria de vergonha por cumprir apenas a metade de sua tarefa, mesmo sabendo que aquelas rachaduras eram fruto de muito tempo de trabalho.

Estava tão envergonhado que um dia, enquanto o homem se preparava para pegar água no poço, decidiu conversar com ele:

- Quero pedir desculpas, já que devido ao meu tempo de uso, você só consegue entregar metade da minha carga, e saciar a metade da sede que espera em sua casa.

O homem sorriu, e lhe disse:

- Quanto voltarmos, por favor olhe cuidadosamente o caminho.

Assim foi feito. E o vaso notou que, do seu lado, cresciam muitas flores e plantas.

- Vê como a natureza é mais bela do seu lado? – comentou o homem. – Sempre soube que você tinha rachaduras, e resolvi aproveitar-me deste fato. Semeei hortaliças, flores e legumes, e você as tem regado sempre. Já recolhi muitas rosas para decorar minha casa, alimentei meus filhos com alface, couve e cebolas. Se você não fosse como é, com poderia ter feito isso.

" Todos nós, em algum momento, envelhecemos e passamos a ter outras qualidades. É sempre possível aproveitar cada uma destas novas qualidades para obter um bom resultado. "

Como a trilha foi aberta

Na edição n. 106 do Jornalinho, (Portugal), encontro uma história que muito nos ensina a respeito daquilo que escolhemos sem pensar:

Um dia, um bezerro precisou atravessar uma floresta virgem para voltar a seu pasto. Sendo animal irracional, abriu uma trilha tortuosa, cheia de curvas, subindo e descendo colinas.

No dia seguinte, um cão que passava por ali, usou essa mesma trilha para atravessar a floresta.Depois foi a vez de um carneiro, líder de um rebanho, que vendo o espaço já aberto, fez seus companheiros seguirem por ali.

Mais tarde, os homens começaram a usar esse caminho: entravam e saíam, viravam à direita, à esquerda, abaixavam-se, desviavam-se de obstáculos, reclamando e praguejando – com toda razão. Mas não faziam nada para criar uma nova alternativa.

Depois de tanto uso, a trilha acabou virando uma estradinha onde os pobres animais se cansavam sob cargas pesadas, sendo obrigados a percorrer em três horas uma distância que poderia ser vencida em trinta minutos, caso não seguissem o caminho aberto por um bezerro.

Muitos anos se passaram e a estradinha tornou-se a rua principal de um vilarejo, e posteriormente a avenida principal de uma cidade. Todos reclamavam do trânsito, porque o trajeto era o pior possível.

Enquanto isso, a velha e sábia floresta ria, ao ver que os homens tem a tendência de seguir como cegos o caminho que já está aberto, sem nunca se perguntarem se aquela é a melhor escolha.

Viajando de maneira diferente

Desde de muito jovem descobri que a viagem era, para mim, a melhor maneira de aprender. Continuo até hoje com esta alma de peregrino, e decidi relatar nesta coluna algumas das lições que aprendi, esperando que possam ser úteis a outros peregrinos como eu.

1] **Evite os museus**. O conselho pode parecer absurdo, mas vamos refletir um pouco juntos: se você está numa cidade estrangeira, não é muito mais interessante ir em busca do presente que do passado? Acontece que as pessoas sentem-se obrigadas a ir a museus, porque aprenderam desde pequeninas que viajar é buscar este tipo de cultura. É claro que museus são importantes, mas exigem tempo e objetividade – você precisa saber o que deseja ver ali, ou vai sair com a impressão de que viu uma porção de coisas fundamentais para a sua vida, mas não se lembra quais são.

2] **Frequente os bares**. Ali, ao contrário dos museus, a vida da cidade se manifesta. Bares não são discotecas, mas lugares aonde o povo vai, toma algo, pensa no tempo, e está sempre disposto a uma conversa. Compre um jornal e deixe-se ficar contemplando o entra-e-sai. Se alguém puxar assunto, por mais bobo que seja, engate a conversa: não se pode julgar a beleza de um caminho olhando apenas sua porta.

3] **Esteja disponível**. O melhor guia de turismo é alguém que mora no lugar, conhece tudo, tem orgulho de sua cidade, mas não trabalha em uma agência. Saia pela rua, escolha a pessoa com quem deseja conversar, e peça informações (onde fica tal catedral? Onde estão os Correios?) Se não der resultado, tente outra – garanto que no final do dia irá encontrar uma excelente companhia.

4] **Procure viajar sozinho, ou – ser for casado – com seu cônjuge**. Vai dar mais trabalho, ninguém vai estar cuidando de você(s), mas só desta maneira poderá realmente sair do seu país. As viagens em grupo são uma maneira disfarçada de estar numa terra estrangeira, mas falando a sua língua natal, obedecendo ao que manda o chefe do rebanho, preocupando-se mais com as fofocas do grupo do que com o lugar que se está visitando.

5] **Não compare**. Não compare nada - nem preços, nem limpeza, nem qualidade de vida, nem meio de transportes, nada! você não está viajando para provar que vive melhor que os outros – sua procura, na verdade, é saber como os outros vivem, o que podem ensinar, como se enfrentam com a realidade e com o extraordinário da vida.

6] **Entenda que todo mundo lhe entende**. Mesmo que não fale a língua, não tenha medo: já estive em muitos lugares onde não havia maneira de me comunicar através de palavras, e terminei sempre encontrando apoio, orientação, sugestões importantes, e até mesmo namoradas. Algumas pessoas acham que, se viajarem sózinhas, vão sair na rua e se perder para sempre. Basta ter o cartão do hotel no bolso, e – numa situação estrema – tomar um táxi e mostrá-lo ao motorista.

7] **Não compre muito**. Gaste seu dinheiro com coisas que não vai precisar carregar: boas peças de teatro, restaurantes, passeios. Hoje em dia, com o mercado global e a Internet, você pode ter tudo sem precisar pagar excesso de peso.

8] **Não tente ver o mundo em um mês**. Mais vale ficar numa cidade quatro a cinco dias, que visitar cinco cidades em uma semana. Uma cidade é uma mulher caprichosa, precisa de tempo para ser seduzida e mostrar-se completamente.

9] **Uma viagem é uma aventura**. Henry Miller dizia que é muito mais importante descobrir uma igreja que ninguém ouviu falar, que ir a Roma e sentir-se obrigado a visitar a Capela Sixtina, com duzentos mil turistas gritando nos seus ouvidos. Vá à capela Sixtina, mas deixe-se perder pelas ruas, andar pelos becos, sentir a liberdade de estar procurando algo que não sabe o que é, mas que – com toda certeza – irá encontrar em mudará a sua vida.

Porque deixar o homem para o sexto dia

Um grupo de sábios reuniu-se num castelo em Akbar, para discutir a obra de Deus; queriam saber por que havia deixado para criar o homem no sexto dia.

- Ele pensava em organizar bem o Universo, de modo que pudéssemos ter todas as maravilhas a nossa disposição - disse um.

- Ele quis primeiro fazer alguns testes com animais, de modo a não cometer os mesmos erros conosco - argumentou outro.

Um sábio judeu apareceu para o encontro. O tema da discussão lhe foi comunicado: “na sua opinião, por que Deus deixou para criar o homem no último dia?”

- Muito simples - comentou o sábio. - Para que, quando fossemos tocados pelo orgulho, pudéssemos refletir: até mesmo um simples mosquito teve prioridade no trabalho Divino.

A pedra que falta

Um dos grandes monumentos da cidade de Kyoto é um jardim zen, uma superfície de areia com quinze rochas.

O jardim original tinha dezesseis rochas. Conta a lenda que, assim que o jardineiro terminou sua obra, chamou o imperador para contempla-la.

- Magnífico - disse o imperador. - E' o mais lindo do Japão. E esta é a mais bela rocha do jardim.

Imediatamente o jardineiro tirou do jardim a pedra que o imperador tanto apreciara, e jogou-a fora.

- Agora o jardim está perfeito – disse para o imperador. – Não existe nada que se sobressaia, e ele pode ser visto em toda a sua harmonia.

"Um jardim, como a vida, precisa ser visto na sua totalidade. Se nos detivermos na beleza de um detalhe, todo o resto parecerá feio."

O céu e o inferno

Um samurai violento, com fama de provocar briga sem motivo, chegou as portas do mosteiro zen e pediu para falar com o mestre.

Sem titubear, Ryokan foi ao seu encontro.

- Dizem que a inteligência é mais poderosa que a força - comentou o samurai. - Será que o senhor consegue me explicar o que é céu e inferno?

Riokan ficou calado.

- Viu? – bradou o samurai. – Eu conseguiria explicar isso com muita facilidade: para mostrar o que é inferno, basta dar uma surra em alguém. Para mostrar o que é céu, basta deixar uma pessoa fugir, depois de ameaça-la muito.

- Não discuto com gente estúpida como você – comentou o mestre zen.

O sangue do samurai subiu a cabeça. Sua mente ficou turva de ódio.

- Isto é inferno - disse Ryokan, sorrindo. – Deixar-se provocar por bobagens.

O guerreiro ficou desconcertado com a coragem do monge, e relaxou.

- Isso é o céu – terminou Ryokan, convidando-o para entrar. – Não aceitar provocações bobas.

O reino deste mundo

Um velho ermitão foi certa vez convidado para ir até a corte do rei mais poderoso daquela época.

- Eu invejo um homem santo, que se contenta com tão pouco – comentou o soberano.

- Eu invejo Vossa Majestade, que se contenta com menos que eu - respondeu o ermitão.

- Como você me diz isto, se todo este país me pertence? - disse o rei, ofendido.

- Justamente por isso. Eu tenho a música das esferas celestes, tenho os rios e as montanhas do mundo inteiro, tenho a lua e o sol, porque tenho Deus na minha alma. Vossa Majestade, porém, tem apenas este reino.

Os ossos do ancestral

Havia um rei de Espanha que se orgulhava muito de seus ancestrais, e que era conhecido por sua crueldade com os mais fracos.

Certa vez, caminhava com sua comitiva por um campo de Aragón, onde - anos antes - havia perdido seu pai em uma batalha, quando encontrou um homem santo remexendo uma enorme pilha de ossos.

- O que você está fazendo aí? - perguntou o rei.

- Honrada seja Vossa Majestade - disse o homem santo. - Quando soube que o rei de Espanha vinha por aqui, resolvi recolher os ossos de vosso falecido pai para entregar-vos. Entretanto, por mais que procure, não consigo acha-los: eles são iguais aos ossos dos camponeses, dos pobres, dos mendigos e dos escravos.

Chame outro tipo de médico

Um poderoso monarca chamou um santo padre - que todos diziam ter poderes curativos - para ajuda-lo com as dores na coluna.

- Deus nos ajudará - disse o homem santo. - Mas antes vamos entender a razão destas dores. Sugiro que Sua Majestade se confesse agora, pois a confissão faz o homem enfrentar seus problemas, e o liberta de muitas culpas.

Aborrecido por ter que pensar em tantos problemas, o rei disse:

- Não quero falar destes assuntos; preciso de alguém que cure sem fazer perguntas.

O sacerdote saiu e voltou meia-hora depois com outro homem.

- Eu acredito que a palavra pode aliviar a dor, e me ajudar a descobrir o caminho certo para a cura - disse. - Entretanto, o senhor não deseja conversar, e não posso ajuda-lo. Mas eis aqui quem o senhor precisa: meu amigo é veterinário, e não costuma conversar com seus pacientes.

A parte mais perigosa

Um rei mandou reunir um grupo de sábios para decidir qual era parte mais importante do corpo. O endocrinologista afirmou que eram as glândulas, porque regulavam as funções; o neurologista disse que era o coração, porque sem ele as glândulas não funcionavam. O nutricionista garantiu que era o estômago, porque, sem alimento, o coração não tinha forças para bater.

O mais sábio de todos ouvia tudo em silêncio. Como não chegavam a nenhum acordo, quiseram saber sua opinião.

- Todas estas partes são fundamentais para a vida - disse o mais sábio. - Se faltar uma delas, o corpo morre. Entretanto, a parte mais importante não existe: é o canal imaginário que liga o ouvido a língua.

“Se este canal estiver com problemas, o homem passa a dizer coisas que não ouviu - e ai, não apenas o corpo morre, mas a alma é condenada para sempre.”

Um conto de fadas

Por volta do ano 250 a.C., na China antiga, um certo príncipe da região de Thing-Zda estava às vésperas de ser coroado imperador; antes, porém, de acordo com a lei, ele deveria se casar.

Como se tratava de escolher a futura imperatriz, o príncipe precisava encontrar uma moça em quem pudesse confiar cegamente. Aconselhado por um sábio, ele resolveu convocar todas as jovens da região, para encontrar aquela que fosse a mais digna. M

Uma velha senhora, serva do palácio há muitos anos, ouvindo os comentários sobre os preparativos para a audiência, sentiu uma grande tristeza - pois sua filha alimentava um amor secreto pelo príncipe.

Ao chegar em casa e relatar o fato à jovem, espantou-se ao ouvir que ela também pretendia comparecer

A senhora ficou desesperada:

- Minha filha, o que você fará lá? Estarão presentes apenas as mais belas e ricas moças da corte. Tire esta idéia insensata da cabeça! Eu sei que você deve estar sofrendo, mas não transforme o sofrimento em uma loucura!

E a filha respondeu:

- Querida mãe, não estou sofrendo e muito menos fiquei louca; sei que jamais poderei ser a escolhida, mas é minha oportunidade de ficar pelo menos alguns momentos perto do príncipe, isto já me torna feliz – mesmo sabendo que meu destino é outro.

À noite, quando a jovem chegou ao palácio, lá estavam efetivamente todas as mais belas moças, com as mais belas roupas, as mais belas jóias, e dispostas a lutar de qualquer jeito pela oportunidade que lhes era oferecida.

Cercado de sua corte, o príncipe anunciou o desafio:

- Darei para cada uma de vocês uma semente. Aquela que, dentro de seis meses, me trouxer a flor mais linda, será a futura imperatriz da China.

A moça pegou a sua semente, plantou-a num vaso, e como não tinha muita habilidade nas artes da jardinagem, cuidava terra com muita paciência e ternura - pois pensava que, se a beleza das flores surgisse na mesma extensão de seu amor, ela não precisava se preocupar com o resultado.

Passaram-se três meses e nada brotou. A jovem tentou um pouco de tudo, falou com lavradores e camponeses – que ensinaram os mais variados métodos de cultivo – mas não conseguiu nenhum deu resultado. A cada dia sentia-se mais longe o seu sonho, embora o seu amor continuasse tão vivo como antes.

Por fim, os seis meses se esgotaram, e nada nasceu em seu vaso. Mesmo sabendo que nada tinha para mostrar, estava consciente de seu esforço e dedicação durante todo aquele tempo, de modo que comunicou a sua mãe que retornaria ao palácio, na data e hora combinadas. Secretamente, sabia que este seria seu último encontro com o bem-amado, e não pretendia perde-lo por nada neste mundo.

Chegou o dia da nova audiência. A moça apareceu com seu vaso sem planta, e viu que todas as outras pretendentes tinham conseguido bons resultados: cada uma tinha uma flor mais bela do que a outra, das mais variadas formas e cores.

Finalmente vem o momento esperado: o príncipe entra e observa cada uma das pretendentes com muito cuidado e atenção. Após passar por todas, ele anuncia o resultado - e indica a filha de sua serva como sua nova esposa.

Todos os presentes começam a reclamar, dizendo que ele escolheu justamente aquela que não tinha conseguido cultivar nenhuma planta.

Foi então que, calmamente, o príncipe esclareceu a razão do seu desafio:

- Esta foi a única que cultivou a flor que a tornou digna de se tornar uma imperatriz: a flor da honestidade. Todas as sementes que entreguei eram estéreis, e não podiam nascer de jeito nenhum.

(adaptado de uma história enviada por Maria Emilia Voss)

O casal que sorria (Londres, 1977)

Eu era casado com Cecília Macdowell, e - num período em que havia decidido largar tudo que não me dava entusiasmo - fomos morar em Londres. Vivíamos no segundo andar de um pequeno apartamento em Palace Street, e tínhamos muita dificuldade em fazer amigos. Todo noite, porém, um casal jovem, saindo do *pub* ao lado, passava diante de nossa janela e acenava, gritando, para que descêssemos.

Eu ficava preocupadíssimo com os vizinhos; jamais descia, fingindo que não era comigo. Mas o casal repetia sempre a gritaria, mesmo quando ninguém estava na janela.

Certa noite, desci e reclamei do barulho. Na mesma hora, o riso dos dois transformou-se em tristeza; pediram desculpas, e foram embora. Então, naquela noite me dei conta que, embora buscasse amigos, estava mais preocupado com "o que os vizinhos vão dizer".

Resolvi que na próxima vez eu os convidaria para subir e beber algo conosco. Fiquei uma semana inteira na janela, na hora que costumavam passar, mas não apareceram. Passei a freqüentar o pub, na esperança de vê-los, mas o dono não os conhecia.

Coloquei um cartaz na janela, escrito "Chamem novamente". Tudo que consegui foi que um bando de bêbados, certa noite, começassem a gritar todos os palavrões possíveis, e a vizinha – com quem eu tanto me preocupara – terminasse reclamando com o proprietário.

Nunca mais os vi.

A busca da diferença

Você sabe exatamente onde está agora? Você está numa cidade, junto com muita gente, e neste momento existe uma grande chance de várias pessoas abrigarem em seus corações as mesmas esperanças e desesperanças que você abriga.

Vamos adiante: você é um pontinho microscópico na superfície de uma bola. Esta bola gira em torno de outra, que por sua vez está localizada num cantinho de uma galáxia, junto com milhões de bolas semelhantes.

Esta galáxia faz parte de algo chamado Universo, cheio de gigantescos aglomerados estelares. Ninguém sabe exatamente onde começa e onde termina o que chamam de Universo.

Mesmo assim, você é o máximo; luta, se esforça, e tenta melhorar, tem sonhos, fica alegre ou triste por causa do Amor. Se você não estivesse vivo, algo ia estar faltando.

A seguir, algumas histórias sobre o nosso direito de sermos únicos. E isto me leva à seguinte história:

Um carpinteiro e seus auxiliares viajavam pela província de Qi, em busca de material para construções. Viram uma árvore gigantesca; cinco homens de mãos dadas não conseguiam abraça-la, e seu topo era tão alto que quase tocava as nuvens.

- Não vamos perder nosso tempo com esta árvore - disse o mestre carpinteiro. - Para corta-la, demoraremos muito. Se quisermos fazer um barco, ele afundará, de tão pesado o seu tronco. Se resolvermos usa-la para a estrutura de um teto, as paredes terão que ser exageradamente resistentes.

O grupo seguiu adiante. Um dos aprendizes comentou:

- É uma árvore tão grande e não serve para nada!

- você está enganado – disse o mestre carpinteiro. - Ela seguiu seu destino a sua maneira. Se fosse igual às outras, nós já a teríamos cortado. Mas porque teve coragem de ser diferente, permanecerá viva e forte por muito tempo.

Quero ser um anjo

O abade João Pequeno pensou: " estou cansado de ser um homem como os outros, preciso ser igual aos anjos, que nada fazem, e vivem contemplando a glória de Deus". Naquela noite, abandonou o mosteiro de Sceta e foi para o deserto.

Uma semana depois, voltou para o convento. O Irmão Porteiro escutou-o bater na porta, e perguntou quem era.

- Sou o abade João - respondeu. - Estou com fome.

- Não pode ser - disse o Irmão Porteiro. - O abade João está no deserto, se transformando em anjo. Já não sente mais fome, e não precisa trabalhar para sustentar-se.

- Perdoa meu orgulho - respondeu o abade João. - Os anjos ajudam a humanidade; este é o trabalho deles, e por isso não precisam comer, apenas contemplar

"Mas eu sou um homem. A única maneira de contemplar esta mesma glória é fazendo o que os anjos fazem – ajudando meu próximo. O jejum não adianta nada."

Ouvindo o gesto de humildade, o Irmão Porteiro tornou a abrir a porta do convento.

Qual o melhor exemplo

Perguntaram a Dov Beer de Mezeritch:

- Qual o melhor exemplo a seguir? O dos homens piedosos, que dedicam sua vida a Deus sem perguntar por que? OU o dos homens cultos, que procuram entender a vontade do Altíssimo?

- O melhor exemplo é a criança - respondeu Dov Beer.

- A criança não sabe nada. Ainda não aprendeu o que é a realidade! - foi o comentário geral.

- vocês estão muito enganados, porque ela possui quatro qualidades que nunca devíamos nos esquecer. Está sempre alegre sem razão. Está sempre ocupada. Quando deseja qualquer coisa, sabe exigi-la com insistência e determinação. Finalmente, consegue parar de chorar muito rápido.

A importância do bosque

- Todos os mestres dizem que o tesouro espiritual é uma descoberta solitária. Então por que estamos juntos? - perguntou um dos discípulos ao mestre sufi Nasrudin.

- Vocês estão juntos porque um bosque é sempre mais forte que uma arvore solitária - respondeu Nasrudin - O bosque mantém a umidade do ar, resiste melhor a um furacão, ajuda o solo a ser fértil.

“Mas o que faz uma arvore forte é a sua raiz. E a raiz de uma planta não pode ajudar outra planta a crescer”.

“Estar juntos no mesmo propósito, e deixar que cada um cresça a sua maneira, este é o caminho dos que desejam comungar com Deus”.

A melodia divina

Zaki escutou o Xá perguntando a seus amigos qual era a mais bela melodia na Terra.

- O som da flauta – disse um.

- O canto dos pássaros – respondeu outro.

- A voz de uma mulher – comentou o terceiro.

Conversaram a noite inteira, sem chegar a qualquer conclusão.

Dias depois, Zaki convidou o Xá e seus amigos para jantar. No salão, a melhor orquestra do mundo tocou lindas canções, mas não havia comida na mesa. Perto de meia-noite, quando todos Zaki serviu um refinado banquete.

- Que som divino é o tilintar de pratos e talheres, depois de tantas horas sem comer - comentou o Xá.

- Estou respondendo sua pergunta sobre a mais bela melodia da terra - respondeu Zaki. - Pode ser a voz da mulher amada, o canto dos pássaros, o tilintar de pratos, a respiração da pessoa querida; Mas sempre será o som que nosso coração precisa escutar naquele momento.

Como um dos livros mais importantes do mundo foi escrito

No 23º ano do reinado de Zhao, Lao Tsu percebeu que a guerra terminaria por destruir o lugar onde vivia. Como havia passado anos meditando sobre a essência da vida, sabia que em certos momentos é preciso ser prático. Resolveu, pois, tomar a decisão mais simples: mudar-se.

Pegou seus poucos pertences, e seguiu em direção a Han Keou; na porta de saída da cidade, encontrou um guarda.

- Onde está indo tão importante sábio? – perguntou o guarda.

- Para longe da guerra.

- Não pode partir assim. Eu gostaria muito de saber o que foi que aprendeu em tantos anos de meditação. Só o deixarei partir se dividir comigo o que sabe.

Apenas para se livrar do guarda, Lao Tsu escreveu ali mesmo um pequeno livrinho, cuja única cópia lhe entregou. Depois, continuou sua viagem, e nunca mais se ouviu falar dele.

O texto de Lao Tsu foi copiado e recopilado, atravessou séculos, atravessou milênios, e chegou até o nosso tempo. Chama-se "Tao Te King", está publicado em português por várias editoras, e é uma leitura imperdível. Aqui vai uma de suas páginas:

Aquele que conhece os outros é sábio
Aquele que conhece a si mesmo é iluminado.
Aquele que vence os outros é forte
Aquele que vence a si mesmo é poderoso
Aquele que conhece a alegria é rico.
Aquele que conserva seu caminho tem vontade.

Seja humilde, e permanecerás íntegro.
Curva-te, e permanecerás ereto.
Esvazia-te, e permanecerás repleto.
Gasta-te, e permanecerás novo.

O sábio não se exibe, e por isso brilha.
Ele não se faz notar, e por isso é notado.
Ele não se elogia, e por isso tem mérito.
E porque não está competindo, ninguém no mundo pode competir com ele.

Entre a fé e a oração

- Há algo mais importante que a oração? - perguntou o discípulo ao mestre.

O mestre pediu que o discípulo fosse até um arbusto próximo e cortasse um ramo. O discípulo obedeceu.

- A árvore continua viva? - perguntou o mestre.
- Tão viva como antes.
- Então vá até lá e corte a raiz.
- Se eu fizer isto, a árvore morrerá.
- As orações são os ramos de uma árvore, cuja raiz se chama Fé - disse o mestre. - Pode existir fé sem oração, mas não pode existir oração sem fé.

Não aceitar as pequenas faltas

O mestre pediu aos seus discípulos que conseguissem comida. Estavam viajando, e não conseguiam se alimentar direito.

Os discípulos voltaram no final da tarde. Cada um trazia o pouco conseguido através da caridade alheia: frutas já podres, pães duros, vinho azedo.

Um dos discípulos, porém, trazia uma saca de maçãs maduras.

- Sempre farei sempre todo o possível para ajudar meu mestre e meus irmãos - disse ele, dividindo as maçãs com os outros.
- Onde você arranjou isto? - perguntou o mestre.
- Tive que rouba-las. Só queriam me dar alimentos velhos, mesmo sabendo que pregamos a palavra de Deus.
- Pois vá embora com suas maçãs, e não volte nunca mais - disse o mestre. – Os fins nunca justificam os meios, por mais nobres que sejam. Aquele que hoje rouba por mim, amanhã terminará roubando de mim.

O caminho do tigre

O homem caminhava pela floresta quando viu uma raposa aleijada. "Como ela se alimenta?", pensou. Neste momento, um tigre se aproximou, com um animal entre os dentes. Saciou sua fome, e deixou o que havia sobrado para a raposa.

"Se Deus ajuda a raposa, irá me ajudar também", refletiu. Voltou para sua casa, trancou-se, e ficou esperando que os Céus lhe dessem comida.

Nada aconteceu. Quando já estava ficando fraco demais para sair e trabalhar, um anjo apareceu.

- Por que você resolveu imitar a raposa aleijada? - perguntou o anjo. - Levante-se, pegue suas ferramentas, e siga o caminho do tigre!

O controle absoluto

Cada ser humano sabe a melhor maneira de estar em paz com a vida; alguns precisam de um mínimo de segurança, outros se entregam ao risco sem medo. Não existem formulas para viver o próprio sonho – cada um, ao escutar seu próprio coração, saberá a melhor maneira de agir.

O escritor americano S.Anderson sempre foi indisciplinado, e só conseguia escrever movido por sua própria rebeldia. Seus primeiro editores, preocupados com a situação de miséria que Anderson vivia, resolveram enviar um cheque semanal como adiantamento de sua próxima novela.

Depois de um mês, receberam a visita do escritor – que devolveu todos os cheques.

- Faz tempo que não consigo escrever uma linha - disse Anderson. - Para mim, é impossível trabalhar com a segurança financeira me olhando do outro lado da mesa.

Acreditando sem ver

Um imperador disse ao rabino Yeoschoua ben Hanania:
- Eu gostaria muito de ver o vosso Deus.
- É impossível - respondeu o rabino.
- Impossível? Então, como posso confiar minha vida a Alguém que não posso ver?
- Mostre-me o bolso onde tem guardado o amor por sua mulher. E deixa-me pesa-lo, para ver se é grande.
- Não seja tolo; ninguém pode guardar o amor num bolso - respondeu o imperador.
- O sol é apenas uma das obras que o Senhor colocou no universo e - no entanto - você não pode olha-lo diretamente. Tampouco pode ver o amor, mas sabe que é capaz de apaixonar-se por uma mulher ,e confiar sua vida a ela. Não lhe parece evidente que existem certas coisas em que confiamos sem ver?

O rosto oculto

Nasrudin foi até a casa de um homem rico, pedir dinheiro para obras de caridade.
Um pajem veio abrir o portão.
- Anuncie que o mullah Nasrudin esta aqui, e precisa de dinheiro para ajudar os outros - disse o sábio.
O pajem entrou, e voltou minutos depois.
- Meu senhor não está em casa.
- Então, permita-lhe que eu lhe deixe um conselho, mesmo que ele não tenha contribuído para as obras de caridade. Da próxima vez em que não estiver em casa, peça-o para não deixar o seu rosto da janela - senão as pessoas podem achar que ele está mentindo.

Num bar em Buenos Aires

Estou com a escritora venezuelana Dulce Rojas, tomando um café em Buenos Aires; discutimos sobre a idéia da paz, que tem andado muito distante do coração humano. Dulce então me conta a seguinte história:

Um rei ofereceu um grande prêmio para o artista que melhor pudesse retratar a idéia da paz. Muitos pintores enviaram seus trabalhos ao palácio, mostrando bosques ao entardecer, rios tranqüilos, crianças correndo na areia, arco-íris no céu, gotas de orvalho em uma pétala de rosa.

O rei examinou todo o material que lhe foi enviado, mas terminou selecionando apenas dois trabalhos.

O primeiro mostrava um lago tranqüilo, espelho perfeito das montanhas poderosas e do céu azul que o rodeava. Aqui e ali se podiam ver pequenas nuvens brancas, e, para quem reparasse bem, no canto esquerdo do lago existia uma pequena casa, a janela aberta, a fumaça saindo da chaminé – o que era sinal de um jantar frugal, mas apetitoso.

O segundo quadro também mostrava montanhas. Mas estas eram escabrosas, os picos afiados e escarpados. Sobre as montanhas o céu estava implacavelmente escuro, e das nuvens carregadas saiam raios, granizo e chuva torrencial.

A pintura estava em total desarmonia com os outros quadros enviados para o concurso. Entretanto, quando se observava o quadro cuidadosamente, notava-se numa fenda da rocha inóspita, um ninho de pássaro. Ali, no meio do violento rugir da tempestade, estava sentada calmamente uma andorinha.

Ao reunir sua corte, o rei elegeu esta segunda pintura como a que melhor expressava a idéia da perfeita paz.

E explicou:

- Paz não é aquilo que encontramos em um lugar sem ruídos, sem problemas, sem trabalho duro, mas o que permite manter a calma em nosso coração, mesmo no meio das situações mais adversas. Este é o seu verdadeiro e único significado.

Como aprende a girafa

Minha geração foi (bem) alimentada com as biografias escritas por Irving Stone, retratando homens como Michelangelo, Van Gogh ou Charles Darwin. Quando lhe perguntaram se havia algum traço que unisse estas pessoas, Stone respondeu:

" A maioria deles foi atacada, derrotada, insultada, e por muitos anos não chegou a lugar nenhum. Entretanto, cada vez que caíam por terra, tinham capacidade de recuperar-se e tentar de novo. Os grandes gênios são aqueles que nunca deram ao inimigo o poder de destruí-los."

O comentário de Stone fez um amigo meu lembrar-se de "A View from the Zoo", um interessantíssimo livro onde Gary Richmond traça paralelos entre o comportamento animal e humano. Em uma de suas mais agudas observações, está a descrição do processo de nascimento de uma girafa.

Para começar, o bebê despenca de uma considerável altura, batendo com toda força no solo. A mãe, com seu longo pescoço, move-se um pouco para o lado, e vê que a cria se debate para colocar-se de pé. Imediatamente, ela estende sua longa pata, e dá um chute não muito delicado, de modo que a girafinha termina rolando sobre si mesma. Vários chutes são dados, até que, já cansada, a recém-nascida consegue finalmente levantar-se, de modo a fugir daquele comportamento agressivo.

Neste momento, ao invés de ficar orgulhosa, a mãe tem uma atitude estranha: de novo chuta a sua cria, que cai e torna a levantar-se mais depressa.

Por que? Ela quer que a girafinha aprenda rápido que irá viver em um mundo cheio de leões, hienas, leopardos, caçadores.

Se não aprende logo a levantar-se quando cai, jamais irá poder desfrutar a vida que tem pela frente.

Glossário
(alguns dos temas abordados neste livro)

Ascetismo – Forma de vencer os desejos e as preocupações mundanas pelo sacrifício e pela mortificação, o ascetismo já era praticado por antigos filósofos gregos e romanos — em especial os estóicos. Já no início o cristianismo adotou práticas de desprezo pelas coisas materiais, levado ao extremo pelos eremitas que se retiravam para o deserto ou lugares ermos. Os Padres do Deserto e santos como São Bento e São Francisco foram importantes ascetas. Um caso extremo foi o de São Simeão Estilita, (c.390-c.459), que, para fugir do mundo e chegar mais perto de Deus, viveu 30 anos no topo de uma coluna (stilus, em latim); mesmo assim, passou a atrair mais gente, convertendo até a imperatriz bizantina Eudóxia. Buñuel fez um belo filme sobre ele, Simão do deserto. As formas principais de ascetismo são o celibato, o jejum, a autoflagelação e a pobreza — em suma, a renúncia e a austeridade. A ascese mística busca a identificação com Deus. Além do cristianismo, o budismo tem também práticas ascéticas de supressão dos desejos.

Beethoven, Ludwig van – (1770-1824) Para muitos o maior revolucionário da música ocidental, o compositor erudito Beethoven escreveu nove sinfonias e inúmeras outras obras, que representaram uma grande evolução relativamente às formas musicais que se praticavam até sua época. Começou a ficar surdo em 1798, antes de realizar suas principais composições, e é célebre o relato da apresentação da Coral, sua nona sinfonia, em 1824: como estava de frente para a orquestra e de costas para o público, tiveram de dar-lhe um tapinha no ombro para que se virasse e percebesse os aplausos do público.

Bramanismo – O bramanismo, ou hinduísmo, é a principal religião da Índia. Caracterizado pela tolerância e compaixão por todos os seres vivos, gerou inúmeras seitas. O próprio budismo, que chegou a se desenvolver bastante na Índia antes de conquistar China, Japão e outros países do Oriente, acabou sendo reincorporado como ramo do hinduísmo em seu país de origem: Buda é considerado a nona encarnação de Vishnu, que com Brahma e Shiva forma a trindade suprema dos deuses hindus. Além dessas, o bramanismo tem milhares de divindades, e há seitas que vêem em cada ser vivo um deus. A religião também se caracteriza pelo tradicional sistema de castas, e sua tolerância tem sido posta em causa nos conflitos com os sikhs e nos recentes ataques de fanáticos a cristãos.

Buda – (Nome real: Sidarta Gautama; c.563-c.483 a.C.) Príncipe herdeiro do antigo reino de Çakya, na fronteira do Nepal com a Índia, conta-se que quando Sidarta nasceu os brâmanes previram que se tornaria rei do mundo; se, porém, seguisse a vida mística, seria um buda (ou “iluminado”), como já se dizia na época. Criado no luxo e protegido de todo sofrimento, o príncipe se casou aos dezesseis anos. Aos vinte e nove, porém, saiu do palácio e conheceu a velhice, a doença e a morte. No mesmo dia, soube que se tornara pai, mas decidiu, mesmo assim, sair do palácio em busca da espiritualidade superior. Depois de um período de práticas ascéticas junto a mestres brâmanes, alcançou a

iluminação aos trinta e cinco anos, enquanto meditava embaixo de uma árvore, tornando-se o Buda. A partir de então, passou a ensinar e predicar sobre as formas de superar o sofrimento e o ciclo de vida, morte e renascimento. Seus ensinamentos foram sistematizados por seus seguidores de modo a constituir uma religião nova, o budismo.

Buscaglia, Leo –Autor norte-americano.

Caminho de Roma – Um dos quatro caminhos sagrados da tradição mágica. Os peregrinos que o fazem, “romeiros”, e o ato de realizá-la, “romaria”, têm o nome derivado da cidade que é seu destino — mas a palavra tem sido usada para designar excursões religiosas em geral. Os outros tres caminhos são : Santiago, Jerusalém, e um caminho desconhecido, que só é revelado aos que terminam as tres peregrinaçoes anteriores.

Cocteau, Jean – (1889-1963) O francês Jean Cocteau procurou reviver o ideal do artista do Renascimento. Como Leonardo da Vinci, pretendeu abarcar as áreas mais distintas da arte, tendo sido escritor, pintor e diretor de cinema. No início, foi viciado em ópio e teve de ser internado para se curar. Entre outros trabalhos, pintou afrescos para igrejas.

Confúcio – (551-479 a.C.) Mestre chinês que organizou os antigos textos clássicos chineses, como o I ching, e lhes deu a redação definitiva. Para combater a corrupção e a miséria (moral e material) da China de sua época, criou uma série de preceitos éticos e morais, que permearam a sociedade chinesa durante dois mil anos. O culto dos ancestrais, os princípios de sinceridade e reciprocidade e a idéia de que só pode governar quem é capaz de promover o bem-estar do povo são pilares de seu sistema de idéias. Esse conjunto de preceitos tornou-se a religião confucionista, seguida pela imensa maioria dos chineses, até que a Revolução Comunista, ocorrida em 1949, passou a persegui-la.

El Greco – (Nome real: Domenikos Theotokopolus; 1541-1614) El Greco nasceu na ilha grega de Creta. Esse território pertencia a Veneza na época, e Domenikos se mudou aos dezenove anos para lá, onde estudou pintura com o famoso Ticiano. Na década de 1570, transferiu-se para a Espanha. Aí realizou seus principais quadros — muitos dos quais de cenas religiosas —, que o fizeram passar para a história como um dos principais pintores espanhóis. Até hoje sua obra é objeto de polêmica, pela expressividade incomum de suas figuras humanas alongadas; no entanto, seu domínio técnico era inegável. É considerado um pintor de grande espiritualidade.

Epictetus – (Em português, Epicteto; c.55-c.135 d.C.) Escravo romano que, liberto, se tornou um dos grandes filósofos de Roma. Seguiu as idéias da escola grega do estoicismo, que propunha viver de acordo com a natureza, ou seja, “levar a vida como ela é” — máxima que servia para ajudar as pessoas a vencer as adversidades. Epicteto influenciou os pensadores cristãos, e sua lema era: “Agüente e abstenha-se”.

Ermitão – Ermitão, ou eremita, é aquele que escapa para o “ermo”, ou local deserto, inóspito, para se dedicar às orações e à meditação. Nos primeiros tempos do

cristianismo, vários homens e mulheres se tornaram eremitas. Santo Antão (cujo caso se tornou célebre devido às tentações que o Demônio lhe fez) passou dezoito anos no deserto, praticando o jejum e a contemplação mística, até decidir que seria melhor e mais cristão voltar à vida piedosa em comum com outras pessoas, praticando o bem. Com seus seguidores, esse ermitão se tornou o grande iniciador da vida monástica. O primeiro eremita do cristianismo, porém, foi São Paulo de Atenas, do século III.